Diário de Lisboa

ANO 55.º/18870 — 4$00

QUINTA-FEIRA 18 SETEMBRO 1975

Fundador **Joaquim Manso** — Director **A Ruella Ramos** — Director-adjunto **José Cardoso Pires**

M.D.P./C.D.E.

RECUO TORNA-SE PREOCUPANTE

Pág. 7

NOVOS SALÁRIOS DOS SERVIDORES DO ESTADO

Pág. 2

A LUTA POR UM GOVERNO

DIFICULDADES (QUASE) ULTRAPASSADAS

• Já conhecidos alguns ministros militares

. As dificuldades para a formação do VI Governo Provisório parecem estar definitivamente ultrapassadas, com a aceitação, em princípio, de uma certa forma de proporcionalidade na atribuição das pastas ministeriais pelos três partidos maioritários. Em meios ligados à Presidência da República admite-se como muito provável que a constituição do elenco ministerial seja anunciada amanhã.

Entretanto, as conversações continuaram hoje em Belém, onde, desde as 11,30 o general Costa Gomes e o almirante Pinheiro de Azevedo se encontram reunidos com delegações do P.S. (Mário Soares, Lopes Cardoso e Jorge Campinos) e do P.P.D. (chefiada por Magalhães Mota). Antes desta reunião se iniciar Pinheiro de Azevedo esteve alguns minutos, em separado, com os pêpêdês. Simultaneamente, e para discutir questões ligadas com a política de Informação, Ramiro Correia, delegado pessoal de Pinheiro de Azevedo para os assuntos da Comunicação Social, reuniu-se com representantes do P.S. e P.C.

Enquanto se ultimam os últimos promenores e se limam as dificuldades ainda existentes, meios que nos merecem todo o crédito informaram que para além dos Negócios Estrangeiros, a cargo de Melo Antunes, são já conhecidos os outros ministérios que ficarão sob a responsabilidade de militares: Administração Interna, Trabalho e Comunicação Social. Os nomes apontados e que nos foram dados como certos, são o comandante Almeida e Costa, para o M.A.I., e o capitão Almeida, que em Angola foi secretário de Estado do Trabalho e em Lisboa secretário de Estado da Administração Escolar. Apenas a Comunicação Social ainda não tem ministro conhecido, embora se fale muito no major Loureiro dos Santos.

A confirmar estas informações há ainda a posição de Pinheiro de Azevedo, que, ontem à tarde, na sua comunicação à Assembleia do M.F.A. da Armada se teria mostrado francamente optimista quanto à saída rápida do impasse em que as conversações pareciam ter caído, esperando anunciar a constituição do elenco governamental muito brevemente. Ao que conseguimos apurar, na reunião havida à noite em Belém com a presença de representantes do P.P.D., estes teriam, surpreendentemente, exigido a pasta das Finanças, que estaria já atribuída a outras

Continua na pág. 20

HOJE, EM LISBOA

MANIFESTAÇÃO POPULAR CONTRA AS MANOBRAS DO CAPITAL

. Com a adesão de centenas de comissões de trabalhadores e moradores e da central sindical portuguesa, realiza-se hoje à tarde, em Lisboa, uma grande manifestação popular unitária, rigidamente apartidária», que tem como lema «Na unidade os trabalhadores avançam».

A concentração efectua-se no Terreiro do Paço, a partir das 18 e 30, iniciando-se o desfile uma hora depois, com destino ao Parque Eduardo VII, onde o secretariado organizador da manifestação procederá à leitura de um manifesto. Não estão previstas intervenções de oradores, aguardando-se, no entanto, a apresentação de moções de apoio aos povos espanhol, chileno, angolano e brasileiro.

Os organizadores esperam que, no desfile, se incorporem delegações de trabalhadores rurais alentejanos, dos pescadores de Sesimbra e Peniche, de soldados e marinheiros, bem como trabalhadores, militantes progressistas e activistas sindicais.

A manifestação, promovida por um secretariado provisório, constituído por 40 comissões de trabalhadores de algumas das principais empresas da região da Grande Lisboa, deram já o seu apoio diversas organizações políticas de esquerda, que não poderão fazer-se representar enquanto tal.

Assim, a Frente de Unidade Revolucionária (Secretariado Provisório da Plataforma 25 de Agosto, subscrita pelo M.E.S., F.S.P., M.D.P., P.C.P., L.U.A.R., L.C.I. e P.R.T.) divulgou um apelo «à participação da classe operária e do povo trabalhador da região de Lisboa», alertando, no entanto, para o carácter defensivo de algumas palavras de ordem».

A F.U.R. considera que «a palavra de ordem *Por um Governo de defesa das conquistas revolucionárias* é incorrecta por não ser clara na denúncia do VI Governo Provisório, do seu programa e da viragem à direita que representam», e que «o único Governo que pode defender as conquistas revolucionárias é um Governo de unidade revolucionária».

«Quando a ofensiva da burguesia passa pela imposição de um Governo de direita», lê-se em comunicado da F.U.R. aos órgãos de Informação, «é de extrema gravidade que os órgãos de poder popular possam ser comprometidos com posições menos claras a respeito de questões tão importantes».

Apesar destas reservas, a F.U.R. «apela a que os órgãos de poder popular façam desta manifestação uma grandiosa jornada de luta», e reafirma a disposição de apoiar vigorosamente «todas as realizações *efectivamente unitárias*» promovidas por aqueles órgãos, «na medida em que elas constituam avanços nas lutas dos trabalhadores».

O Movimento de Esquerda Socialista também apoia a manifestação, apresentando, no entanto, reservas idênticas às da F.U.R. O Secretariado da Organização Regional de Lisboa deste partido considera «decisivo» que os órgãos de poder popular «avancem acções unitárias que dêem corpo a uma forte ofensiva popular em que, sob a direcção da

Continua na pág. 20

ESPANHA:

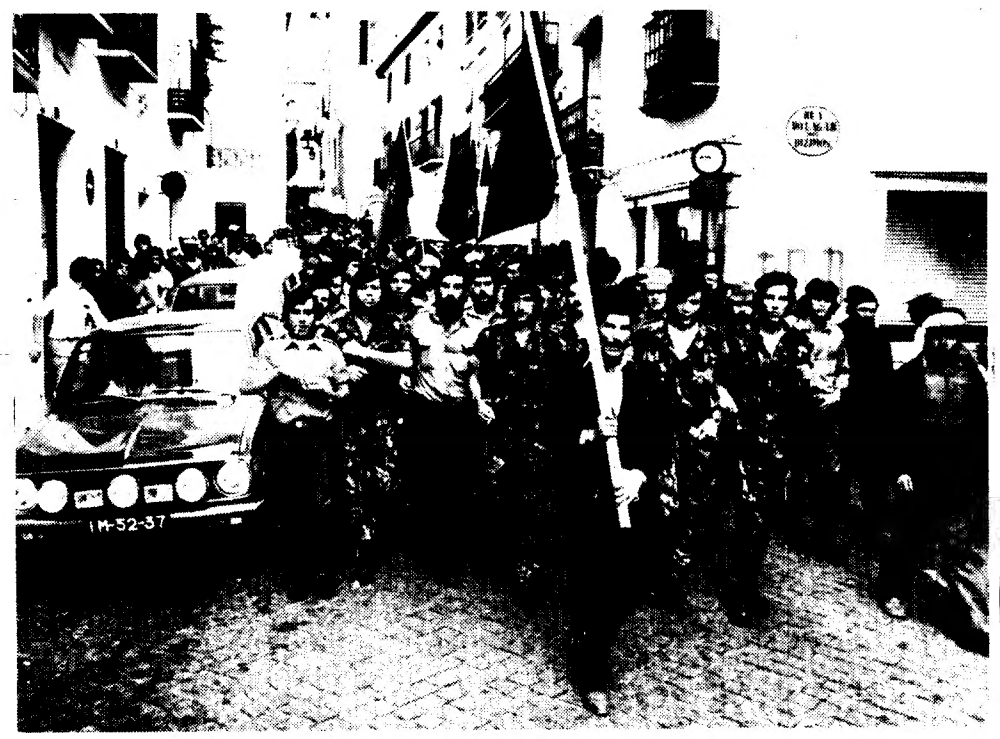
MAIS CINCO CONDENAÇÕES À MORTE

. MADRID, 18 — (R.) — Foram condenados à morte cinco dos seis guerrilheiros urbanos julgados ontem em tribunal militar em Madrid pela morte de um polícia no mês passado — revelam círculos ligados à defesa.

Ao sexto réu foi atribuída uma pena de 20 anos de prisão.

As sentenças foram transmitidas ao capitão-general da Região Militar de Madrid, que poderá assiná-las ou ordenar a repetição do julgamento — acrescentam.

Entre os condenados figuram duas jovens que, segundo afirmaram os seus advogados, estão grávidas.



ALENTEJO EM LUTA

POVO TRABALHADOR SABE O QUE QUER

Pág. 5

20 PÁGINAS

Nacional

COSTA MARTINS "ARRUMA A CASA"

Publicados 26 novos contratos

A Direcção-Geral das Relações Colectivas de Trabalho (Ministério do Trabalho), no intuito de esclarecer os interessados, divulgou a lista de 26 instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho, mandados publicar por despacho ministerial.

Antes da entrada em funcionamento do VI Governo Provisório, a equipa do Ministério do Trabalho, faz avançar todos os contratos que estavam ainda pendentes daquele Ministério. Conclui-se deste modo um dos períodos mais dinâmicos, desde o 25 de Abril, do Ministério do Trabalho que ficará ligado a muitas conquistas dos trabalhadores, à frente das quais a unicidade sindical hoje aceite por todos os sindicatos. Mesmo as novas direcções apoiam a unicidade. Foi lançada a batalha da produção e os trabalhadores aderiram com entusiasmo. Salvo alguns partidos.

A equipa que irá tomar conta da pasta do trabalho (parece que ninguém a quer) terá a seu cargo de fazer cumprir as novas tabelas salariais. Outros sindicatos preparam-se para apresentar novos contratos de trabalho. Sacrificar-se para quê e para quem? — perguntam ja os trabalhadores. A próxima fase da luta, e decisiva, passa também pelo Ministério da Praça de Londres. Ninguém tem dúvidas.

Aqui fica a lista dos novos contratos de trabalho:

A.C.T. da TAP (empresa e sindicatos dos trabalhadores ao seu servico).

A.C.T. da Sociedade Estoril (empresa Estoril e vários sindicatos representativos dos trabalhadores).

A.C.T. da Sociedade Fomento Industrial (empresa Sociedade Fomento Industrial e respectivos trabalhadores).

A. C. T. do comércio retalhista de Leiria — empregados de escritório e caixeiros (Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Leiria e Grémios: Associação de Comércio de Alcobaça, Bombarral, Caldas da Rainha, Óbidos, Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Leiria, Batalha, Porto de Mós, Marinha Grande, Nazaré, Pedrógão Grande, Peniche e Pombal).

A. C. T. da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo da Batalha (Sindicato dos Bancários de Coimbra e Caixa de Crédito Agrícola Mútuo da Batalha).

A.C.T. da pesca longinqua — electricistas não tripulantes (Associação dos Armadores da Pesca Longínqua e Sindicato dos Electricistas do Centro).

C. C. T. da Indústria de Madeiras — alterações (União dos Sindicatos das Indústrias de Marcenaria, Carpintaria e Serracão de Madeiras e Grémio das Indústrias de Madeira).

A.C.T. dos Telefones de Lisboa e Porto — alterações empresa T.L.P. e vários sindicatos representativos dos trabalhadores da empresa).

C. C. T. dos Editores e Livreiros do Porto — empregados de escritório (associações patronais — editores e livreiros, indústrias gráficas e transformadoras de papel e sindicatos dos trabalhadores de escritório do Porto).

C. C. T. dos fabricantes de Armações para Optica Ocular e Sindicato das Indústrias Armações para Optica Ocular e Sindicato das Indústriais Químicas do Norte).

C. C. T. para a indústria de massas alimentícias, bolachas e chocolates (Grémio dos Industriais de Massas Alimentícias, Bolachas e Chocolates e Sindicato dos Técnicos de Vendas do Porto).

A.C.T. do Metropolitano (empresa Metropolitano e os trabalhadores ao seu serviço).

A. C. T. da Carris (Companhia Carris de Lisboa e sindicatos representativos do seu pessoal).

C.C.T. para a indústria de moagem, panificação e massas do Porto (Sindicato Livre dos Trabalhadores de Panificação, Moagem, Massas e Similares do Porto e várias associações e empresas).

C. C. T. dos botões — operários das indústrias químicas (sindicato dos Operários das Indústrias Químicas do Norze e Grémio dos Industriais de Botões).

C. C. T. da Imprensa não diária (Grémio da Imprensa não diária e Sindicato dos Empregados de Administração e Revisores de Imprensa).

A.C.T. da indústria hoteleira do Funchal (Sindicato dos Empregados da Indústria Hoteleira e Profissões Anexas do Distrito do Funchal e várias empresas hoteleiras do mesmo distrito).

C. C. T. dos agentes de navegação do Centro de Portugal — descarregadores de Setúbal (Associação Agentes de Navegação do Centro de Portugal e descarregadores de mar e terrra de Setúbal).

A. C. T. dos conferentes marítimos de Ponta Delgada (Sindicato dos Estivadores e Ofícios Correlativos do Distrito de Ponta Delgada e várias entidades patronais).

C.C.T. da indústria de confeitaria do Norte — aditamento (Associação dos Industriais de Conservas do Norte e os trabalhadores ao seu serviço).

C. C. T. dos fabricantes de material eléctrico — protocolo e o texto da arbitragem (Grémio dos Fabricantes de Material Eléctrico e vários sindicatos).

C.C.T. da indústria de cartonagem.

C. C. T. das conservas de peixe e portaria que alarga o seu âmbito às empresas e trabalhadores do Sul do País.

C. C. T. dos editores e livreiros (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros — entre outros — Associação Portuguesa de Industriais Gráficos e vários sindicatos).

C. C. T. para os empregados de escritório e correlativos da Indústria de cerâmica (Grémio dos Industriais de Cerâmica e Sindicatos dos Empregados de Escritório, Telefonistas, Cobradores, Contínuos e Porteiros).

Portaria de regulamentação de trabalho (vertical) para as indústrias metalúrgica e metalo-mecânica.

Reviravolta no comando da Região Militar do Norte

Uma viragem (quase) inacreditável, terão pensado quantos ouviram, ontem, numa sala do Quartel General da Região Militar do Norte, a primeira comunicação pública do brigadeiro Pires Veloso, novo comandante daquela R. M.

Saudando o seu antecessor, brigadeiro Corvacho, há dias exonerado do cargo, tal como o P.S. exigira em comunicados e numa manifestação para o efeito realizada, Pires Veloso demarcou bem a sua posição, que colide frontalmente com a do anterior comandante da Região.

Assim, dizendo dos seus propósitos de fazer respeitar a vontade popular numa perspectiva revolucionária fiel ao 25 de Abril e afirmando que «não será consentida a interferência externa em assuntos que digam respeito unicamente às forças militares», o brigadeiro Veloso referiu-se à dinamização cultural nestes termos: «uns tantos que, de há uns tempos a esta parte foram mandados de fora percorrer o País em missões de esclarecimento mas que, por uma actuação menos feliz, confundiram as ideias do povo».

Quanto à onda de violência que se gerou no Norte do País, à sabotagem económica, às ocupações, aos ataques às sedes de partidos progressistas, o novo comandante da R. M. N. disse pensar que tais actos resultam, em seu entender, «de forças que espontaneamente brotaram no seio da população».

Pires Veloso, brigadeiro, saudou Corvacho no início da sua comunicação. É costume, nestas ocasiões. Mas os que acreditaram em Corvacho, que pensarão das palavras do novo comandante?

ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

Para trabalho igual salário igual

Os deputados P.C.P. vão voltar a participar no período que precede a Ordem do Dia, nas sessões da Assembleia Constituinte. Este regresso deveria ter-se registado ontem, estando, para o efeito, inscritos para usarem da palavra Octávio Pato, Vital Moreira, Dias Lourenço e Carlos Brito. Tal não veio a acontecer, porém, e os referidos deputados c

dência que cancelavam as suas inscrições. Ao que parece, os quatro deputados do P.C.P. tencionavam referir-se à actual situação político-militar, sendo possível que o cancelamento das suas intervenções tenha tido como motivo evitar prejudicar as actuais negociações para a formação do VI Governo.

Com a ausência do P.C.P., ficaram, mesmo assim, 8 deputados inscritos para o uso da palavra: o P.P.D., com cinco intervenções, (Abel Carneiro, Roleira Marinho, José Lopes, Luis Biscaia e José Bento Gonçalves), o P.S. com duas (Florival Nobre e Manuel João Vieira) e o C.D.S., com uma (Pires de Morais).

Na Ordem do Dia continuaram em discussão os artigos referentes aos direitos dos trabalhadores, incluídos no Título III, capítulo I. Foram aprovados os artigos 3.º (Garantia do direito ao trabalho), 4.º (Direitos dos Trabalhadores), 5.º (Obrigações do Estado em assegurar os direitos dos trabalhadores) e eliminado o sexto, por propostas de José Luís Nunes (P.S.), dado que o aditamento de três alíneas ao artigo anterior fazia com que se não justificasse a sua existência.

Dos artigos aprovados, salienta-se o que legaliza o princípio de que «para trabalho igual, salário igual» (artigo 4.º), cujo texto ficou com a seguinte Redacção:

. «Todos os trabalhadores, sem distinção de idade, sexo, raça, nacionalidade, religião ou ideologia, têm direito:

. a) A que o seu trabalho seja retribuído, segundo a sua quantidade, natureza e qualidade, observando o princípio «para trabalho igual, salário igual», e de forma a garantir uma existência digna.

b) a que o trabalho seja organizado em condições socialmente dignificantes e de molde a facultar a realização pessoal;

. c) a que o trabalho seja prestado em condições de higiene e segurança adequadas;

. d) ao repouso e aos lazeres, a um limite máximo da jornada de trabalho, bem como ao descanso semanal e a férias periódicas pagas.»

Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa

A TODOS OS PROFESSORES

Realiza-se, hoje, com concentração no Terreiro do Paço, às 18.30, uma MANIFESTAÇÃO antifascista e pelo avanço da Revolução contra as manobras da direita reaccionária convocada por 40 Comissões de Trabalhadores da cintura industrial de Lisboa. Esta manifestação, unitária e apartidária, já foi apoiada por dezenas de Comissões de Trabalhadores e de Moradores, por grande número de Sindicatos e pela U.S.L.

A Comissão Directiva Provisória convida todos os professores a integrarem-se nesta Manifestação cujos objectivos vêm no seguimento das posições de todos os professores progressistas desde antes do 25 de Abril.

POR UMA GRANDE MANIFESTAÇÃO DA FORÇA POPULAR!

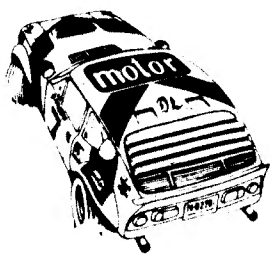
TODOS AO TERREIRO DO PAÇO ÀS 18.30!

Concentração do Sindicato na entrada da Rua da Prata.

A COMISSÃO DIRECTIVA PROVISÓRIA

Lisboa, 18 de Setembro

Pela CDP
Paula Varela Gomes



FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS A NOVA TABELA SALARIAL

Foi publicado no «Diário do Governo» de hoje o decreto-lei que estabelece os novos vencimentos dos trabalhadores civis do Estado. Trata-se do reajustamento salarial para os trabalhadores da função pública que o V Governo Provisório em sua vigência havia p r o posto oportunamente. O diploma foi promulgado em Belém e o texto que vem a público na folha oficial corresponde ao que saira da reunião do Conselho de Ministros sob a presidência de Vasco Gonçalves. No tempo que o diploma demorou entre S. Bento e Belém, inúmeros protestos entretanto se levantaram, pedindo a promulgação imediata do diploma. Foi promulgado no dia 13, pelo general Costa Gomes e tem efeitos rectroactivos a partir de 1 de Maio. As diferenças devidas aos trabalhadores e referentes a estes meses que decorreram serão liquidadas em partes iguais, arredondadas, nos meses de Setembro, Outubro e Novembro. São abrangidos pelo decreto os trabalhadores civis do Estado da administração central, local e regional na efectividade de serviço.

Segundo o diploma, o ordenado mínimo (letra V) passa a ser de 4.000$00, e o máximo (letra A), de 18.900$00.

Um percurso pela escala das letras, de B a U dá-nos a saber que serão abonados, a partir de 1 de Maio de 1975, os seguintes vencimentos:

A-	18.900$00;	B-17.200$00;
C-	15.500$00;	D-13.900$00;
E-	12.900$00;	F-12.000$00;
G-	11.000$00;	H-10.200$00;
I-	9.400$00;	J-8.700$00;
K-	8.000$00;	L-7.800$00;
M-	7.200$00;	N-7.000$00;
O-	6.700$00;	P-6.400$00;
Q-	6.100$00;	R-5.800$00;
S-	5.500$00;	T-5.200$00:
U-	5.000$00;	V-4.000$00.

O diploma estabelece ainda mudanças de letras relativamente à tabela salarial anteriormente aprovada e agora anulada. Assim, os trabalhadores anteriormente integrados nas letras T e U são integrados na letra S. As letras V e X são integradas na letra T. A letra Y corresponde na tabela presente, à letra U.

Ainda uma referência aos vencimentos de paquetes, aprendizes e praticantes com menos de 20 anos de idade: eles são actualizados com efeitos a partir de 1 de Maio de 75, segundo dois critérios: 1 — os que usufruem de remuneração igual ou inferior a 3.000$00 mensais, terão um aumento de 30 por cento, garantindo-se-lhes um mínimo de 3.500$00; os que têm rymunerações iguais ou superiores a 3.300$00 beneficiarão de um aumento de 25 por cento.

post scriptum

Afirmações a propósito de Sousa e Castro

O sr. capitão Sousa e Castro é um dos subscritores do documento dos «nove».

(...) O sr. capitão Sousa e Castro é contra todas as Assembleias do Exército.

O sr. capitão Sousa e Castro foi a uma Assembleia do Exército.

O sr. capitão Sousa e Castro não foi à Assembleia do M. F. A..

(...) O sr. capitão Sousa e Castro quer regressar à clássica disciplina e hierarquia do exército.

(...) O sr. capitão Sousa e Castro quer que o Exército seja depurado de todos os elementos ligados ao Partido Comunista ou a grupos extremistas de esquerda.

Perante todas estas cambalhotas do sr. capitão Sousa e Castro, apenas recordamos aquela do «31»: «Então 31, qual é a tua mão direita?». «Não sei, o meu sargento baralhou-as».

Joaquim João — Lisboa

Carta aos soldados

«Vi, aquando do 11 de Março, com estes olhos que hoje usam óculos necessários pelos maus tratos sofridos na injusta guerra que movemos aos nossos irmãos angolanos, os aprumados pára-quedistas da nossa Força Aérea chorarem de vergonha pelo logro em que tinham caído, ao deixarem que burgueses reaccionários, através da intriga e falsas palavras, os tivessem levado a fazer fogo sobre os seus irmãos de condição, os heróicos militares do RAL 1.

Ouvi, com estes ouvidos que também perderam a saúde, os nossos «páras» dizerem que a sua boina fora desonrada por terem sido levados àquela triste situação.

Agora, povo soldado, depois deste exemplo que bem pode servir para esclarecer as nossas consciências, não poderemos voltar a ver o desespero dos verdadeiros revolucionários do nosso Exército, não poderemos voltar a ouvir a lamentação de que as nossas fardas ficaram manchadas.

Soldados de Portugal, a única voz que vos deverá dar ordens é a do progresso, a do Povo Português, que tão martirizado tem sido por déspotas despudorados que, para atingirem os escaparates e os grandes títulos dos jornais, não se preocupam com quantos possam morrer ou continuar na miséria e na ignorância, desde que o resultado seja o seu bem-estar pessoal e o daqueles que os financiam: o grande capital, nacional e internacional.

Atenção, pois, soldados de Portugal. A verdade só é clara quando expressa da forma como o fizeram os nosso «páras», depois da intentona do 11 de Março.

Na gíria militar diz-se: «Conhaque é conhaque, serviço é serviço». Mas serviço, quando indicado por oficiais e sargentos que não se importem de perder os seus privilégios de classe.»

Lourenço Correia — Lisboa

□ *Sr. Lourenço, os seus olhos e os seus ouvidos não estão tão mal como diz...*

A quem de direito

«Querida Revolução

Escrevi-te em 26 de Abril de 1974 para te saudar, após 48 anos de espera saturante, amando-te no meio de silêncios vigiados, escondendo o rosto como um adolescente tímido (quando falar de ti era considerado um acto heróico e um desafio a terríveis algozes).

Não voltei a escrever-te, Revolução, pelo grande trabalho que tu própria nos tens dado, pelas horas de sono que nos tens roubado, pelos sustos de perder-te, em horas amargas que, enfim, fomos vencendo.

Mas estou triste nesta hora, Revolução, nesta hora em que pareces querer abandonar todos os que por ti se têm sacrificado honestamente. Julgava-te mais fiel, ainda assim; pois sempre acreditei que a sedução de riquezas efémeras e as palavras ardilosas que certos sedutores te ciam aos ouvidos, te não corromperiam tão profundamente.

Foste magnânima para eles, é certo — distribuíste-lhes «estrelas» em profusão, mas nem sempre escolheste os amantes certos.

Vejo-te por aí agora, comprometida em pequenos segredos palacianos, caindo de armadilha em armadilha, para te perderes no calor de alcovas suspeitas, como uma adolescente sem experiência.

... Tu, que andaste pelas ruas em Maio, mãos dadas com o povo que te vangloriava e te enchia a fronte de cravos vermelhos... Tu, que entraste nos casebres húmidos e fétidos de humildes proletários... Tu, que cheiravas a húmus e a seiva, consentes perder-te em companhias dúbias, sob falsas promessas de amantes corruptos.

Estou triste nesta hora. Revolução, por que não vês as lágrimas azedas no rosto das crianças famintas deste País, porque não sentes a raiva incontida do camponês pobre que em ti depositava toda a esperança, porque não vês que a mais severa repressão te sucederá contra aqueles que agora abandonaste.

Ouve, Revolução, suplico-te: salva-te, salvando-nos. E anda, dá-nos de novo as tuas mãos seguras e vem connosco juncar-te de cravos vermelhos, vem! Abril de flores, escutar as nossas palavras de ordem, por entre punhos erguidos... Mas não deixes, Revolução, não deixes prostituir-te!

Luís Eugénio Ferreira — Santarém

□ *Anda, Revolução, vem!*

O CERCO COMEÇOU...

MANUEL ANTA

. Como hoje, antes do 28 de Setembro de 1974, assistia-se em Portugal a um regresso lento, mas nítido, à situação anterior ao 25 de Abril. Enquanto o povo lutava para uma sociedade melhor a burguesia aguçava as suas facas... Com a «revolta dos capitães», o fascismo tinha perdido uma batalha, mas pretendia ganhar a guerra. Esta tarefa era-lhe facilitada com a presença, no Poder de Spínola e de muitos outros que, nas costas do povo, punham a mesa ao fascismo.

O 28 de Setembro e o 11 de Março, com a vitória das forças populares, foram marcos que travaram momentaneamente este processo. Com duas batalhas principais e com duas derrotas, o fascismo possuía elementos e uma experiência que tinha que levar em conta. Foi precisamente aquilo que ele fez.

Rico das lições assim obtidas, o fascismo adopta a partir deste momento novas tácticas, novas formas e conquista novas praças. A ofensiva recomeça. Ofensiva com inúmeras fases e que recebe gbrande ajuda com a campanha anticomunista — e não anti-P. C.! — da social-democracia e dos seus aliados objectivos, com o Plano de acção Política, com a queda do V Governo e — sobretudo — com as eleições burguesas de Abril 1975.

«O despertar de um povo não é coisa fácil. Para desembaraçar o povo das suas ideias erradas, necessitamos de fazer sérios e consideráveis esforços. A poeira nunca desaparece se não a varrermos. Devemos efectuar um vasto trabalho de propaganda e de educação no seio das massas populares, a fim de que elas conheçam a situação real (...) e que elas tomem confiança nas suas próprias forças...» (Mao Tsé-tung, «A situação e a nossa política política, 1945).

Os grandes «democratas» deste País quiseram eleições porque, segundo eles, «só com eleições se pode construir um País democratico». Basta olhar para a maioria da Assembleia Constituinte para ver a piada que podem ter afirmações como esta... Basta olhar para a maioria da Constituinte para ver os «democratas» que por lá andam e a «democracia» que ali se tenta construir...

A democracia burguesa só é democrata para aqueles que fazem parte da classe dominante. Jamais, em tempo algum, nem em nenhum lado, a burguesia esqueceu, o que é óbvio os seus intereses de classe. Que saibamos, os interesses burgueses colidem violentamente com os interesses das classes trabalhadoras. Se os grandes arautos da «democracia» quiseram as eleições foi para criar divisões e para separar o Povo esclarecido do povo pouco ou nada esclarecido. A burguesia sabia bem que só podia fundar o seu poder sobre estas divisões e o fascismo sempre se construiu sobre as divisões que podiam existir no seio do Povo.

Actualmente assiste-se a uma ofensiva generalizada contra as conquistas das massas populares e contra o movimento revolucionário.

As palavras de ordem fascistas chegam até nós por intermédio de certos representantes da burguesia ou por intermédio dos seus aliados incondicionais: apologia da família, da ordem, das tradições «bem portuguesas», da disciplina, da hierarquia, da disciplina dentro das casernas e «tutti quanti»...

Quer-se construir um Governo com base na «defesa da legalidade democrática», quere-se «reforçar a autoridade do Governo», quere-se combater as actividades contra-revolucionárias», quere-se «garantir o funcionamento da Assembleia Cconstituinte», quer-se a «legalidade dos saneamentos» quere-se «publicar uma legislação severamente punitiva dos grupos civis armados», quere-se, numa palavra, reforçar o poder da burguesia e instalar a exploração das massas populares como norma governativa deste País...

É isso que se pretende e quer, senão vejamos. **Defesa da legalidade democrática.** Qual é a democracia que existirá no VI Governo? Quem compõe esse futuro Governo? Que saibamos, ele será composto. **na sua maioria,** por partidos burgueses. Pretende-se pois com a «defesa da legalidade democrática» defender, nada mais nada menos, a legalidade burguesa. **Reforçar a autoridade do Governo** significa, visto que ele é burguês, reforçar os interesses da classe que o compõe!

. «Combater as actividades contra-revolucionárias». Quais actividades contra-revolcionárias? As que dizem respeito às actividades fascistas antipopulares ou às actividades revolucionárias contra a burguesia exploradora e sinónimo de opressão?

. «Garantir o funcionamento da Assembleia Constituinte». Garantir esse funcionamento é garantir uma constituição burguesa que terá por fim dar um arsenal jurídico à burguesia para melhor poder reprimir o proletariado eo movimento revolucionário. **Legalidade dos saneamentos.** Esta manobra é clara e bem conhecida. Trata-se se de dar à burguesia a possibilidade de repor no «circuito» todos aqueles que o Povo pôs na rua. Trata-se de sanear à esquerda como é hábito nestes tempos que correm... **Publicação de uma legislação severamente punitiva dos grupos civis armados.** Mais uma, e das boas! Trata-se do quê? De desarmar as massas populares para que então a burguesia e os seus apêndices possam tranquilamente liquidar a Revolução...

O fascismo não cai do céu: nasce quando a classe dominante começa a sua escalada na guerra contra-revolucionária de classe — e esta começou — que ela declara ao proletariado e ao movimento revolucionário, que cada dia que passa a inquietam mais. O fascismo é a reacção da burguesia contra a revolução que caminha para a vitória. Para que o fascismo seja uma força é-lhe necessário não só que a burguesia lhe abra as portas, mas também um apoio sobre as lutas e as revoltas das classes médias e do campesinato.

Se o fascismo para ser uma força necessita de um apoio de massas, para vencer tem necessidade dos erros do proletariado e do movimento revolucionário. Se a Revolução comete o erro de se deixar isolar e de perder a pequena burguesia e o campensinato, então ela dará ao fascismo a possibilidade de recuperar e anexar essas camadas que são parte integrante do Povo.

Se não nos dedicamos — já! — a criar uma unidade com essas camadas populares cometemos um erro de graves consequências. Perder uma batalha são coisas que acontecem sem que a guerra esteja perdida.

Perder uma classe é fatal! Perder os camponeses pobres do Norte, os retornados, os milhares de desempregados, os pequenos funcionários, é comprar um bilhete de ida — sem volta! — para o fascismo.

A chave do êxito da Revolução encontra-se situada na unidade cidade-campo. Numa unidade com luta, porque a unidade sem luta e a luta sem unidade não são mais nem menos que trunfos importantes e decisivos que se dá ao fascismo. Se o proletariado e o movimento revolucionário não conseguem unir as diferentes revoltas do Povo quem aproveitará esta situação será o fascismo que anexando estas revoltas do Povo quem aproveitará esta situação será o fascismo que anexando estas revoltas esmagará — ideologicamente, politicamente e militarmente — as forças empenhadas no processo revolucionário. Ou nos unimos e vamos para a frente numa luta de morte contra o fascismo e contra a burguesia, neste momento em que o martelar das botas fascistas nos soa cada vez mais aos ouvidos, ou, se não podemos começar a cavar imediatamente a nossa própria sepultura...

O TIO SAM VIRA A CASACA

Por JACQUELINE GRAPIN

. Ao aproximar-se do século XXI, o Tio Sam prepara-se para virar a casaca. A sua América «civiliza-se», isto no sentido de procurar o caminho de uma certa desmilitarização, tornando-se assim a um tempo mais civil e mais social. Claro que não são estranhos ao facto os dissabores sofridos no Vietname. Gastaram-se nessa guessa uns 150 biliões de dólares, isto é, o equivalente da produção anual, total, do Canadá, foram destruídos 3700 aviões a jacto, perderam-se 5000 helicópteros, utilizaram-se 8 milhões de toneladas de bombas. Há dez anos no início da intervenção na Indochina, os títulos valorizavam-se constantemente na Bolsa, o rendimento real dos capitais não descia abaixo de 6 por cento, o desemprego era moderado, os preços não aumentavam mais do que 1,5 por cento ao ano, e os salários progrediam, ao ritmo de 4 por cento. O dólar valia ouro.

À hora actual os mitos do «sistema militar-industrial» sobrevivem cada vez mais dificilmente. No seu último livro «The Permanent War Economy», Seymour Melman volta uma vez mais à carga. As despesas militares contribuem menos para a prosperidade do que as despesas civis. Os Estados Unidos, escreve ele, não podem produzir ao mesmo tempo e indefinidamente, manteiga e canhões. O aumento do produto nacional bruto não significa forçosamente que a nação enriqueça. Os fornecedores do Exército não são empresas que funcionem como as outras. A investigação e o desenvolvimento militares pouco contribuem para a melhoria da tecnologia civil e para encorajar a expansão nacional. A economia de guerra não é indispensável para resolver os problemas da estagnação económica. E, politicamente, há possíveis substitutos do sistema militar-industrial...

Pense-se o que se pensar das demonstrações de Melman, a verdade é que a um decénio de distância, ele prega menos no deserto do que quando escreveu o seu «Pentagon Capitalism». Basta ler a brochura, muito oficial, da apresentação do orçamento dos Estados Unidos, para se ficar convencido. «O ano de 1976 deve marcar o bicentenário dos Estados Unidos. Trata-se pois do orçamento de abertura do terceiro século da nação (...), os programas de defesa são claramente reduzidos em termos reais, desde 1969: mais de 40 por cento em pessoal e em material».

De 1967 a 1969, em cada dólar gasto nos Estados Unidos em fábricas, equipamentos e construções de toda a espécie, 52 cent foram gastos para fins militares. Um mesmo cálculo faz aparecer uma despesa de 14 cents por dólar, na Alemanha Federal, e de 2 cents no Japão. Ora trata-se de dois concorrentes directos da indústria americana. Em 1970 o total dos activos acumulados pelos Estados Unidos para fins militares, representava um valor da ordem dos 214 biliões de dólares, quando o total dos activos das empresas americanas de manufactura era de 554 biliões: 38 por cento era muito.

Só há sete países no Mundo cujo produto nacional bruto total ultrapassa os 90 biliões de dólares do orçamento anual americano: a U.R.S.S., o Japão, a Alemanha Federal, a França, a Grã-Bretanha, a China e a Itália. Não se imagina como um orçamento militar continua, apesar de tudo, a pesar na economia, além Atlântico. Todos os anos as empresas americanas contam com uns trinta biliões de dólares de encomendas militares.

A principal censura que começa a ser-lhes feita abertamente — e não é o menos paradoxal — é contribuir para minar o «free enterprise system», o sistema de concorrência americano, precisamente o que as encomendas militares pretendem desfazer. Com efeito, os «métodos de gestão racional» da defesa, principalmente desenvolvidos sob o impulso do presidente Kennedy, e de Robert McNamara, abriram as portas a um novo sector de economia «dirigida» que obedecia a jogos de critérios, específicos no Exército. O departamento da defesa tem, em suma, a sua própria política industrial, paralela e um pouco independente da política do mercado. Os dirigentes de empresa tiram daí as suas conclusões: foi assim que apareceram muitas sociedades que, de certo modo, têm por regra «a maximização dos custos», a fim de obter o máximo de subsídios, e muitos laboratórios de investigação «cuja vocação não é descobrir, mas perpetuar-se».

O que os efeitos da economia militar podem ter de arbitrário e, por vezes, aberrante, surge, por exemplo, no caso da firma General Dynamics, que acaba de obter êxitos sucessivos com o seu avião F-16.

Continua na pág. 18

Nacional

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal

SEDE: **Avenida 5 de Outubro, 121-1.º — Telef. 22047 — SETÚBAL**

Delegações: **Rua Carvalho Serra, 36-B — ALMADA**

Rua Miguel Pais, 172 — BARREIRO

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Convocam-se todos os trabalhadores, sócios deste Sindicato para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no próximo dia 1/10/75 pelas 21 horas na Sociedade Democrática «OS FRANCESES», no Largo Luís de Camões — BARREIRO

ORDEM DE TRABALHOS

1.º—Informações Gerais
2.º—Apresentação do Plano de Trabalhos da Direcção
3.º—Deliberação sobre o pedido de demissão de um elemento da Direcção
4.º—Discussão na generalidade do anteprojecto do Contrato Colectivo de Trabalhc Ramo Retalhista.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Rui Manuel Gonçalves Guerreiro Murta

AOS PROFESSORES

SOLIDARIEDADE COM O POVO E OS PROFESSORES DO CHILE

COLÓQUIO

Integrado na campanha de solidariedade com o Povo e os Professores do Chile vai realizar-se um Colóquio na sede do Sindicato, Rua das Gaivotas, 6, na **6.ª feira, dia 19 de Setembro, pelas 21.30 horas.**

Orientará o Colóquio a companheira Zilah Branco.

SINDICATO DOS PROFESSORES
— Zona da Grande Lisboa

ASSINA: **A COMISSÃO DIRECTIVA**

Externato Padre Cruz

Alameda D. Afonso Henriques, 3, 1.º, Dt.º
Telef. 830198 — LISBOA

INFANTIL — PRIMÁRIO

ABERTO TODO O ANO das 8.30 às 20 h

Mensalidades sem alteração de preços

— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infantaria 16, 55-C—LISBOA

OS MAOISTAS PERANTE A REVOLUÇÃO PORTUGUESA

. BUDAPESTE, 18 — (ANI) — O jornal «Nepszabadsag» de Budapeste, publica um comentário sobre a política externa de Pequim, intitulado «política externa maoista», no qual aborda a posição dos maoistas perante a revolução portuesa.

Recordando o facto de já a revista «Spiegel», da Alemanha Federal, ter salientado há dois anos que os grupos fascistas da República Federal Alemã possuirem «pontos de contacto ideológico» com os maoístas, o jornal húngaro sublinha que esse facto foi confirmado por testes recentemente efectuados.

«Feita a 40 jovens fascistas a pergunta sobre quem consideravam seu ideal, verificou-se com surpresa, que Mao Tsé-tung obteve uma das posições mais destacadas, com ligeira vantagem sobre Bismark».

Segundo o comentador do «Nepszabadsag», os jornalistas da Alemanha Federal consideram esse fenómeno excepcional, quando na verdade poucos motivos há para admiração sobre o facto de se estar a tornar cada vez menos nítida a distinção entre os partidários de Mao Tsé-tung e os neo-nazis.

«Notícias divulgadas pelas agências noticiosas sobre Portugal indicam que elementos de grupos maoistas estão a apoiar os ataques reaccionários contra sedes do Partido Comunista e contra instalações doutras organizações democráticas... E aconselha-se a todo aquele que duvida que os maoístas em Portugal agem de acordo com a linha de Pequim que leia o comentário de 9 de Setembro da Agência Nova China».

Esta considera a existência de uma esquerda e uma direita em Portugal como mera «invenção» e «fabricação soviética».

«É portanto evidente — escreve o correspondente do «Nepszabadsag» — que Pequim não acha a ameaça contra-revolucionária real e, por outro lado, receia que surja uma brecha no flanco sudoeste da NATO.»

. O correspondente do «Nepszabadsag» menciona ainda o facto de um grupo de instrutores militares chineses ter chegado a Kinshasa em Junho de 1974, a fim de treinar a famosa tribo dos «Bosquimanos», de Angola, na luta contra os nacionalistas angolanos.

«Um dos objectivos das actividades de Pequim em Angola e em Portugal é fomentar o silêncio sobre o perigo contra-revolucionário, e deste modo promover deliberadamente a contra-revolução de modo político.

«Por mais espantoso que possa parecer, é óbvio que Pequim, como tudo indica, consideraria desejável uma viragem tipo Chile em Portugal.

«Afinal a China considera excelente a cooperação com o regime de Pinochet, sem falar no facto de não ter ainda reconhecido o regime democrático de Portugal.

«Pequim, em 1975, está disposto a ir mais além do que limitar-se a prometer cooperação total com os Strausses e os Jacksons de qualquer área, mas na verdade, entrar em aliança com as forças da reacção mais extremistas... É uma política perante a qual ninguém pode alimentar ilusões, e uma política cujo perigo se torna mais flagrante pelo facto de se encontrar por detrás dela uma potência expansionista equipada com foguetões nucleares.»

. «É finalmente — conclui o «Nepszabadsag» — uma política que chegou à sua presente gravidade através do anti-sovietismo desenfreado e do chauvinismo».

PREÇOS:

Rigor em rolamentos

. Encontra-se sujeita a um regime de margens de comercialização fixada a venda ao público de rolamentos. O preço calcula-se somando ao custo em armazém uma margem máxima de comercialização de 110 por cento e o imposto de transacção. Os grossistas são obrigados a praticar descontos mínimos que podem atingir os 40 por cento no caso dos agentes distribuidores. Oficinas deverão descontar, no mínimo, 15 por cento, e revendedores 25. Nos locais de venda é obrigatória a afixação de uma tabela de preços de venda ao público.

O sector dos rolamentos — lembra uma portaria emanada do Ministério do Comércio Interno publicada na folha oficial com estas disposições — é constituida na sua quase totalidade por importações e concentra-se em Portugal num número muito reduzido de empresas.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Santiago do Cacém e Grândola, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/53833, arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de Santo André e Melides, concelhos de Santiago do Cacém e Grândola, de uma linha aérea a 30 kV, com 1894 metros, do poste n.º 13 da linha aérea para o posto de transformação de Costas de Santo André, da Câmara Municipal de Santiago do Cacém ao posto de transformação da Hurlam, Ld.ª

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou nas Secretarias daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 3 de Setembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/55231, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de S. Simão, concelho de Setúbal, de uma linha mista a 30 kV, com o comprimento total de 1264 metros (parte aérea com 1209 m e parte subterrânea com 55 m), do apoio n.º 15 (antigo apoio n.º 14) da linha RA 30-2-1 Azeitão (SE 30-1), ao posto de transformação de «LARGO — Sociedade Técnica de Pré-fabricação», na freguesia de S. Simão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Setembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/55808, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de S. Cosme, concelho de Gondomar, de uma linha aérea a 15 kV com 215 metros, do poste n.º 1 da linha para o posto de transformação de S. Cosme-Alto da Serra da Câmara Municipal de Gondomar ao posto de transformação de Amado Pereira dos Santos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 8 de Setembro de 1975.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ponte da Barca, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o proceso 8/48606, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Touvedo, concelho de Ponte da Barca, de uma linha aérea a 15 kV, com 785 metros, do poste n.º 69 da linha Lindoso-Arcos ao posto de transformação de Touvedo-Correlho da Câmara Municipal de Ponte da Barca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral ,ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 3 de Setembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Nacional

Ora diga-nos

JÁ OUVIU FALAR NO GADO DE CAJUNCAS?

Problema nacional por excelência neste momento, o gado de Cujancas e todos os aspectos que têm envolvido a luta gerada em seu torno é escassamente conhecido em Lisboa. Há poucos leitores nesta cidade?

. Bem nos parece que seja verdade, com todos os inconvenientes daí resultantes e o desconhecimento de um acontecimento que pode marcar «pontos» importantes na luta de classes deste País e no avanço do processo revolucionário.

O gado de Cujancas, para três pessoas que dele ouviram falar, foi questão posta num inquérito do «DL» para um tema de actualidade, bem como a decisão de o devolver aos trabalhadores da herdade.

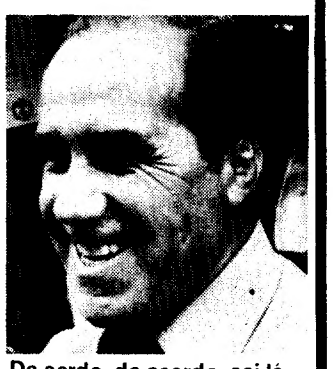
As respostas: «Já ouvi falar dessa questão, mas não conheço bem o problema» (António João Timóteo, empregado de escritório, bastante jovem). «Já li nos jornais, conheço quase toda a matéria» (António Augusto, proprietário de uma sapataria da Rua da Misericórdia). «Conheço perfeitamente a questão. Tenho acompnhado a luta dos trabalhadores da herdade, sobretudo através da Imprensa» (Maria Teresa Silvestre, professora agregada de uma Escola Primária).

E está de acordo com o retorno das 103 reses e 39 porcos a Cujancas:

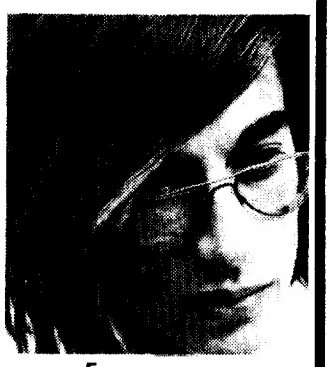
. António Augusto: «Estou, sim senhor, embora também me pareça que têm sido cometidos exageros nalgumas ocupações feitas. Pode ser que a Reforma Agrária seja uma coisa boa...»

. António Timóteo: «O gado não era dos trabalhadores... De acordo, de acordo, sei lá... Mas sou pela socialização da terra, desde que seja devidamente trabalhada e a que está desaproveitada seja amanhada».

E Maria Teresa Silvestre: «Estou absolutamente de acordo, porque necessário se torna que a Reforma Agrária e a socialização dos bens arranque depressa. Foi uma traição a atitude dos agrários que roubaram o gado aos trabalhadores no Crato, e por isso mais força teremos de imprimir a esta luta de classes que se desenvolve. Que outra questão é esta que não seja mais uma etapa a cumprir na luta de classes?»



De acrdo, de acordo, sei lá...



Exageros...

Etapa na luta de classes...

NO ALENTEJO EM LUTA

POVO QUE TRABALHA SABE O QUE QUER

. Os trabalhadores agrícolas do Alentejo demonstram mais uma vez a sua elevada consciência de classe e o papel fundamental que têm vindo a desempenhar no arranque do projecto revolucionário português. Uma onda de protesto firme mas sereno contra a ofensiva reaccionária dos grandes agrários varreu todo o Alentejo. Desta vez a forma de luta escolhida foi a greve. Camponeses deixaram os campos desertos e marcharam sobre as cidades. Em Évora, Beja e Portalegre concentraram-se milhares de pessoas. Os operários largaram as ferramentas e juntaram-se aos seus irmãos camponeses. O comércio encerrou. Por todo o Alentejo realizaram-se manifestações cujo objectivo principal era o *dizer não* a um Governo de direita, exigir o crédito agrícola imediato e a prisão dos conspiradores.

Assim foi em Beja onde se reuniram cerca de 100 mil manifestantes. Em Évora, à volta de 70 mil. Em Portalegre, Montemor-o-Novo, Vendas Novas e Alcácer do Sal. A palavra de ordem chegou ao Algarve. Em Faro e Portimão também houve paralisação de trabalho. A classe operária (rural e fabril) exortada pelos seus Sindicatos cumpriu ontem, dia 17 de Setembro uma jornada de combatividade.

Vamos falar do que aconteceu em Évora, onde a reportagem do D.L. esteve presente. E viveu em comunhão com os trabalhadores rurais e os operários das fábricas dos arredores da cidade momentos inesquecíveis. A concentração começou às 15 horas. Rapidamente a Praça do Geraldo, local marcado, se encheu de gente. A perspectiva de conjunto vista de um segundo andar era impressionante. Um número incalculável de pessoas escutou durante horas os discursos de improviso proferidos pelos representantes dos Partidos e organizações políticas que aderiram à jornada de luta. Estiveram empenhados na iniciativa dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas o Partido Comunista, o Movimento de Esquerda Socialista, o M.D.P./C.D.E., a U.E.C. e U.J.C. Falaram Manuel Vicente, do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Évora, João Paulo do Sindicato dos Metalúrgicos, António Murteira do P.C.P., e porta-vozes do M.E.S., do M.D.P. e da L.A.R.S., jovem organização saída de uma recente cisão do Partido Socialista.

Os trabalhadores, conscientes do boicote que está a ser feito à Reforma Agrária, sobretudo nos bancos que entravam a concessão dos créditos agrícola de emergência exigiram o saneamento imediato de alguns bancários de Évora. Foram citados os seguintes nomes: Videira, do Banco de Portugal, Moreira, do Banco do Alentejo, Perdigão, do Totta e Açores e Gil Duarte do Montepio Geral. Aprovaram moções, uma das quais dirigida ao Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Castelo Branco em que se exigia «a prisão dos arruaceiros mais destacados da zona, como os irmãos Bicho e Barroso.

Um trabalhador rural do distrito de Portalegre leu também a moção aprovada por aclamação relativa aos acontecimentos do roubo de gado da herdade das Cujancas, controlada pelos trabalhadores, efectuado por cerca de 200 agrários e seus lacaios. «Esta foi a primeira grande investida dos senhores da terra contra a Reforma Agrária. Não são as 100 cabeças de gado que estão em causa mas sim a Revolução. Os assalariados rurais do Alentejo sabem-no e não julguem os agrários que conseguem vencer a resistência heroica que não é de hoje nem de ontem. Os trabalhadores alentejanos estão calejados pelo sofrimento e a fome. Não têm nada a perder. Por isso vão até ao fim.»

. Terminadas as intervenções dos oradores partiu da Praça Geraldo uma manifestação, em que a cabeça se perdeu da cauda, em direcção ao quartel do R. I. 16. Sobressaía do caudal de gente uma forte presença de mulheres. Com os lenços negros contornando o rosto, os chapéus enfeitados de penas e flores, vestidas de trajes coloridos, as camponesas mostraram-se, como sempre, as componentes mais entusiastas da multidão que percorreu as ruas da cidade. Gritou-se várias vezes, uma palavra de ordem que não constava da lista elaborada pela organização. Vasco. Vasco».

Vasco Gonçalves não caiu no esquecimento como qualquer medíocre figura de circunstância. Vasco permanece no coração dos trabalhadores do Alentejo. A sua linguagem, encontrou eco na planície. «Vasco voltará» — gritava-se também. A manifestação processou-se num clima de festa à parte um ou outro incidente. Salientamos a atitude de alguns funcionários do Banco de Portugal que furaram a greve. Um gesto nitidamente provocatório pois a dependência do Banco em questão encontra-se na Praça do Geraldo. No mesmo lugar onde os trabalhadores exigiam o saneamento dos bancários reaccionários. A resposta veio dos manifestantes que tentaram obrigar os amarelos» a cumprir um dever de honra para quem trabalha. Houve agressões. Tiros para o ar. No entanto, os soldados evitaram que os incidentes tomassem proporções mais graves. A manifestação, sem qualquer serviço de ordem a espartilhar as pessoas, animada por canções e palavras de ordem, algumas delas inventadas no momento (porque os camponeses do Alentejo possuem uma sabedoria milenária) terminou num grande largo, desembocadouro da entrada principal onde estavam estacionadas as galérias e as camionetas que trouxeram assalariados rurais das aldeias e vilas do Alto Alentejo. De punho erguido partiram...

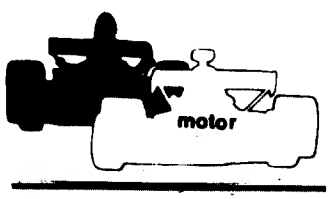
Entretanto, no distrito de Beja a paralisação continua no respeitante aos trabalhadores rurais. Foi aprovada uma moção em que se decidiu permanecer em greve até receberem uma resposta do Conselho da Revolução. A Reforma Agrária avança ou não avança? — querem saber os trabalhadores do Alentejo. Se não avançar eles já sabem o que têm a fazer. Com o pão das pessoas não se brinca.

CURSOS

Estão abertas as matrículas até 23/9/75 para os cursos de Perfuração / Verificação. Sistemas: IBM e UNIVAC. Início dos cursos 24/9/75. As inscrições são limitadas.

EXTERNATO CONTINENTAL

T. 364272-R. do Arsenal, 100-1.º



2.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo do Notário

LIC. ANTÓNIO LOPES FERNANDES COSTA

CERTIFICO para efeitos de publicação, que por escritura de 20 de Julho de 1967, lavrada de folhas 32, a 34, do livro n.º D-36 de «escrituras diversas» dêste cartório, Maria Elsa Gueifão Ferreira, saiu da sociedade «A. GUEIFÃO FERREIRA & FILHOS, LIMITADA», com sede em Lisboa e autorizou o uso da mesma firma.

VAI CONFORME.

Lisboa, 12 de Setembro de 1975.

O ajudante

Maria José Caldeira da Silva

NOTARIADO PORTUGUÊS

1.º Cartório Notarial de Lisboa

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de onze de Julho último, exarada desde folhas sessenta, verso, a sessenta e uma, do livro número A-duzentos e três, de escrituras diversas deste Cartório, Álvaro Andrade Gueifão Ferreira, deixou de fazer parte da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, A. Gueifão Ferreira & Filhos, Limitada, com sede na Avenida Conselheiro Barjona de Freitas, números trinta e três e trinta e cinco, em Lisboa, e autorizou que a sociedade continuasse com a mesma firma.

Está conforme ao original e declara-se que na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Lisboa, onze de Setembro de mil novecentos e setenta e cinco.

O AJUDANTE

Alberto Vila Rodrigues

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73 — LISBOA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Decreto-Lei 215-B/75 faz-se saber que a eleição dos Corpos Gerentes deste Sindicato (Assembleia Eleitoral) se realiza no dia 20 de Setembro de 1975, das 8 às 24 horas, na sede deste Sindicato em **Lisboa**, Av. da República, 29 (concelhos de Lisboa, Sintra, Cascais, Loures e Oeiras), em **Vila Franca de Xira** — Rua Serpa Pinto, 136-2.º (concelhos de Vila Franca, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Sobral de Monte Agraço); em **Torres Vedras** — Rua Tenente Valadim, 57 (concelhos de Cadaval, Lourinhã e Mafra).

Lisboa, 15 de Setembro de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Eleitoral

Artur Manuel Mendonça Rodrigues

Nacional

PRESOS CHILENOS TÊM APOIO EM PORTUGAL

. O 17 de Setembro — dia nacional — já foi comemorado com muita alegria no Chile, quando Salvador Allende estava à frente do Governo da Unidade Popular.

Ninguém sabe o que aconteceu ontem, em Santiago, onde presumíveis 20 000 presos políticos aguardam no cárcere a hora de passar à sala da tortura, o momento de «desaparecer», ou a surpresa de uma liberdade inesperada.

Também não se sabe o que fizeram ontem os vários milhares de chilenos que conseguiram sair do inferno e agora vivem em qualquer lado.

Mas em Lisboa, o 17 de Setembro teve algo de prático a assinalar a sua passagem. Está criado e já entrou em funcionamento o Gabinete de Apoio aos Presos Políticos Chilenos, que conta com a solidariedade do povo português.

OBJECTIVOS E ACÇÃO

Quando está a ser lançado publicamente, o Gabinete de Apoio aos Presos Políticos Chilenos tem dois objectivos imediatos, que pretende ver alcançados com a maior brevidade: o primeiro deles é a concessão, por parte do Governo português, de 150 vistos de entrada ou de permanência para igual número de pessoas que estão a viver o dia a dia das prisões de Pinochet. A algum tempo o sanguinário ditador chileno disse que daria a liberdade a certos presos, desde que estes tivessem um país para os receber assim que transpusessem os portões do presídio ou do campo de concentração em que estão confirmados. Desta forma, a concessão de 150 vistos de entrada ou permanência por parte do Governo português equivaleria a um retorno à vida para igual número de pessoas que no passado lutaram contra o fascismo, que vivem em constante pesadelo no presente, e cujo futuro é bastante incerto.

O Gabinete de Apoio aos Presos Políticos Chilenos pretende ainda, a curto prazo, que a representação portuguesa presente à 30.ª sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, na qualidade de representante de um povo que até há pouco tempo atrás viveu sob uma ditadura de extrema-direita, pedisse a expulsão do Chile de Pinochet do convívio com as demais nações da O.N.U. Esta medida seria mais um passo decisivo no isolamento da ditadura da Junta Militar chilena, que já está a ganhar corpo e que é um factor importantíssimo para o seu enfraquecimento, para a sua queda e, consequentemente, para a libertação de um povo.

Entretanto, o Gabinete de Apoio aos Presos Políticos Chilenos tem outros objectivos a alcançar, também num curto espaço de tempo: a salvação da vida dos presos políticos não reconhecidos (os 119 dados como «desaparecidos»), se ainda for possível; o apoio à Resistência Chilena; a garantia da manutenção da unidade entre a Esquerda Chilena, através do trabalho desenvolvido pelos presos políticos; o prosseguimento de um trabalho junto a todos os sectores, partidos políticos, organismos e instituições progressistas, democráticas e humanistas, organizações de trabalhadores, camponeses e estudantes portugueses; auxílio financeiro aos familiares dos presos políticos; obtenção de trabalho para os refugiados e para os presos políticos que possam vir a chegar.

Até agora, os membros do Gabinete de Apoio aos Presos Políticos Chilenos, no qual estão incorporados antifascistas portugueses, tem desenvolvido um trabalho de esclarecimento junto aos trabalhadores de algumas fábricas e moradores de bairros de lata, não tanto na busca das soluções que procura, mas num trabalho de esclarecimento, para que aqui não sejam cometidos os mesmos erros que foram cometidos lá. Está a ser organizada uma «frente de cultura» entre os refugiados que possuem aptidões artísticas e qualificação cultural para que este trabalho seja mais eficiente e comunicativo.

Até há pouco tempo, o grupo que agora se aglutina no Gabinete de Apoio aos Presos Políticos Chilenos tinham em seu poder, pelo pagamento de 700 escudos diários, o filme chileno «Quando o Povo Acorda». Mas a falta de uma máquina de projecção prejudicou a continuação das sessões.

Também não é boa a situação financeira do Gabinete. Para solucionar este problema, há um plano que prevê a venda de bonus que reverterão em auxílio para as famílias dos presos políticos, a venda de cartazes, fotografias, autocolantes, emblemas e documentos. Para que isso seja possível, o Gabinete de Apoio aos Presos Políticos Chilenos conta com o apoio das comissões de trabalhadores de empresas que possuam meios de fornecimento deste tipo de material (papelaria) e de gráficos que queiram colaborar com o seu trabalho gratuito.

PORTO

CONTESTADA A MARGINALIZAÇÃO DO CONSELHO MUNICIPAL

. PORTO, 18 — A decisão do governador civil do Porto, de invalidar a acção do Conselho Municipal, constituído por representantes das organizações populares, foi severamente criticada no decorrer de uma conferência de Imprensa, dada ontem à tarde, nesta cidade, por aquele órgão Municipal.

Em comunicado distribuído na altura lê-se que o Conselho Municipal do Porto «está a ser alvo de ataques por parte da burguesia não interessada no avanço do processo revolucionário em curso». São também denunciados determinados procedimentos considerados lesivos das conquistas já alcançadas pela população da cidade. O comunicado termina, afirmando: «O Conselho Municipal denuncia ainda que os elementos que compõem a actual comissão de gestão são conhecidos fascistas e por tal motivo não oferecem o mínimo de confiança às organizações populares que não querem ver a sua Câmara Municipal transformada em baluarte da reacção da nossa cidade. Assim, em nome dos muitos milhares de trabalhadores desta cidade, exigimos: que a Câmara Municipal do Porto seja posta ao serviço dos trabalhadores; que o controlo da gestão e fiscalização dos serviços seja feito por parte dos trabalhadores, através das suas organizações».

O Conselho Municipal anunciou ainda que a sessão deste órgão Municipal se realiza amanhã, às 21 e 30, na Câmara, e que para ela estão convidadas todas as organizações populares: o povo em geral.

A ACÇÃO CONTRA-REVOLUCIONÁRIA DO GOVERNADOR

Relacionado com esta questão, as organizações unitárias e revolucionárias do Porto emitiram um comunicado, em que se lê, nomeadamente, o seguinte:

. «O plenário de organizações unitárias e revolucionárias de trabalhadores do Grande Porto, realizado em 16/9/75, manifesta o seu mais vivo repúdio pela atitude do governador civil do Porto, dr. Cal Brandão, que, entre o código administrativo fascista e o poder popular aprovado pelo Conselho da Revolução através do Documento-Guia da Assembleia do MFA, de 8 de Julho, opta contra-revolucionariamente pelo código fascista, ao declarar não reconhecer o Conselho Municipal do Porto, nascido da livre organização das massas populares».

REBORDÃO NAVARRO DEMITE-SE

PORTO, 18 — O facto de as presentes condições não lhe oferecerem garantias de levar á prática o programa de dinamização e renovação cultural elaborado quando assumiu as funções de director da Biblioteca Pública Municipal do Porto, em Abril do corrente ano, levou o dr. António Rebordão Navarro, conhecido escritor e advogado, a pedir a demissão daquele cargo.

Por outro lado, a actual mudança na gestão da vida municipal não merece àquele escritor a «indispensável confiança para uma política cultural democrática».

BANK OF LONDON

AGÊNCIA BANCÁRIA ASSALTADA

Às 11 e 55 de ontem, quatro indivíduos armados assaltaram a dependência urbana do Bank of London e South America do Porto e, tendo-se apoderado de cerca de 600 contos, puseram-se em fuga num carro que ainda foi perseguido, durante algum tempo, por um funcionário do Banco. A «operação», que ficará nos anais do crime português pela rapidez com que foi levada a cabo, tudo levou cerca de três minutos — teve o seu início quando dois indivíduos que acabavam de entrar nas instalações, se encostaram a um balcão e declararam a um funcionário que pretendiam abrir contas bancárias. Nesse mesmo momento, um outro indivíduo armado dirigiu-se ao gerente enquanto um terceiro — este armado de uma pistola-metralhadora — fechava as portas da dependência e obrigava os presentes a encostarem-se à parede. Enquanto isto, os dois «clientes» que tinham declarado desejar abrir contas, saltaram por cima do balcão e, tendo retirado todo o dinheiro que se encontrava na caixa, obrigaram o gerente a abrir o cofre e apoderaram-se de parte do seu conteúdo. Clientes e funcionários bancários foram, em seguida, encerrados num corredor e ameaçados de morte se tentassem perseguir os assaltantes. Um dos funcionários bancários, porém, assim que os assaltantes se puseram em fuga, conseguiu chegar até junto do seu carro, que se encontrava estacionado perto da dependência e perseguir o Fiat 124 com a matrícula NL 11-71 que os assaltantes utilizaram para fuga. É perfeitamente possivel que a história tivesse tido um desfecho diferente se este funcionário não tivesse sido forçado a desistir da perseguição por ter perdido muito tempo enquanto aguardava que um automóvel conduzido por uma senhora desobstrui-se o trânsito.

Os assaltantes, que teriam entre os 25 e os 30 anos de idade, actuaram de cara descoberta e não fizeram, ao que se supõe, qualquer esforço para disfarçar a voz.

A 2.ª brigada da 4.ª Secção da Subdirectoria da Polícia Judiciária tomou conta da ocorrência.

AS ARMAS DE BEIROLAS

Prosseguem as investigações acerca do desaparecimento das armas saídas do Depósito de Material de Guerra de Beirolas não tendo, até agora, sido tornadas públicas quaisquer notícias sobre este assunto que continua a provocar os mais diversos comentários e especulações. Pelo que nos foi dado saber, também não está prevista a publicação de qualquer relatório sobre o resultado das investigações, o que não obsta, porém, a que venha a concretizar-se a esperança que tantos têm de que o País seja posto a par do que aconteceu e saiba quem são os responsáveis por um roubo que, além de ter desfalcado os cofres da colectividade portuguesa, se revestiu de aspectos francamente alarmantes.

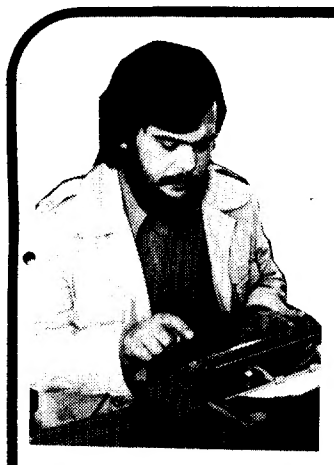
DÁDIVAS DE SANGUE

. A unidade móvel do INS, estacionará em Campolide, funcionando como posto fixo todos os dias das 10 às 13 e das 17 às 20 horas com uma equipa médica e de enfermagem para colheita de sangue.

O horário de atendimento é das 10 as 12 e 45 e das 17 às 19,45 horas, situando-se as idades limite para a dádiva de sangue, entre os 18 e os 65 anos, sendo cada pessoa examinada clinicamente antes de fazer a sua doação.

ESCOLHA!
MADRID
4 DIAS TUDO INCLUIDO DESDE
3.098$00
BARCELONA
4 DIAS TUDO INCLUIDO DESDE
4.963$00
Mundicolor inclui passagens, hoteis e excursões
Procure o alegre sol de Mundicolor na sua Agência de Viagens.
Os preços indicados referem-se a viagens com partida de Lisboa. Mediante um pequeno suplemento, poderá igualmente partir do Porto ou de Faro
MUNDI COLOR IBERIA
A VIAGEM QUE SONHOU FEITA REALIDADE

Nacional



O repórter de serviço

LUIS DE MIRANDA ROCHA

RAPAZ E CÃO POBRE

. O décimo oitavo carro a passar parou. Era uma furgoneta, parou com um estrondo, o homem do volante inclinou-se para a sua direita, o vidro da porta do outro lado desceu, a voz do homem perguntou lá de dentro: «Para onde é que vai?». «Vila Nova», disse o rapaz que estava à boleia, cobrindo com a voz o barulho do motor e o efeito da paragem um pouco à frente de onde ele estava pedindo boleia com a mão estendida num gesto polegar. A porta abriu-se: «Venha daí», disse o homem lá de dentro. O rapaz pegou na sacola, correu para o carro fumegante, subiu e entrou. Boa noite», disse. O outro disse «boa noite» e a furgoneta arrancou num estrondo de coisas velhas. Eu vou para Santiago», disse o do volante. Era um homem gordo, a barriga debaixo do volante, um bigode escuro, uma boina espanhola. O rapaz acomodou a sacola entre as pernas, o do volante puxou um maço. «Aí um cigarro», ofereceu. E puseram-se a fumar os dois. Um vento chuvoso de Inverno entrava. Fez-se um silêncio até que o do volante em plena estrada avisou: «Levo aí um cão». Um cão?», perguntou o rapaz. «Um cão», esclareceu o do volante, após um solavanco. «Trago-o de longe, um cão que ninguém o quer, para deixar por aí... Um cão doente, vem aí atrás, se eu me esquecer, lembre-me. É para deixar a monte, em qualquer parte, na cidade, pode ser». O rapaz voltou-se, estava lá um cão, adormecido. O homem fez uma curva, apanhou a estrada em troço a direito, puxou uma baforada longa. O rapaz também.

O do volante esqueceu-se do cão. Estavam a chegar às portas da cidade quando o rapaz disse: «O cão, o cão! — Que diabo!», acrescentou o do volante numa só exclamação. Era já na auto-estrada, a portagem à vista. Passaram a portagem numa breve detenção, e foi mais adiante que o do volante travou. E disse: «Vou deixá-lo aqui. Não levo este diabo para muito mais longe».

E o motor trabalhava, quase em estertor. «Vai deixá-lo aqui?», perguntou o rapaz. «Vou deixá-lo aqui», confirmou o do volante: «Pode ser que lhe peguem». Visivelmente custava-lhe mover pela barriga o corpo, foi então que pediu: «Dê aí um jeito. Agarre nele, ponha-o lá fora. Vou deixá-lo aqui. Pode ser que se safe». O rapaz disse, de si para si, «pode ser que se safe», e voltou-se para trás. Depois pegou no cão pela coleira, puxou para cima e para a frente, abriu a porta, deixou-o cair. O cão ganiu, o rapaz ainda o ouviu ganir tristemente, na dor da queda, os ossos contra o asfalto duro. Mas o barulho do motor acelerado abafou tudo, a furgoneta arrancou. Era ao pé do aeroporto, um avião chegava nas suas luzes, no seu som envolvendo tudo, prestes a aterrar.

Tinha feridas na cabeça, o cão. Passam os automóveis nos seus faróis para a noite, que anoitece. Anoitece, que fazer? O cão, disponibilidade imensa: o cúmulo ao mesmo tempo da angústia e do sono, no cansaço, uma ira pobre e desarmada. Os motores passam-lhe rés, recolhe-se um pouco, para a berma da estrada. Atravessar para o outro lado, para quê? Detém-se, estes lugares não são os seus, pobre cão de vila ou aldeia, veio de longe, expulso. Num ímpeto levanta-se para alcançar qualquer coisa, a cidade de noite, põe-se a andar berma fora, na destreza leve das suas patas, o focinho para a frente, para o chão, a cabeça inclinada, alguma fome nos seus dentes. Trabalha o seu faro para um cheiro estranho que lhe vem. Breve alcança a cidade, suas avenidas, árvores, cruzamentos, humanos ambulantes, os faróis dos automóveis correndo, vertiginosa luz, depois encontra: caixotes alguns, onde de comer. Detém-se então e levanta as dianteiras, vira o caixote com as patas e o focinho soprando, consegue alguma coisa, o nervo de um bife, um osso chupado, pega-o entre os dentes, senta-se nas traseiras, fica ali a roê-lo, lugar guardado. Passa algum tempo, põe-se de novo a andar. A uma árvore pára, alça a pata trás-direita, faz, depois recompõe-se, dá uma volta e cheira o feito. Parte depois novamente em seu paranóia. Cruzam-se com ele os troncos das árvores, as folhas corridas pelo vento, os restos dos papéis, as pontas dos cigarros, as pratas dos chocolates, tudo o que há no chão, e as esquinas, os muros, algumas portas entreabertas, alcança uma, pelo patamar, nada lá dentro que o detenha, sai. Passa por ele outro como ele, ou cão ou cadela, páram os dois ao mesmo tempo, o outro cheira-o, ele cheira o outro, o outro arreganha os dentes, o melhor é pôr-se outra vez a andar. Uma buzina apita. As feridas doem-lhe na cabeça. Ainda ninguém lhe bateu, ainda bem, a pontapé. Deve estar a pensar nisso quando pára. Pára e passa-lhe de novo pelo nariz um cheiro, move os dois buracos instintivos à frente, o focinho estendido, triste, perscrutando

Continua na pág. 9

O M.D.P. (EM COMÍCIO) FACE AO VI GOVERNO

RECUO AO NÍVEL DO PODER TOMA ASPECTOS PREOCUPANTES

«A crise política que estamos a atravessar é a mais prolongada, complexa e grave desde o 25 de Abril. Na sua origem está, sobretudo, a maior ofensiva contra o processo revolucionário a que se assistiu desde o 25 de Abril. Uma ofensiva que reuniu os que viram abalados ou destruídos antigos interesses e privilégios» — eis palavras de José Tengarrinha, da Comissão Central do M.D.P./C.D.E., no comício efectuado ontem por aquele partido no Pavilhão dos Desportos, subordinado ao princípio «Fascismo, nunca mais».

E milhares de pessoas reagiram: «Acção, acção, contra a reacção! O orador prosseguiu: «Essa ofensiva, em face dos grandes avanços da nossa Revolução a caminho do Socialismo, encontrou terreno particularmente propício, sobretudo, em certas regiões do País ainda dominadas por caciques locais». José Manuel Tengarrinha, já depois da multidão garantir que «Vasco Voltará», falou da inviabilidade dos modelos socias-democratas da Europa para Portugal e rematou esta primeira parte assim: «A dimensão que a crise tomou foi artificialmente empolada, pois não correspondeu à importância real dos problemas».

O apoio dado no Norte do País às cúpulas do P.S. e do P.P.D. foi, também, referido. Igualmente a onda de violência e de terror, «equiparável aos piores tempos do fascismo», com a conivência de algumas autoridades militares que assim colaboraram na grande ofensiva contra as forças progressistas e no agravamento da crise», a coberto de justificações como «justa indignação das populações» e respeito pela vontade popular» — que J.M. Tengarrinha assinalou como argumentos que também vimos durante o fascismo servirem de cobertura a iguais arbitrariedades e violências».

A análise da actual situação política e militar e as tarefas que competem ao M.D.P. neste momento de crise, escalpelizadas por aquele dirigente, incidiram, depois, sobre a coligação das forças sociais-democratas, reaccionárias e fascistas com o imperialismo. O quadro agravava-se e estava quase completo», realçou, faltando apenas fragmentar o M.F.A., cuja unidade constituía agora o principal obstáculo aos projectos contra-revolucionários».

«Dividido e perturbado o M.F.A.», observou, levantando um heterogéneo movimento reaccionário contra a ordem democrática, subvertida a autoridade e instalada a violência e o terror em várias zonas, veio a demissão de Vasco Gonçalves», que Tengarrinha considerou (e o povo gritou: «Vasco voltará») como «figura exemplar de patriota e de revolucionário», que a História colocará no topo da nossa Revolução».

ALERTAR O POVO PORTUGUÊS

Após referir que dentro do M.F.A. se acentuam as «tendências de direita nos principais órgãos de decisão», porque foram alteradas as condições que a princípio não nos eram desfavoráveis, registando-se um acentuado recuo ao nível de poder que toma características preocupantes», o orador denunciou duas manobras de natureza diferente contra o M.F.A., quando se fazem tentativas para «reconstruir nas Forças Armadas as estruturas de tipo tradicional, hieráquicas e autoritárias».

Reportando-se ao Governo que está em formação, salientou José Tengarrinha que nos contactos que tivemos com o Presidente da República e com o Primeiro-Ministro designado defendemos um Governo cuja composição e programa fossem inequívocas garantias de que o processo revolucionário não sofreria interrupções ou recuos. Neste momento, porém, reunem-se circunstâncias graves a que é preciso atender».

E enunciou-as deste modo: «Em primeiro lugar, o programa do Governo é omisso em importantes aspectos, como a organização popular consagrada no documento-guia do M.F.A., que significativamente é ignorado entre os documentos que lhe servem de base. Mas, para além desse programa, todo ele ambíguo», há, depois, a composição deste Governo. E Tengarrinha pergunta: «Poderá o P.P.D., claramente contra-revolucionário, ter legitimidade para participar nos debates sobre a formação de um Governo Revolucionário?». O povo não disse mais que «Não, não».

«Afirmar desde já que não apoiamos um Governo que não tem condições para governar de forma progressista», assinalou o orador, «é a melhor contribuição que poderemos prestar para alertar e apetrechar o povo português». Adiantou, ainda, ser natural e previsível que se aproxima um período de intensa agitação social, bem como desmobilização entre algumas camadas da população.

Acerca da intervenção popular na defesa de cada caso e de cada situação, por último, salientou: «Assistimos já a dois casos expressivos: no da Censura às informações militares, os trabalhadores dos órgãos da Informação decidiram justamente não acatar a decisão, pelo que o Conselho da Revolução será obrigado a revê-la; no do gado de Portalegre, os trabalhadores rurais deram resposta pronta e firme com a paralisação de trabalho em todo o Alentejo. São dois exemplos importantes da maneira como os trabalhadores e as massas populares em geral deverão encarar revolucionariamente esta crise. Por um lado, exigir a promulgação dos decretos revolucionários do V Governo, entre os quais a nacionalização da C.U.F. e da indústria cervejeira, a instituição do controlo organizado da produção pelos trabalhadores, a restituição dos terrenos baldios e a definição do regime jurídico do investimento estrangeiro em Portugal; por outro lado, impedir a execução de medidas governamentais que contrariem as conquistas alcançadas desde o 25 de Abril e tentem inverter o processo revolucionário».

PERIGO QUE ESPREITA

Antes de José Tengarrinha tornar pública, como referimos, a posição do M.D.P. sobre o Programa do VI Governo e a sua constituição, falou Luís Catarino, deputado à A.C. por aquele partido, que afirmou o facto do capitalismo ter tomado «as suas medidas». Medidas que já havia tentado, mas agora pela violência, pela corrupção, pela sabotagem.

O capitalismo e o imperialismo monopolistas», revelou, «este como forma última do primeiro explorador, foi o grande capitão do golpe contra o nosso país». E, noutro passo: «A luta que se trava hoje no Mundo é entre o socialismo e o capitalismo. Não há outros dois inimigos e, assim, não há outra alternativa. Hoje, o capitalismo só pode organizar a sua defesa ao socialismo no âmbito supranacional, na exploração da mão-de-obra e das matérias-primas com os Países do Sistema».

E assestou: «Compreende-se bem, desta forma, toda a aparelhagem posta em prática e funcionamento pelos agentes do imperialismo internacional. Compreende-se bem, assim, todo o dispositivo de ataque às conquistas mais significativas do Povo Português. Compreende-se bem, ainda, todo o coro levantado contra a Imprensa que se havia colocado ao lado da Revolução. Compreende-se, portanto, o uso de todos os meios das potências capitalistas da Europa Social-Democrata e dos E.U.A., através das declarações do presidente Ford, Wilson, Willy Brandt e Palme ao declararem que Portugal estava a afastar-se irremediavelmente — e perigosamente — do Mundo da «liberdade» Ocidental. É a batalha do capitalismo pela sua sobrevivência, é a recusa em aceitar, por enquanto, a Revolução Portuguesa. É a social-democracia, uma das vias de actuação do imperialismo-monopolista, como um perigo que espreita, bem perto, a nossa Revolução».

Entretanto, numa mensagem do M.D.J. (secção da juventude do partido), dirigida à mesa, em seis pontos, era dado todo o apoio e solidariedade a Vasco Gonçalves, focada a urgência em soldados, marinheiros e sargentos combaterem ao lado do povo para «pôr fim à exploração e opressão», referida a necessidade da unidade do povo trabalhador e formulado o convite para que todos participem, hoje, na manifestação apartidária convocada para o Terreiro do Paço.

Já depois de Alberto Branco, também da Comissão Central, se ter ocupado dos fundos do partido, da criação de meios de combater as forças reaccionárias e da necessidade de mobilização e esclarecimento no Norte do País, Vítor Dias, igualmente da C.C. abordou aspectos da «Plataforma de 25 de Agosto», da unidade das forças revolucionárias e do entendimento a nível de direcções entre as diversas organizações, dos documentos firmados e das acções já desenvolvidas pela F.U.R.

Ao concluir a sua intervenção, deixou esta proposta, apelando para que «Em todos os locais de frente de luta as organizações e os seus militantes de base reforcem a sua cooperação em acções concretas no âmbito da plataforma e do Manifesto; que por todo o País, se juntem esforços e energias, em pequenas e grandes acções, umas e outras indispensáveis para reforçar a intervenção popular, em defesa da revolução ameaçada».

E por último:

. «Apelamos ainda para que se fortaleça por toda a parte uma ampla unidade de combate entre todas as organizações revolucionárias, órgãos do poder popular e militantes revolucionários e todos os patriotas que, na difícil batalha que se trava queiram ocupar o seu posto na luta.»

SHER — SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÈ

S. A. R. L.

Capital realizado: 250 000 000$00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

3.ª Emissão — 40 000 000$00 — 5% — 1956
4.ª Emissão — 35 000 000$00 — 5% — 1957
5.ª Emissão
1.ª e 2.ª fases — 65 000 000$00 — 5% — 1959
7.ª Emissão — 15 000 000$00 — 6% — 1967

Com vista à respectiva amortização pelo valor nominal, de acordo com os correspondentes quadros de amortização e juros, proceder-se-á no próximo dia 26 de Setembro, pelas 10 horas, nos escritórios desta Sociedade, Avenida Cinco de Outubro, n.º 95-2.º — Lisboa, ao sorteio de 800 obrigações da 3.ª Emissão, 682 obrigações da 4.ª Emissão, 517 e 603 obrigações, respectivamente, da 1.ª e 2.ª fases da 5.ª Emissão e 100 obrigações da 7.ª Emissão.

Lisboa, 15 de Setembro de 1975.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

MILHARES DE TRABALHADORES CONTRA A LEI DE CENSURA

Milhares de trabalhadores, reunidos em assembleia ou nos seus locais de trabalho, continuam a protestar contra a Lei Constitucional do Conselho da Revolução sobre a Informação militar e apoiam a luta dos trabalhadores da Informação para que seja revogada.

Os metalúrgicos de Lisboa, reunidos em plenário, consideram a lei «antidemocrática e lesiva dos interesses dos trabalhadores e de todos os explorados».

Também o conselho de trabalhadores da Plessey Automática afirma que «ocultar ao povo o que pensam e os problemas que preocupam os militares é paradoxal, pela simples razão de que os problemas não são, deles, mas nossos».

Na reunião geral de trabalhadores do Banco Fonsecas e Burnay, por outro lado, o Conselho da Revolução foi considerado um órgão do poder da burguesia e declara que «os soldados e marinheiros têm o direito inalienável de se pronunciarem criticamente dentro e fora dos quartéis, sobre qualquer aspecto da vida nacional».

Por último, um abaixo-assinado de trabalhadores do Banco Espírito Santo frisa que a «ser levada à prática esta lei que parece spinolista, o povo português perderá o seu legítimo direito de ser informado e participar na vida política».

REFORMA AGRÁRIA:

Mais dois C.R.R.A.'s — Santarém e Faro

Foram criados em Santarém e em Faro mais dois CRRAs, Centros Regionais de Reforma Agrária.

As decisões constam de despachos emanados do Ministério da Agricultura e Pescas e posteriormente publicados na folha oficial.

Trata-se de «concretizar a orientação estabelecida pelo Governo Provisório relativamente à realização da reforma agrária» — dizem os despachos, a justificarem-se.

Para dirigir o CRRA de Santarém foi nomeado Vitor Manuel Vinager Poitout, com o encargo de propor, no prazo máximo de dois meses, o pessoal técnico, administrativo e auxiliar de que o Centro carece para entrar em funcionamento. Com encargo idêntico, foi nomeado para o CRRA de Faro Gabriel Guerreiro Gonçalves.

GRÉMIOS DA LAVOURA:

Extintos e em extinção

Foram extintos os grémios da lavoura de Bombarral e de Porto de Mós. A decisão foi despachada ao nível dos ministérios da Coordenação Económica, da Agricultura e do Trabalho, por proposta das respectivas comissões liquidatárias e perante parecer favorável da comissão coordenadora de extinção dos grémios da lavoura e suas federações.

Entretanto, outro despacho publicado recentemente no folha oficial determina e nomeia a constituição de comissões liquidatárias para os grémios da lavoura de Mértola, Ourique, Figueira do Castelo Rodrigo, Vouzela, Faro e Alportel, Amares, Ponta Delgada, Palmela, Cadaval, Sobral de Monte Agraço, Gondomar, BIÃO E Grândola.

Nova administração de "O Século"

Por resolução do Conselho de Ministros, publicada na folha oficial, foram designados para fazerem parte do conselho de administração da Sociedade Nacional de Tipografia, proprietária do jornal «O Século», os seguintes elementos: major Manuel de Oliveira Rego; capitão Luís Augusto Sequeira, Egas Moniz Campos Landeiro Bargão e Eduardo Nuno Lopes da Silva Pinheiro. Em consequência, foram exonerados os administradores que exerciam aquelas funções.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27 - 29 — Telef. 57 40 73 — LISBOA

CONVOCATÓRIA

Por proposta da Assembleia de Delegados Sindicais de 15.9.75 e com o acordo das listas candidatas aos Corpos Gerentes, realizar-se-á uma sessão de esclarecimento conjunta LISTAS A e B, **6.ª feira, às 21 horas,** na Voz do Operário.

Pela importância de que se reveste esta sessão para as eleições no próximo dia 20 (sábado), apela-se a todos os sócios deste Sindicato para uma ampla comparência !

TODOS À VOZ DO OPERÁRIO !

O Presidente da Mesa da Assembleia Eleitoral

Artur Manuel Mendonça Rodrigues

Lx. 16.9.75

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73 — LISBOA

COMUNICADO

1 — Ao abrigo do Art.º 85.º, alínea 4 dos Estatutos, informo todos os sócios deste Sindicato que foram enviados pelo correio as listas de voto, assim como os programas das listas candidatas às eleições.

2 — Informo que, se por qualquer eventualidade alguns sócios não recebam o atrás referido, deverão dirigir-se ao Sindicato, onde se encontram à disposição os programas das Listas A e B.

3 — Informo, ainda, que as listas enviadas servem de Boletim de voto, pelo que todos os sócios devem ser portadores das mesmas no acto eleitoral. Encontram-se, no entanto, à disposição de todos os sócios, listas no próprio acto eleitoral.

4 — Informo, finalmente, que todos os sócios devem ser portadores do cartão de sócio, ou de qualquer outro elemento de identificação com fotografia.

O Presidente da Mesa da Assembleia Eleitoral

Artur Manuel Mendonça Rodrigues

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

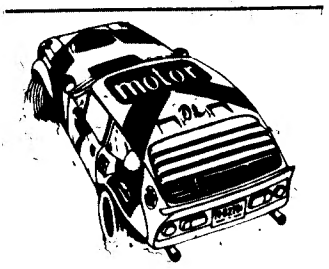
Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8'55942, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Sangalhos, concelho de Anadia de uma linha aérea a 15 kV, com 28 metros do poste n.º 3 da linha para o posto de transformação de Avelãs do Caminho, da Câmara Municipal de Anadia ao posto de transformação da Ideal de Sangalhos — Actividades Hoteleiras, S. A. R. L.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Setembro de 1975.

Pel'O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos



PASTA MEDICINAL Couto
TRATA AS DOENÇAS DA BOCA
USE-A 3 VEZES POR DIA

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

COMUNICADO

PAGAMENTO DE LIVROS ESCOLARES

No intuito de contribuir, tanto quanto possível para o desenvolvimento cultural e técnico de todos os associados e familiares dependentes, compromete-se este Sindicato ao pagamento integral dos livros necessários para os cursos: primário, técnico, liceal e universitário.

O pagamento efectua-se contra a apresentação do seguinte documento:

— Factura comprovativa da compra.

Dado o atraso verificado nas matrículas em alguns estabelecimentos de ensino, o prazo inicialmente previsto para entrega de confirmações de matrícula é prorrogado até **15 de Outubro.**

Lembramos que as confirmações de matrícula para o efeito são fornecidas pelo Sindicato.

N. B. — Esta concessão é extensiva a todos os trabalhadores que descontam para o Sindicato.

A DIRECÇÃO

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — Lisboa

Nacional

ENSINO

ABREM HOJE AS INSCRIÇÕES NO 1.º ANO DAS UNIVERSIDADES

Abrem hoje nas três principais Universidades do País, Lisboa, Porto e Coimbra, as inscrições para a frequência do 1.º ano lectivo de 1975-76.

Conforme ontem noticiámos, podem inscrever-se todos os alunos que à data em que terminou o ano lectivo 1973-74 se encontravam habilitados para o ingresso no ensino superior, independentemente de exame de aptidão ou pré-inscrição que no ano de 1974 tenham ou não realizado.

O período de inscrição no 1.º ano encerra no dia 30 do corrente. As inscrições dos anos seguintes abrem no dia 1 e encerram no dia 15 de Outubro.

ASSISTENTES DE ARQUITECTURA PAISAGÍSTICA NO ISE

O Instituto Superior de Economia precisa de assistentes eventuais além do quadro do curso livre de arquitectura paisagística que naquele instituto se professa.

Os interessados em candidatar-se devem entregar na secretaria da escola os seus pedidos por carta dirigida ao Conselho Directivo, acompanhada de qualquer documento que (os interessados) julguem de interesse para apreciação da sua candidatura.

O prazo para a apresentação das candidaturas fecha no dia 30 do corrente.

3.º ANO DE MEDICINA

Abriram ontem no anfiteatro de Histologia da Faculdade de Medicina de Lisboa as inscrições para a frequência do 3.º ano de Medicina.

As inscrições podem ser feitas todos os dias úteis das 12 às 14 e das 16 às 18 horas.

O prazo encerra no dia 25.

INSTITUTO BRITÂNICO: CURSOS BÁSICOS DE INGLÊS

O Instituto Britânico em Lisboa vai organizar para este ano lectivo cursos básicos de inglês. Destinados a principiantes, os cursos podem ser frequentados por maiores de 18 anos habilitados, no mínimo, com o diploma do ensino primário.

As inscrições estão abertas na secretaria do Instituto de 29 do corrente a 3 de Outubro.

CURSOS DE HOTELARIA

Interessados em frequentar cursos de mesa, cozinha, pastelaria, línguas, bar e escansões podem inscrever-se na Escola Hoteleira, Avenida António Augusto Aguiar, 21, 1.º em Lisboa. As inscrições estão abertas.

TRABALHADORES ESTUDANTES CANDIDATOS ÀS UNIVERSIDADES

Realiza-se amanhã no n.º 14 da Rua D. Estefânia em Lisboa uma mesa-redonda sobre problemas de trabalhadores estudantes.

A sessão é convocada pela comissão coordenadora dos trabalhadores estudantes candidatos às universidades e serão discutidos alguns dos mais recentes decretos emanados do MEIC.

A entrada é acessível a todos os estudantes que como trabalhadores se identifiquem.

CONTINUA A LUTA CONTRA A CENSURA DO C.R.

Decorre esta tarde uma reunião, com início às 16 horas, de representantes do trabalhadores da Informação, convocada pelo Secretariado Executivo da Luta Contra a Lei de Censura do Conselho da Revolução.

Este encontro plenário tem como ordem de trabalhos proposta pelo Secretariado «informações, balanço da luta contra a lei de censura do C.R. e análise dos resultados da moção interna aprovada na reunião plenária de 13/9».

O Secretariado nesceu da reacção maciça dos trabalhadores dos órgãos de Informação a uma das primeiras medidas tomadas pelo novo Conselho da Revolução, resultante da presente crise político-militar, imediatamente destinada a isolar a luta dos soldados da Polícia Militar e, na sequência, a proíbir a informação sobre as manifestações da crise nas unidades e no aparelho militar. Pouco depois de anunciada, a censura a notícias militares era largamente infringida e denunciada pelos principais órgãos informativos, obrigando o C.R. a anunciar a sua revogação para breve. Sem aplicação prática, a revogação não foi, no entanto, ainda oficialmente deliberada.

Em torno desta luta têm-se reunido também trabalhadores e moradores, através das suas comissões. Os órgãos do poder popular têm, ao longo destes dias, repudiado firmemente o Decreto-Lei n.º 5/75. Também assembleias de trabalhadores o têm feito, como na Covina onddde a última reunião de empregados exigiu a imediata revogação da lei que, «ao proíbir a divulgação de notícias sobre acontecimentos em unidades militares, mais não faz do que, de uma maneira altamente repressiva, tentar isolar e esconder a justa luta dos soldados e marinheiros que são, ao fim de contas, operários e camponeses fardados, dos seus camaradas que estão do outro lado dos muros dos quartéis».

Foi nomeado para o cargo de membro da comissão administrativa do Banco de Fomento Nacional o eng.º Eduardo Ribeiro Pereira.

Duas nomeações e uma substituição: o dr. Camilo Manuel de Abreu Fonseca Monteiro, para fazer parte da Comissão de Reestruturação do Sector da Electricidade, onde estava o dr. Mário João Coutinho dos Santos. Este fora nomeado chefe do gabinete do secretário de Estado da Administração Regional e Local.

Três nomes para a Comissão de Reestruturação da Indústria de Celulose: os drs. Melo Breyner Pereira e Josefina Tropa, e o eng.º Aniceto Duarte. Da Comissão farão parte três representantes do Mministério da Agricultura, um do Trabalho, outro do Comércio Externo. Cada empresa ligada ao sector «mete» dois representantes dos trabalhadores.

Movimentação no gabinete do ministro do Comércio Externo. Nomeado chefe do gabinete do ministro (então, 18 de Agosto, Joaquim Lopes Domingos Júnior), o dr. Fernando Ferreira Guimarães. Adjunto, o dr. João Alves Mateus. Secretários pessoais, Maria de Oliveira Campos Nobre e Vasco Barroso Gonçalves.

Ainda no Comércio Externo, mas ao nível da secretaria e e do secretário de Estado: nomeado secretário adjunto do gabinete, Mário Graça Pereira e secretária pessoal Isabem Maria da Costa dos Reis Borges. Despachos assinados por Alfredo Gonzalez Esteves Belo.

O RAPAZ E O CÃO POBRE

Continuação da pág. 7

sensível, rafeiro, cão pobre, na tristeza aguda e achatada do seu focinho, na timidez ágil das suas patas suspensas entre o chão e o espaço aéreo, o pêlo liso ainda abrilhantado, as orelhas levantadas, alerta para o rumor, que rumor?, a sensação caninamente angustiada de reais irreais perigos. É ao pé de um semáforo, está ali detido, suspenso, no que de austeridade lhe resta, sem saber que fazer, deslumbrado nas luzes diante do asfalto negro e liquidamente luminoso, começou a chover. Do outro lado os cheiros, as árvores num vento de aragem fresca, cheiro a cadela ou osso, dá-lhe uma cegueira, avança, para o alçapão, o cadafalso, o semáforo em vermelho, para debaixo dos carros violentos nos seus motores a passarem-lhe por cima, do crânio, da cabeça, do tronco, das pernas, da coluna vertebral.

A furgoneta já atravessou a cidade, com o do volante e o rapaz da boleia em silêncio. Anoiteceu tudo. Já estão do outro lado da cidade, o do volante trava o seu carro ao pé de um café à beira da estrada.

«Vamos aqui tomar qualquer coisa», diz ele ao rapaz.

Saem os dois, chove, correm para dentro do café, os vidros embaciados no calor da Cimbalino.

«Dois cafés e dois brandes», diz o do volante para um homem que estava atrás do balcão.

O homem que está atrás do balcão vem com as duas coisas duas vezes. O do volante emborca o brande, abre o pacote do açúcar, deixa cair na chávena, mexe. O rapaz emborca o brande, põe-se a beber o café sem açúcar.

«Não põe açúcar?», pergunta o do volante.

«Não», diz o rapaz.

Toma sempre o café com açúcar, desta vez é que não.

O do volante paga a conta e os dois regressam.

O motor acciona-se, a furgoneta arranca, galgando a estrada e a noite. O do volante olha em frente, a atenção toda do olhar para o espectro dos faróis. O rapaz divide-se entre o olhar pela estrada e a memória mais recente. «Foi chato», diz ele, a certa altura. Está a pensar nisso. «Foi chato o quê?», pergunta o do volante. «Aquilo do cão», diz o rapaz, choroso. Não pense nisso», recomenda o do volante: «Não pense nisso».

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PRESIDÊNCIA

EDITAL

N.º 98/75

Eu, Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber, nos termos e para efeitos constantes do Decreto-Lei n.º 181/70 de 28 de Abril de 1970, que, pela Direcção-Geral dos Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Investigação Científica, foi determinada a classificação como imóvel de interesse público situado na Praça Duque de Saldanha, 12, nesta cidade, do que resulta a constituição da zona de protecção conforme consta da planta topográfica que junto se afixou.

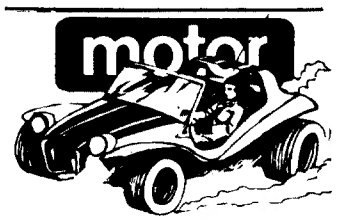
A área abrangida por essa zona de protecção fica sujeita às disposições legais em vigor, designadamente os artigos 25.º a 48.º do Decreto-Lei n.º 20985 de 7 de Março de 1932, o Decreto-Lei n.º 38888 de 29 de Agosto de 1952, o Decreto-Lei n.º 28468 de 15 de Fevereiro de 1938, o Decreto-Lei n.º 39600 de 3 de Abril de 1954 e o n.º 2.º do § 1 do Art.º 19.º do Decreto-Lei n.º 46349 de 22 de Maio de 1965.

Os interessados podem, dentro do prazo de 30 dias contados da data de afixação deste edital, apresentar quaisquer reclamações tendo por objectivo a ilegalidade ou inutilidade da constituição de servidão resultante do estabelecimento da referida zona de protecção ou a sua excessiva amplitude ou onerosidade. Essas reclamações devem ser formuladas por escrito e entregues na 2.ª Secção — Expediente e Contabilidade da 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços Centrais e Culturais desta Câmara, no prazo referido.

E, para geral conhecimento, se publica o presente edital.

Paços do Concelho de Lisboa, 10 de Setembro de 1975.

O PRESIDENTE
Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues



SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

SEDE: PRAÇA D. LUIZ, 17-1.º, DT.º — TELEF. 66 11 02/3 — LISBOA 2

COMUNICADO

TODOS À MANIFESTAÇÃO UNITÁRIA, DIA 18 ÀS 18.30 NO TERREIRO DO PAÇO!

CAMARADAS!

Os trabalhadores têm vindo a assistir, nos últimos tempos, à nova investida das forças mais reaccionárias nacionais, que continuam a receber todo o apoio dos seus amigos da social-democracia da Europa e do imperialismo americano.

É preciso que os trabalhadores saibam bem que o fascista Spínola e seus amigos não se encontram em Paris para fazer desporto ou passar férias.

É preciso que os trabalhadores portugueses tomem consciência que o general traidor juntamente com os seus cúmplices estão preparando os macabros planos de intervenção na nossa Pátria, só esperando a altura ideal para o fazer.

Para isso socorre-se das técnicas evoluídas da CIA, agência americana especializada na divisão dos trabalhadores, na provocação e na opressão dos povos que procuram a paz, o bem-estar social e a independência nacional.

Não é estranha a estes planos do imperialismo americano e da social-democracia a situação política portuguesa que se caracteriza neste momento por um avanço das forças de direita a nível militar e civil o que obriga os trabalhadores e as forças políticas a procurar novas tácticas para que não se percam as grandes conquistas dos trabalhadores e do Povo Português: a liberdade sindical, o direito de reunião e de formação de partidos políticos e a organização do poder popular.

Interpretando o sentir das grandes massas trabalhadoras, um grupo de 40 Comissões de Trabalhadores e o Pró-Conselho Nacional dos Trabalhadores da Construção Civil, do qual faz parte o nosso Sindicato, convocaram uma manifestação unitária.

Fazemos um apelo a todos os nossos camaradas, a integrarem-se nesta manifestação, a realizar hoje, com concentração às 18.30, na Praça do Comércio (Terreiro do Paço).

Esta manifestação que já conta com a adesão de muitas outras Comissões de Trabalhadores, Sindicatos e muitas outras Organizações de massas, devido a ser de carácter unitário, deverá ser uma grande jornada de combate contra as tentativas das forças de direita de anular as grandes conquistas das massas trabalhadoras.

Integra-te, pois, camarada, nesta grande jornada de luta, e junta-te a nós, que nos vamos concentrar ao pé da estátua do D. José, no Terreiro do Paço.

— CONTRA UM GOVERNO DE DIREITA!

— CONTRA A SOCIAL DEMOCRACIA, PODER POPULAR!

— CONTRA OS SANEAMENTOS À ESQUERDA!

— SOLDADOS SEMPRE, SEMPRE AO LADO DO POVO!

— A CLASSE OPERÁRIA ESTÁ COM A REFORMA AGRÁRIA!

— OPERÁRIOS E CAMPONESES, A MESMA LUTA!

— OPERÁRIOS, CAMPONESES, SOLDADOS E MARINHEIROS, UNIDOS VENCEREMOS!

Lisboa, 16 de Setembro de 1975.

A DIRECÇÃO

Reportagem

Do nosso enviado especial
JOSUÉ DA SILVA

AÇORES

A GUERRA DO P(

Disse-nos um natural de S. Miguel em Angra do Heroísmo: «Nós somos anti-F.L.A. não porque sejamos comunistas ou coisa que o valha. Nós somos anti-F.L.A., porque consideramos a F.L.A. um movimento oportunista, que pretende vender gato por lebre ao povo açoriano. Falando de uma independência «tout court», a F.L.A. esconde que essa independência só o seria em termos de papel e no que se refere a Portugal. Porque, entretanto, dar-nos-ia outra dependência: faria (fará) de nós, uma colónia norte-americana. Uma colónia em que os grandes beneficiátios seriam apenas, como acontece em todas as terras colonizadas, os grandes senhores os «leaders» argentários».

S. MATEUS GLÁDIO ANTI-FLA

. S. Mateus é uma freguesia com cerca de três mil habitantes, a poucos quilómetros de Angra do Heroismo. Terra de pescadores — a maioria — e de agricultores e trabalhadores rurais, o restante. Para avaliarmos da sua importância piscatória, vejamos que no seu pequeno e mal apetrechado porto, se «agasalham» uns setenta barcos. Façamos as contas; cada barco é tripulado, em faina, por nove ou dez homens. Repartamos u m a boa parte desses homens como cabeças de agregado familiar e teremos que em S. Mateus mais de metade da população pertence à família piscatória. Ora o pescador dos Açores é, por regra, um homem «mais independente», que o lavrador — retirando daqui, naturalmente, as honrosas excepções no que toca a lavradores. Mal a F.L.A. surgiu com a sua demagogia, os pescadores de S. Mateus olharam de soslaio. Por acaso, nessa altura — ainda há uns meses — S. Mateus tinha um pároco progressista. Que foi perseguido por F.L.A.'s e companhia até **se afastar...**

Muitos dos lavradores de S. Mateus quiseram aderir à F.L.A. — alguns aderiram mesmo. Mas os pescadores ficaram vigilantes. «No nosso reduto não entram Flás, nem meios Flás».

Na realidade, parte-se de Angra e é um mar de inscrições da F.L.A. por todo o caminho. Mas mal penetramos os limites de S. Mateus, a F.L.A. morre. De facto **morre**. Nem uma só inscrição. Quer dizer: vêem-se **outras inscrições,** como, por exemplo, **Morte à F.L.A.**

Que os pescadores de S. Mateus, bem conscientes, dizem ter razões de queixa do Continente, isso é verdade. Foram tão desprezados pelo regime fascista (e explorados), como o resto dos Açores. Ai da hoje estão à espera d seu porto de pesca. Até a defesa que se tentou construir no molhe, não chegou a concluir-se e isto depois do 25 de Abril. Mas os pescadores de S. Mateus distinguem: «Os nossos pontos de vista, podem diferir dos pontos de vista do Continente. Mas não queremos guerra. Queremos que olhem para nós e acolham as nossas justas reivindicações. S. Mateus foi antifascista e por isso é anti-F.L.A.A independência, seremos nós quem a determina e não meia dúzia de aldrabões camuflados de gente séria».

Umavez,osdaF.L.A.tentaram aproximar-se de S. Mateus. Foi na noite do assalto em Angra às sedes dos partidos progressistas. Noite de angústia e de medo. Mas um jovem de S. Mateus, presente em Angra, assistiu à tentativa de arrancada sobre a sua terra. Pulou para a moto e lançou-se a toda a brida estrada fora. Chegou lá e avisou. «Vêm aí os F.L.A.'s». Tocou-se o sino a rebate. As gentes de S. Mateus pegaram em varapaus, ganchos de pesca, remos, caçadeiras, etc.. Fizeram barreiras intransponíveis nas extremidades da vila. Os da F.L.A., foram avisados. «Cuidado! Os de S. Mateus estão à nossa espera». Foram lá? Era o fostes. S. Mateus manteve-se incólume, mais o seu amor à verdadeira liberdade, que é a de não aceitar caciques e duendes.

Mas o movimento anti-F.L.A. e este sim, com autênticas bases populares — não parte apenas dos valentes pescadores de S. Mateus. Há muitos mais focos: na própria S. Miguel, no Pico, nas Flores, em S. Jorge, em Santa Maria, etc.. Até se formou um «Esquadrão da Morte» — anti-F.L.A. Que não actua, mas incomoda. Porém, os núcleos anti-F.L.A. estão dispostos a actuar. A repressão «flaquista» não basta para os deter.

A TRISTE VERDADE

. Mas a triste verdade é que os Açores têm larga razão de queixa do Continente. Mais concretamente, essa razão de queixa vem do verdadeiro povo açoriano — porque os mujiques e caciques, esses só beneficiaram com as tramoias feitas desde Lisboa.

Na realidade, a colonização dos Açores foi tão violenta como as dos territórios africanos. O Estado português fascista, consentindo uma larga legião de intermediários, roubou ao agricultor açoriano a mínima possibilidade de se manter sem dramas. Os seus produtos tinham de ser vendidos ao desbarato. Em contrapartida, tudo o que importavam do Continente, chegava lá a peso de ouro. Também a indústria, laticínios, tabaco, etc., sofreu (e sofre) as passas do Algarve. Internamente, os Açores foram altamente desprezados. Nem estruturas turísticas — e o que aquela terra tem de capacidades neste capítulo! —, nem assistência sanitária razoável, nem transportes marítimos adequados. Nem nada. O pouco dinheiro que o Continente investia ali, vinha de retorno com pingues lucros para o Estado ou a banca continentais. Foi um fartar vilanagem, durante séculos. Como pode o povo açoriano deixar de olhar de esguelha o que hoje lhe prometem? Mas há uma esperança:

. — Quem diz que o povo dos Açores não quer o socialismo? — indaga-nos um cidadão angrense. — Isso é o que repetem os senhores da terra, embora o povo não pense assim. Nós sabemos que o socialismo, sendo a via mais justa, não viria de modo nenhum, nem proibir os açoramericanos de visitar a sua terra e contribuir para o seu progresso, nem roubar coisa nenhuma aos pequenos. O pior é que os grandes seriam tramados. Por isso se opõem. Por isso, evenenam os nosso emigrantes. Por isso, mordem em todos os que não alinham com as suas diatribes e actos de velhos exploradores do povo.

Uma esperança que se confunde. Com as manobras dos donos do feudo, que querem a todo o custo manter os seus velhos privilégios. Que vai fazer Lisboa? Como pensa o Continente ajudar a resolver os problemas dos Açores? Açulando a matilha dos traidores e vendilhões contra os verdadeiros defensores dos trabalhadores? Quem não quer, desde aqui, Lisboa, o poder popular para os Açores? Quem está interessado a que o povo dos Açores continue a sofrer uma colonização despudorada? Quem não quer ver o erro histórico em que caimos, permitindo que a reacção jogue impunemente a cabeça e o futuro do povo açoriano? Era bom que os trabalhadores e produtores ilhéus, não mais tivessem que dizer do Continente. E que, escolhida por vontade própria, a hora da independência, essa hora fosse convertida em saudade e não em ódio.

A MENTIRA DA F.L.A.

A F.L.A. quere-se assemelhar aos movimentos separatistas gizados em 1895 em 1931. Não tem qualquer ponta de semelhança. O primeiro, embora um movimento imbuído do espírito romântico da época, alimentador de idealismos pouco concernes à realidade prática da vida d a s populações, era, de qualquer modo, um m o v i m e n t o de raízes populares. O segundo, continha ainda o espírito altaneiro das gentes das nove ilhas expresso na sua resistência ardorosa evalente aos exércitos de Filipe II. Era o povo — mas o povo e não os mandachuva — que se erguia contra o incício da tirania fascista.

Ora a F.L.A., cujos membros tão bem «casaram» com o regime de Salazar-Marcelo, está-se mesmo a ver que nada possui de movimento popular. É uma farsa. Uma enorme mentira. Um estudo.

— O sr. vai escever essas coisas no «Diário de Lisboa»? — pergunta-nos alguém e Santa Maria.

— Creio que sim.

Risos.

— De que se riem? — inquire o repórter.

— É que a gente sabe o que vai acontecer. O «Diário de Lisboa» que trouxer essas coisas escritas não vai poder circular nos Açores. Os da F.L.A. vão comprar todos os jornais que para cá vierem, que é para a gente **de baixo** não saber nada do que se passa. Tão certo como eu chamar-me...

Outra forma de repressão. A F.L.A. não quer o povo açoriano esclarecido, nem deixa que o defendam. Como boa norma fascista, utiliza o boicote à informação, ao esclarecimento.

E intriga. Vejamos senão intriga. No passado dia 30 de Agosto, estando nós presentes em Angra do Heroísmo, apareceu por ali um tal sr. Bettencourt Rodrigues, dr. não sabemos em quê, natural da Graciosa. E como naturalmente lá na sua terra já estão fartos do seu paleio, o sr. Bettencourt decidiu dar em Angra, uma conferência de Imprensa, subordinada ao tema «A autonomia política, económica e administrativa dos Açores, em equação». Aquilo com que se abriu a exposição do tema — dia 1 do corrente no salão dos Bombeiros Voluntários de Angra — foi uma chachada. Ainda por cima parecia a

O chefe de redacção do «Diário Insular» fala para o «DL»

SINDICATO BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

Aos trabalhadores das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo

CONVOCATÓRIA

Para análise da situação nas CAIXAS DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO convocamos todos os trabalhadores deste sector para uma reunião na Sede do Sindicato, Rua de São José, 131, no dia 20/Setembro/1975, às 15 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

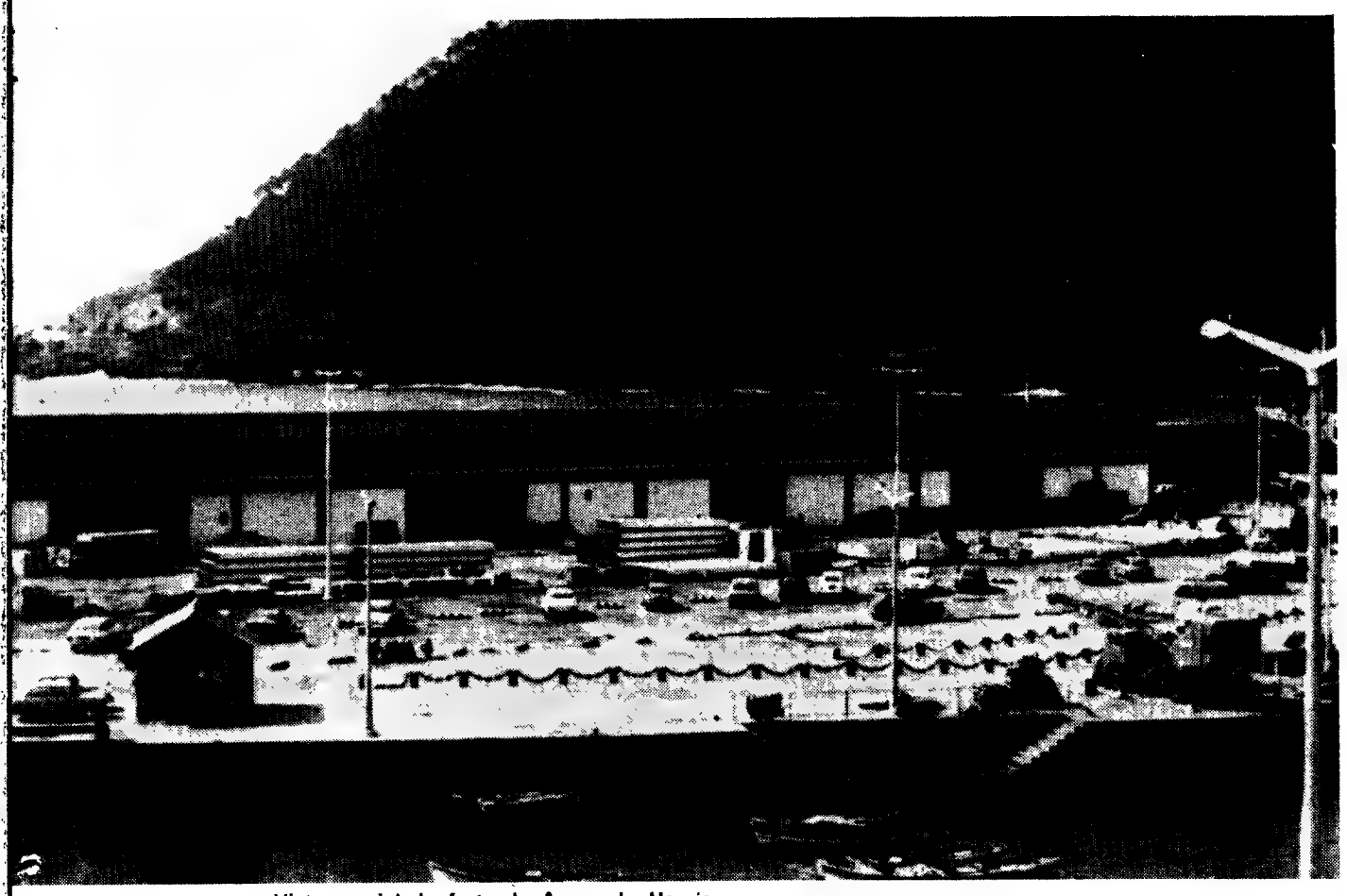
1. REESTRUTURAÇÃO DAS CAIXAS DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO,
2. REVISÃO DA TABELA SALARIAL,
3. SANEAMENTO DO SECTOR.

Lisboa, 16/9/1975

Pel' A DIRECÇÃO

João Rui dos Santos Duarte

OVO CONTRA A F.L.A.



Vista parcial do forte de Angra do Heroísmo

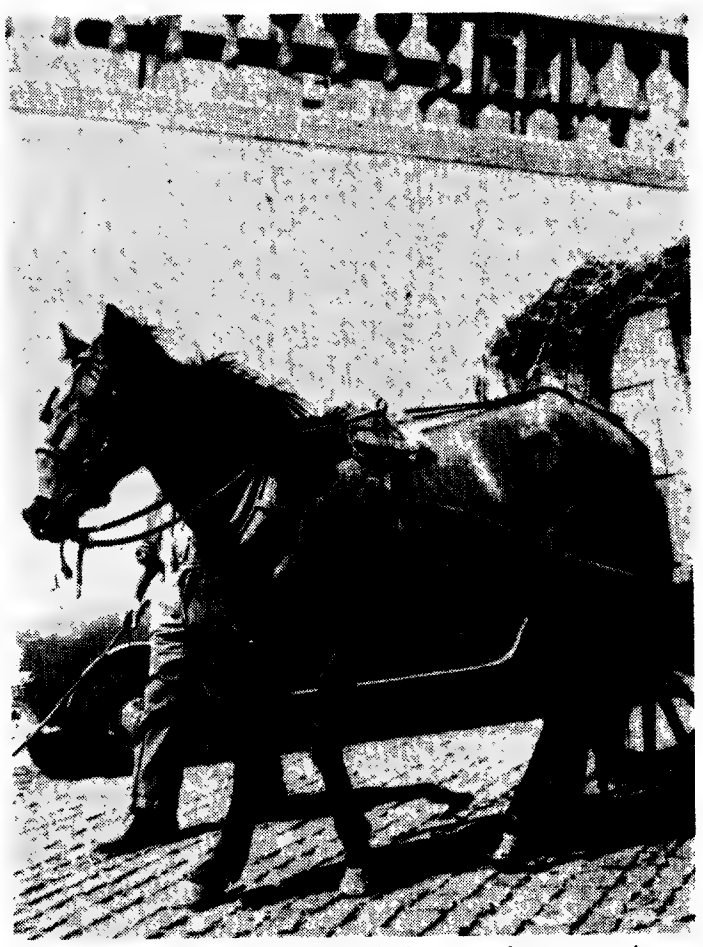
cópia fiel do comentário da F.L.A., na sua emissão pirata desse mesmo dia. Em determinada altura e antes de se iniciar a discussão do tema, o sr. Bettencourt Rodrigues, proferiu uma cretinice dirigida ao «Diário de Lisboa». A que nós respondemos com o abandono imediato da «célebre» conferência de Imprensa do sr. Bettencourt cretino.

Pois bem. Qual não foi o nosso espanto quando, no outro dia, um angrense nos vem avisar de que a F.L.A. espalhava na cidade que quem estivera na raiz da conferência de Imprens do sr. Bettencourt — uramos, nunca termos mais gordo e nem sa- os que existisse n o s Açores tal espécime — fôramos nós, representantes do «Diário de Lisboa» e mais a equipa de cinema que nos acompanhava. E com que fim? Respondeu a F.L.A.: para estabelecer a confusão. O próprio incidente no momento da conferência teria sido um «arranjo» entre nós e o tal sr. Bettencourt. Maneira bem torpe de criar mau ambiente a quem, com toda a honestidade, ia apenas «ver para crer».

A LEI DA ROLHA

. Na sexta-feira, dia 5 do corrente, estávamos nós no quarto do hotel já a preparar a bagagem para o regresso ao Continente, por comprovada impossibilidade de ali ficarmos mais tempo, quando tocou o telefone. Uma voz dura, entre o irónico e a ameaça pura, dizia-nos do outro lado do fio: «Ainda bem que os srs. vão regressar hoje. Ainda bem que não passam por S. Miguel. Por acaso **tinham lá gente à vossa espera.** E pensamos que até chegaram a Lisboa, os srs. devem examinar o material que recolheram e ter muito cuidado com o que vão publicar por lá. Nós estamos atentos, não esqueçam. E temos meios próprios de travar certas acções, mesmo no Continente».

A lei da rolha da F.L.A. que nós, sem quixotismos nem ares de tremer Tróia, mas com inteireza profissional e a honestidade que nos merece o povo açoriano e os nossos leitores, decidimos dar resposta nestes termos. Pelo menos enquanto nos deixarem, será assim. Mas para nos travar a verdade, terá de haver a intervenção de **alguma coisa** superior e mais forte que as sectárias «recomendações» de um F.L.A.-utista.



Lá como cá, o típico e o aerodinâmico, o antigo e o moderno, cruzam-se nas ruas das cidades. O cavalo também será da F.L.A.?

No entanto — embora este telefonema, mesmo sobre à hora da partida, nos tenha reforçado umas tantas convicções, já agora «obrigadinho» — a verdade é que não foi só a F.L.A. quem nos criou dificuldades. Por exemplo: se bem que devidamente identificados, dirigimo-nos, como nos haviam recomendado em Lisboa, ao chefe do Estado Maior da Base Aérea 4, tenente-coronel Melo, a solicitar apoio daquela unidade para: transporte de ilha em ilha e transporte local. Note-se que a equipa de cinema levava identificação do Ministério da Comunicação Social. Pois o sr. tenente-coronel Melo, além da sua má opinião sobre a Imprensa do Continente — que importa pouco — preveniu-nos logo que «só com uma credencial daquele Ministério, ida de Lisboa, nos poderia prestar algum apoio». E aí ficámos nós aguardando três dias a credencial, prejudicando todo o nosso trabalho das filmagens que tínhamos de realizar. O sr. tenente-coronel Melo justificou-se, depois, com os poucos meios à sua disposição. Acertado. (Dar-nos-ia ao fim desses três dias, duas viagens de avião num Nord-Atlas da Força Aérea). Mas nós não estamos contra **o pouco que se fez.** Estamos contra a maneira como se fez. Essa é que foi má, ao obrigar-nos a perder três dias à espera de uma credencial que, de algum modo, os meus colegas já levavam no bolso.

Autorização para filmar planos gerais da base das Lajes: foi-nos realmente concedida pelo sr. tenente-coronel Melo, mas em termos tais que durante alguns minutos corremos o risco de ficarmos detidos pela segurança norte-americana.

Enfim, ao que parece, fomos, durante dez dias, pessoas não gratas nas ilhas açorianos. A certo nível. Porque o povo açoriano recebeu-nos da melhor maneira e até com aquela satisfação de quem encontra um amigo a quem pode dizer da sua justiça. Uma justiça que ninguém cala, por mais boicotes, incêndios e violências que se alimentem.

Dos Açores foram expulsos muitos progressistas, incluindo alguns padres. Na Horta, as coisas estiveram tão mal, que os elementos de partidos de esquerda, por pouco não perderam a vida. Nunca se viram milhares de pessoas na rua, atacando à esquerda. Eram grupos organizados da burguesia local, que incluiam umas quantas dezenas de lavradores enfileirados, sabe-se lá através de que esquemas panfletários, nas fileiras da F.L.A. Depois disse-se que foi **o povo exigiu justiça.** Mentira. — O povo — responde-nos a isto um homem de S. Mateus — um dia virá para a rua pedir justiça, sim, mas contra quem agora deturpa a verdade d o s factos, e pretende com isso tapar o verdadeiro sentido das suas manobras.

Petiscar na carcaça do **cavaco** em Santa Maria ou na Práia da Vitória. Beber **vinho de cheiro** nas tascas de Angra, a do Heroismo, segundo Almeida Garret. Perder uma noite na cavaqueira com os motoristas dos táxis da Praça da Restauração, subjugados por duas únicas empresas que mantêm o monopólio e os exploram atè à medula. Ir assistir a uma tourada à corda e ver a bandeira da F.L.A. (Azul e branco, com um açor a ouro e nove estrelas também a ouro) dependurada de uma janela com uma velha a gritar «Veio da América, que é que tem a ver com isso?». Estar no Pico e megulhar nas frias e maravilhosas águas de um Atlântico ainda puro. Viajar entre hortênseas, milhões de hortênsias ladeando a estrada da Praia a Angra. Espreitar nas caldeiras e termas de fim do mundo. Olhar de avião a espantosa paisagem açoriana, toda retalhada de tons verdes inigualáveis. E por fim ter saudade, uma saudade profunda e real, de tudo isto e do cantante bocejo francês da fala das ilhas. Mas uma saudade sem flas a traírem o destino dos povos.

Nacional

COMUNICADO A ASSEMBLEIA DO M.F.A.-ARMADA

1. A assembleia do M.F.A. da Armada reuniu ontem, 17 de Setembro, em sessão ordinária no auditório da Escola Naval do Alfeite com a seguinte ordem de trabalhos:

. a) Análise da actual situação política.

b) Informação sobre Angola, Açores e Madeira.

c) Reestruturação do Conselho da Revolução.

d) Análise dos projectos de diploma para a reestruturação dos órgãos do M.F.A. da Armada.

2. Ao abrir da sessão, a Assembleia ouviu exposições dos almirantes Pinheiro de Azevedo e Rosa Coutinho sobre a actual situação político-militar vincando-se a necessidade de reforço da unidade da Armada bem como do M.F.A. ao lado das classes trabalhadoras para defesa dos objectivos da revolução portuguesa na construção de uma sociedade socialista no nosso país.

A respeito da situação existente em Angola, Açores e Madeira a assembleia foi informada pelos respectivos delegados.

3. Procedeu-se em seguida à votação dos membros efectivos e suplentes representantes do M.F.A. da Armada no Conselho da Revolução tendo sido obtidos os seguintes resultados:

. Efectivos: almirante Rosa Coutinho, comandante Martins Guerreiro; comandante Almeida Contreiras.

Suplentes: 1.° tenente Miguel Judas; comandante Ramiro Correia.

4. Foi apresentada e sujeita a breve discussão o projecto de portaria para reestruturação dos órgãos do M.F.A. da Armada e um projecto de regimento da assembleia do M.F.A. da Armada, anteriormente elaborados pelo secretariado do M.F.A.-Armada.

Estes projectos serão sujeitos em seguida à mais ampla discussão e análise por todos os elementos do M.F.A.-Armada e da prória Armada.

5. Foi apresentada à assembleia para conhecimento, a posição assumida em reunião de oficiais da Armada, efectuada no Clube Militar Naval na noite anterior e que se transcreve em anexo.

Sobre o assunto a assembleia do M.F.A. da Armada pronunciou-se aprovando a moção que se transcreve:

. «Considerando que a reunião de oficiais havida na noite de 16 do corrente no Clube Militar Naval:

. 1 — Fugiu desnecessariamente aos órgãos associativos e democráticos existentes, cuja não utilização favorece as práticas divisionistas.

2 — Foi do conhecimento apenas de alguns oficiais.

3 — Presta-se a aproveitamentos especulativos e mal intencionados.

4 — Permite que grupos de direita arrastem oficiais sinceramente interessados no processo revolucionário para posições contrárias às suas intenções.

A Assembleia do M.F.A. da Armada:

. a) Reitera a sua posição de Defesa do associativismo e livre expressão de pensamento e opinião.

b) Reprova procedimentos ou atitudes que põem em causa os órgãos associativos e democráticos e que provocam ou podem provocar divisionismo dentro da Armada».

ANEXO

Cerca de três centenas de oficiais da Armada efectuaram no Clube Militar Naval na noite de 16.9.75 uma reunião informal com a finalidade de esclarecer dúvidas sobre a actual situação política, a última reunião da Assembleia do M.F.A.-Armada, sua reestruturação a curto prazo e a consequente actuação da direcção política do M.F.A.-Armada no processo em curso.

O consenso da discussão havida num ambiente de grande camaradagem, foi de que a direcção política tem cometido erros deformando a imagem democrática da Armada e que a maioria dos oficiais presentes procurará ver corrigido a curto prazo, através de uma incrementação da sua participação colectiva nessa direcção política. Tal incrementação consta de um projecto indicado na agenda de trabalhos da assembleia do M.F.A.-Armada a realizar no dia 17/9/75.

Esse consenso foi apresentado ao CEMA por declaração redigida no final da reunião.

A LUTA NA C.N.N.

. Continua a greve dos trabalhadores do mar da Companhia Nacional de Navegação, enquanto se multiplicam os desentendimentos com a Comissão Administrativa da Companhia.

Esta acaba de negar aos trabalhadores em greve a utilização dos serviços técnicos e de telecomunicações da empresa onde trabalham para o prosseguimento da sua luta. A utilização dos serviços de «off-set» e de telex da CNN foi uma questão posta recentemente pelos trabalhadores que necessitam de trocar informações entre si e de organizar a sua unidade. No entanto, como o expressou um porta-voz dos trabalhadores do mar, «o tiro saiu-lhes pela culatra». De facto, a solidariedade operária foi aqui mais forte: face à recusa dos representantes do Governo, os trabalhadores da Marconi prestaram-se a ajudar os colegas da CNN. Estes necessitaram de telex para contactar com dois navios, que lhes haviam telegrafado expressando a sua solidariedade, usando do seu direito de resposta; a comissão de trabalhadores da Marconi pôs os seus serviços à disposição dos marítimos, divulgando a sua resposta, não aos dois navios, mas a toda a frota mercante nacional. Também a ENI pôs o seu equipamento técnico ao dispor dos trabalhadores do mar.

Os dois navios, paralisados no cais da Fundição, que fazem o abastecimento regular dos víveres dos Armazéns do Povo da Guiné-Bissau, vão hoje reunir e deliberar sobre os problemas suscitados pela sua greve. A ausência de qualquer resposta governamental aos trabalhadores do mar está assim, a criar novas questões aos trabalhadores. Este problema suscitou já o reparo do director daqueles Armazéns do novo país.

Segundo nos afirmaram, os trabalhadores aqui em Lisboa estão a tentar novos contactos com o navio «Pontagarça», ancorado nos Açores depois de 10 dias de paralisação de apoio em porto da capital, com cuja tripulação terá havido incidentes, na sequência de uma manifestação contra eles, realizada no arquipélago. A comissão de trabalhadores da «Pontagarça», segundo informações não confirmadas terá passado para outro navio, o «Funchal».

Entretanto, um comunicado (n.° 10) da Comissão Administrativa torna patente o desentendimento a nível do aparelho de Estado para resolver o problema. No dia 15, «foi recebida nos Serviços de Apoio ao Conselho da Revolução, onde expôs a situação decorrente da actual greve de uma parte dos navios da CNN e, sobretudo, a sua preocupação que o vácuo criado pela inexistência de Governo fez agudizar». Foi-lhes aí dito que o assunto era da competência do Governo. Que não existe ainda. Por isso, o problema será «encaminhado para alguém (sic.)», segundo o relato da C.A., que, até à data, se desconhece. No seu comunicado a C.A. ataca os trabalhadores em luta por estes pretenderem utilizar, de forma que classifica de «gravemente abusiva», os meios de comunicação de que dispõem.

Nota oficiosa do M.A.P.

ASSALTADA A DEPENDÊNCIA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PESCAS EM OLIVEIRA DO HOSPITAL

. Do Ministério da Agricultura e Pesca recebemos a seguinte nota oficiosa

. Na dependência do ambiente tumultoso que há já algum tempo se vinha preparando contra a presença dos Serviços de Apoio e Desenvolvimento Agrário — S.A.D.A. — do Ministério da Agricultura e Pescas em vários locais da zona centro-litoral, um grupo de assaltantes destruiu no passado dia 2, cerca das 21 horas, todo o património do M.A.P. existente na dependência dos referidos serviços, em Oliveira do Hospital. Não satisfeito, o grupo de assaltantes dirigiu-se posteriormente à residência de dois técnicos do S.A.D.A. com o intuito de os agredir. Apesar de tal não ter chegado a acontecer, por impedimento de alguns elementos da população, os referidos técnicos viram-se contudo obrigados a deixar a região.

Os assaltantes foram identificados como comerciantes intermediários que recentemente se viram lesados nas suas regalias, face a disposição legais emitidas por este ministério. Tais disposições governamentais haviam sido divulgadas e esclarecidas pelos técnicos do S.A.D.A., de acordo com a sua tarefa como funcionários deste organismo do M.A.P.

Aproveitando o estado emocional da população, em virtude da criminosa onda de fogos postos que têem devastado grandes áreas de florestas e, assim, grande parte da riqueza nacional, e de que também aquela zona tem sido vítima, os provocadores lançaram o boato de que a linha política dos criminosos incendiários coincidia com a dos funcionários deste serviço, conseguindo asssim arrastar consigo alguns elementos da população.

A direcção do Serviço de Apoio e Desenvolvimento Agrário vem assim denunciar tal acto de vandalismo, bem como exige urgente tomada de medidas de forma a que os seus funcionários, obreiros do processo da Reforma Agrária, possam desempenhar as suas funções sem verem as suas vidas constantemente ameaçadas por contra-revolucionários apostados em travar o avanço da nossa revolução.»

POVO DE GRANDOLA APOIA VASCO

. GRÂNDOLA, VILA MORENA

. O povo do concelho de Grândola, reunido em plenário nesta vila mundialmente famosa desde o 25 de Abril exigiu o regresso de Vasco Goncalves aos órgãos de decisão do País como «garantia do avanco do processo revolucionario».

Em telegrama enviado ao Presidente da República, general Costa Gomes,, o município de Grândola comunicou o teor de uma moção de apoio a Vasco Goncalves, que foi aprovada pela Assembleia Popular, onde se encontravam representadas as Juntas de Freguesia, as colectividades, os órgãos de Poder Popular e a Comissão Democrática Administrativa do município.

Nessa moção afirma-se que a Assembleia Plenária do Concelho de Grândola «tendo discutido a situação político-militar actual, condena o afastamento de um dos mais firmes revolucionários deste País, o companheiro Vasco Gonçalves», e acrescenta: «A população do concelho de Grândola exige a imediata reintegração do camarada Vasco nos órgãos de decisão do nosso país como garantia do avanço do processo revolucionário».

Por aclamação, os trabalhadores do concelho de Grândola, representados pelos seus conselhos de aldeia e outros órgãos de Poder Popular, decidiram ainda enviar a Vasco Goncalves a seguinte mocão:

«Companheiro Vasco, o povo de Grândola acompanha-te na tua árdua luta pela implantacão do socialismo no nosso país e contra o poder reaccionário. Afirmamos estar a teu lado ate ao fim da implantacão do socialismo e repudiamos o teu afastamento dos órgãos de decisão. Pelo avanço das Assembleias Populares, em luta contra a violência fascista, pela construção do Poder Popular, em frente pelo socialismo».

Finalmente, a Assembleia Popular de Grândola insurgiu-se «indignada com a tomada de posição do Conselho da Revolução sobre a implantação de uma nova censura que amordaça a voz dos soldados progressistas do M. F. A.» e exigiu «a liberdade de informação para todos os órgãos progressistas e encerramento dos órgãos de Informação reaccionários».

Pede-se ainda neste texto «o saneamento dos militares reaccionários, a luta contra a violência fascista, a construção do Poder Popular e o julgamento de todos os «pides» e fascistas presos».

Ameaça indonésia:

FORÇAS NAVAIS A CAMINHO DE TIMOR

JACARTA, 18 — (R) — Uma flotilha indonésia, incluindo «destroyers» e barcos de desembarque, vai hoje a caminho do Timor Português, enquanto se noticiam novos combates entre movimentos políticos rivais na colónia.

Esta movimentação foi acompanhada de declarações do Ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio, Adam Malik, ontem à noite, de que a luta tinha rebentado de novo em Timor Leste, entre tropas da Fretilin e as forças conjuntas dos movimentos pro-indonésios, Apodeti e U. D. T.

«Isto justifica a posição indonésia de que o restabelecimento da paz e da ordem é a condição prévia para a solução do problema» — acrescentou.

A Indonésia tem afirmado que, embora respeite o direito do Timor Português à auto-determinação, não tolerará um regime comunista no território.

Segundo informou um porta-voz da Marinha, os reforços indonésios englobam dois «destroyers», o «Kri Lambung Mangkurat» e o «Kri Martadinata», fragatas, lanchas de desembarque e um petroleiro. Já se encontra no mar de Timor outro «destroyer», o «Kri Monginsidi».

Círculos oficiais de Jacarta duvidam que as projectadas conversações de paz entre o Governo português e os partidos timorenses em luta, se possam realizar no sábado, como estava previsto.

Entretanto, fontes fidedignas na cidade fronteiriça de Batugede, no Timor Português, informam que os dirigentes da U.D.T. estão a considerar a libertação de 24 soldados portugueses e um jornalista de Lisboa, que mantêm ali presos.

O enviado especial português, dr. Almeida Santos, que esteve em Jacarta na semana passada, declarou, durante a sua passagem por esta capital, que o Governo de Lisboa só conferenciaria com a U. D. T. depois da libertação dos prisionaitos portugueses.

Entretanto, uma nova possibilidade surgiu, ontem, em Dili, quando a Comissão Central da Fretilin preconizou o estabelecimento de uma força de paz de timorenses da colónia portuguesa e de tropas indonésias

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

46.642 — 3.000.000$00
55.026 — 1.000.000$00
14.020 — 500.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.° PRÉMIO

46.641 — 52.400$00
46.643 — 52.400$00

PRÉMIOS DE 30 CONTOS

797; 1.176; 1.725; 3.768; 4.154; 5.272; 5.766; 5.931; 9.175; 9.433; 9.803; 10.949; 11.194; 12.139; 12.697; 13.189; 15.780; 16.583; 20.100; 21.667; 21.684; 22.163; 23.905; 25.215; 28.116; 28.643; 29.653; 29.875; 30.823; 35.600; 38.027; 38.187; 39.589; 40.418; 46.105; 46.189; 46.225; 50.409; 51.566; 53.944; 54.260; 56.098; 56.161; 57.208; 58.580; 59.104; 59.187.

PRÉMIOS DE DEZENA

Os números de 14.011 a 14.019 são contemplados com 15.000$, de 46.641 a 46.650 com 25.000$, e de 55.021 a 55.030 são contemplados com 20.000$00.

PRÉMIOS DE 800$00 (CENTENAS)

14.001 a 14.100; 46.601 a 46.700 e 55.001 a 55.100.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 216, 226, 379, 797, ou 890 são contemplados com 10.000$, em cada bilhete. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 56 ou 84 são contemplados com 1.000$.. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 2 são premiados com 400$00 também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial

Os 3.000 contos da Sorte Grande foram distribuidos aos balcões da CASA DA SORTE.

COMICIO DO M.R.P.P.

Comemorando o 5.° aniversário da sua fundação, o Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (M.R.P.P.) efectua hoje, às 21 horas, no Campo Pequeno, um comício, que conta com a adesão da Associação Portugal-China e a Direcção e colaboradores do Cineclube Universitário de Lisboa.

A referida associação também comemora a data com uma exposição sobre «O glorioso Partido Comunista da China», que está patente, na Praça do Chile, todo o dia de hoje.

Por seu turno, o Cineclube convoca para o comício «todos os elementos antifascistas, antisociais-fascistas, patriotas e democratas».

Estrangeiro

Repressão na Argentina denunciada por três exilados no México

. CIDADE DO MÉXICO, 18 (FP) — Três exilados políticos argentinos, membros do Movimento Peronista de Esquerda, denunciaram ontem no México as ameaças do «terror de Direita» e o início de nova política repressiva na Argentina.

Usando da palavra durante uma conferência de Imprensa, os ex-reitores da Universidade de Buenos Aires, Rodolfo Puiggross e Raul Laguzzi, bem como o dirigente «montonero» Alberto Camps, acusaram determinados meios militares argentinos de estarem a preparar um plano visando a supressão físicaa de três mil presos políticos, 1500 dos quais teriam sido torturados na prisão, pelo que se procuraria actualmente evitar a sua comparência em tribunal, invocando hipotéticas tentativas de fuga para os abater.

Os três exilados denunciaram igualmente as actividades da Aliança Anticomunista Argentina, afirmando que esta actua com a protecção do próprio governo.

Entretanto, em Bogotá, a polícia colombiana anunciou ontem a abertura de um inquérito sobre a criação, no país, de uma Aliança Anticomunista semelhante à argentina, que agiria «na clandestinidade» para mover «guerra sem quartel» aos comunistas.

Todos os intelectuais do governo, das empresas, da rádio e da Televisão morrerão se pertencerem a grupos sediciosos da Esquerda Internacional» — afirma um comunicado entregue aos orgãos de comunicação por membros da Aliança, que avisaram as autoridades de que «seriam tratadas como inimigas, caso tentassem impedir a actividade da organização».

Recorda-se que a polícia colombiana descobriu a semana passsada vinte cadáveres crivados de balas e horrivelmente mutilados, caso que foi entrão atribuído à «Mão Negra», misteriosa organização semelhante ao «Esquadrão da Morte» brasileiro.

COMODORO ABATIDO

BUENOS AIRES, 18 (R) Foi morto mais um dos principais chefes da segurança argentina entre aparentes preparativos militares para uma grande ofensiva contra os grupos políticos armados.

O chefe dos serviços secretos do Ministério da Defesa Rolando Sileoni, comodoro reformado da Força Aérea, foi ontem abatido numa mercearia do subúrbio de Olivos.

O seu predecessor, coronel do Exército Martin Rico, também caiu sob balas assassinas em Março do corrente ano.

Segundo afirmou ontem à noite um porta-voz da polícia, o comodoro foi morto por guerrilheiros esquerdistas. Porém, círculos militares bem informados declararam que a sua morte pode ter sido obra do «Triplo A» — Aliança Anticomunista Argentina.

O ministro cubano da Defesa, Raul Castro (à direita), saudado efusivamente pelo presidente mexicano Luis Echeverria, na Cidade do México, aonde o irmão de Fidel Castro se deslocou para assistir às celebrações do aniversário da independência mexicana. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Caleidoscópio

PROMESSA AMERICANA

CAIRO, 18 — (ANI) — Os Estados Unidos prometeram tentar iniciar contractos limitados com a Organização de Libertação da Palestina, como preparação para o recomeço da conferência de paz israelo-árabe, em Genbra — revela o jornal egípcio «Al Ahram».

Esta promessa faz parte das garantias que o secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger deu ao presidente egípcio Anwar Sadat em troca das concessões egípcias no acordo de separação de tropas no Sinai.

NOITE DE COMBATES

BEIRUTE, 18 — (R.) — A crise desencadeada no Líbano por constantes e violentas lutas entre facções político-religiosas atingiu o seu auge com homens armados espalhando-se pelas ruas de Beirute — anuncia hoje a rádio oficial.

A emissão coroa a pior noite de combates vivida até hoje na capital, continuamente sacudida por explosões e pelo matraquear das metralhadoras. Fontes policiais receiam que tenha havido numerosos mortos.

As autoridades avisam a população para que não saia à rua, nem para comprar pão.

PROTESTO NO PANAMÁ

CIDADE DO PANAMÁ, 18 — (FP) — Os motoristas de táxi e de autocarros provocaram um gigantesco engarrafamento de trânsito ontem no Panamá, especialmente na zona do canal, para protestar contra as declarações de Henry Kissinger feitas na véspera, segundo as quais os Estados Unidos poderiam ser levados a garantir unilateralmente o controle e defesa do canal.

BORDABERRY NO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 18 — (FP) — O presidente do Uruguai, Juan Maria Bordaberry, que chegou ontem a Santiago para participar nas cerimónias do 165.º aniversário da independência do Chile, foi recebido pelo chefe do Estado chileno, general Augusto Pinochet.

A entrevista privada entre os dois chefes de Estado foi qualificada oficialmente de «muito cordial e interessante para ambos os países». O general Pinochet ofereceu ao seu convidado uma cópia da espada do libertador chileno Bernardo O'Higgins.

OFICIAIS ESPANHÓIS DISPOSTOS A INTERVIR CONTRA O REGIME

. MADRID, 18 — (ANI) — O comandante Busquets, da arma de engenharia do exército espanhol, um dos militares mais conhecidos por suas actividades e posição política contra o actual regime, foi de novo preso por um período de catorze dias — informa a revista madrilena «Cambio 16», na edição que será posta à venda amanhã.

Júlio Busquets, juntamente com o capitão Julvez, da mesma arma, aquartelados em Barcelona, acabava de cumprir prisão de seis meses, no Norte de África, por motivo de acção que lhe fora movida no princípio do ano, ao que julga saber-se, por motivo das suas actividades militares.

Terminado o cumprimento da pena, Busquets foi apresentar-se em Salamanca, onde fora destinado, com «carácter obrigatório e por necessidade de serviço». Mas foi preso de novo, ao que parece por não se ter apresentado previamente ao superior que lhe impusera a pena. Em alguns meios diz-se no entanto, que Busquets não tinha que se apresentar previamente em Barcelona onde se encontrava quando do expediente, pois essa apresentação só é de preceito quando a pena é imposta por um superior.

No entanto, este acontecimento é interpretado num contexto mais amplo ao ter-se conhecimento de arbitrariedades contra elementos destacados de algum modo por posições políticas contrárias ao regime.

A mesma revista revela que alguns militares, principalmente da região de Barcelona, onde a União Militar Democrática se tem movimentado mais, mesmo após a prisão recente de alguns dos nove oficiais, estão sendo transferidos ao que parece sem motivos.

Apesar de ultimamente se ter verificado um certo hermetismo sobre a situação dos nove oficiais detidos em tempos e que deverão ser julgados em Conselho de Guerra, sob a acusação de conspirarem e de sedição — podendo ser condenados de três a seis anos de prisão e expulsos do Exército — acaba de saber-se que foram todos transferidos para a escola de aplicação de saúde, no bairro madrileno de Carabanchel.

O caso da prisão dos nove oficiais espanhóis situa-se num contexto político e pensa-se que terá também uma solução política a alto nível.

Exactamente no dia em que Arias Navarro viajava para Helsínquia, onde representou a Espanha na conferência de segurança europeia, eram presos seis oficiais, ao que consta, por ordem do tenente-general Campano, chefe da Região Militar de Madrid.

O motivo invocado na luta política de bastidores travada entre a direita e o Goveno de Arias Navarro, que se pretendia desprestigiar, encontra-se no movimento político que desde há meses estes oficiais dirigiam e que pretendia uma participação na vida do país e uma acção decidida do exército na orientação da mesma, e que poderia terminar numa intervenção mais ampla.

Houve quem comparasse o movimento — *União Militar Democrática* — ao MFA português.

Posteriormente, foram presos mais três oficiais, esperando-se o regresso de outro que se encontrava de férias no estrangeiro e que, por suposto, já não regressa. Este oficial, o capitão Dominguez, sobrinho de um conhecido político espanhol já falecido, Sanchez Julia, declarava há dias, a um jornal italiano, que jovens oficiais espanhóis estariam dispostos a intervir contra o regime franquista, se este não permitisse rapidamente a democratização do país.

Este movimento, a que estavam já adstritos, segundo suas revelações, mais de seiscentos oficiais que se reuniam em pequenos grupos de quatro ao máximo, estaria assim preparado para participar numa reforma gradual do sistema político espanhol. Tinham contactos com organizações de esquerda, entre as quais a Junta Democrática.

Ao que se sabe, por motivos de defesa ante a justiça militar que se deverá pronunciar proximamente em Conselho de Guerra, mas dentro de um contexto politizado, os militares presos, seus familiares e meios afectos preferiram o silêncio e até uma desmistificação da imagem criada de seus planos políticos.

No entanto, consta que o movimento não morreu e as transferências aludidas estariam intimamente relacionadas com o intuito de desintegrar as bases subsistentes.

D. Helder Câmara ataca as multinacionais

. RIO DE JANEIRO, 18 — (F. P.) — O arcebispo de Olinda e Recife, D.Helder Câmara, declarou ontem no Rio de Janeiro serem acusados de subversão precisamente os que lutam pela paz, pela justiça e pela defesa dos direitos humanos, não obstante ser a miséria que afecta mais de dois terços do continente latino-americano o factor verdadeiramente subversivo.

Falando para a F.P., D.Helder Câmara acusou sobretudo as multinacionais, «aliadas dos grupos privilegiados», de provocarem o aumento da «discriminação entre os ricos — cada vez mais ricos — e os pobres cada vez mais pobres».

«A primeira violência, mãe de todas as violências, é a miséria, responsável todos os anos por mais mortes do que as provocadas pelas guerras mais sangrentas» — afirmou o prelado brasileiro acrescentando que a Igreja Católica latino-americana é parcialmente responsável «por este escândalo anticristão», devido a apoiar o capitalismo.

Segundo o arcebipo, procurar modificar as estruturas capitalistas «não significa combater o cristianismo, que nada autoriza a identificar-se com o capitalismo». A propósito, D. Helder Câmara acentua que, quando o clero defende a promoção das massas, é acusado de promover a subversão e de fazer o jogo do comunismo. Em nome do anticomunismo, defende-se o capitalismo com pedra de base da civilização cristã, sem se pensar que, se toda a defesa da justiça for interpretada como manifestação da ideologia comunista, «acaba-se por se fazer a propaganda do comunismo».

O arcebispo, a finalizar, afirmou que as nações da América Latina devem modificar «as estruturas injustas e opressivas sem se socorrerem contudo das armas nem transformarem os oprimidos de agora nos opressores de amanhã».

"Câmbio 16" poderá ser suspensa novamente

. MADRID, 18 — (A. N. I.) — A revista semanal de informação geral e política «Câmbio 16», uma das mais importantes neste sector, acaba de sofrer um novo processo administrativo que possivelmente será acompanhado de alguma pena, desde multa a suspensão.

Do modo como andam as coisas neste campo tudo é possivel: a revista fora apreendida há três semanas, na ocasião em que foram sequestradas outras cinco, por incluir matéria não permitida pela lei antiterrorista, divulgada vinte e quatro horas após o encerramento daquela edição.

Os motivos do presente processo estão relacionados com a publicação na edição da semana passada, de um artigo sob o título «Aqui rádio control».

No artigo referia-se nomeadamente que «os accionistas da Sociedade Espanhola de Radiodifusão (cadeia com estações de rádio em todo o país) e da Companhia de Radiodifusão Intercontinental, foram obrigados, mediante decreto, a dar (ao Estado) pura e simplesmente «25 por cento das suas acções».

A notícia publicada por praticamente todos os meios de comunicação, referia que os accionistas daquelas duas empresas tiveram que ceder ao Estado 25 por cento das acções das empresas, para poderem conseguir a renovação das concessões, das respectivas frequências.

O Governo nomeará um membro do conselho de administração, que assim poderá controlar melhor as actividades empresariais e censurar na base as programações.

Por recente decreto-lei, todas as emissoras de rádio do país terão que enviar ao Ministério da Informação e Turismo gravações das emissões diárias, através das quais as comissões de censura verificam se houve infracção da recente lei sobre actividades consideradas activistas ou subversivas.

SINDICATO DOS OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA DE MÁRMORES E CANTARIAS E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida 19 de Maio, 28 — PERO PINHEIRO

Telefone 297 00 31

CONVOCATÓRIA

A Mesa da Assembleia Geral, de acordo com o capítulo XI, artigo 72.º, dos nossos estatutos, convoca a Assembleia para eleicão dos corpos gerentes que hão-de dirigir os destinos do nosso Sindicato.

Em virtude da sede do Organismo ser extremamente pequena, a assembleia de voto far-se-à no refeitório da Firma Pardal Monteiro, Ld.ª, em Pero Pinheiro, aos 25 dias do mês de Outubro de 1975, pelas 10 horas.

A Mesa da Assembleia Geral cumprirá todas as regras em vigor, dos estatutos aprovados em 28/6/75 e, também já despachados por Sua Ex.ª Senhor Ministro do Trabalho, aguardando-se apenas a sua publicação no «Diário do Governo».

Pero Pinheiro, 17 de Setembro de 1975

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
Adelino da Silva Grilo

Espectáculos

IV FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ (3)

"GRANDE PRÉMIO" PARA SANGINES, A REVELAÇÃO BRASILEIRA E AINDA CANADIANOS E CHILENOS

Por LAURO ANTÓNIO

Nos ultimos dias deste IV Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz decorreu, paralelamente à exibição de filmes a concurso, uma retrospectiva do «Cinema Portugues da Resistência», durante o qual foram projectadas as seguintes peliculas: **D. Roberto**, de Ernesto de Sousa; **O Pão e o Acto da Primavera**, de Manuel de Oliveira (com a presença do realizador, num debate organizado cerca das duas horas da madrugada, mas extremamente interessante), **Domingo à Tarde**, de António de Macedo; **Verdes Anos**, de Paulo Rocha e **O Cerco**, de António da Cunha Telles. Estavam ainda previstas as projecções de **Nazaré** de Manuel Guimarães; **A Caça**, de Manuel de Oliveira, **Os Pássaros das Asas Cortadas**, de Artur Ramos, **Belarmino**, de Fernando Lopes; e **Mudar de Vida**, de Paulo Rocha, mas a falta de tempo impossibilitou a sua integração na retrospectiva. A explicação dada pela organização para a selecção dos títulos atrás citados constava do próprio programa: **Depois da retrospectiva com que no ano passado o Festival Internacional de Cinema exemplificou o que foi o cinema «oficial» do fascismo português pretendeu-se, este ano, ilustrar o que foi a tentativa permanente do «outro» cinema, aquele que não gozou de apoios oficiais nem se sujeitou às consequentes servidões. Isto é, a produção independente que, contra ventos e marés, se foi realizando até 1970, data da criação, apoiado no financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian, do Centro Português de Cinema.**

BRASIL

Toda a Nudez Será Castigada, de Arnaldo Jabor (1973); Argumento de Arnaldo Jabor, seg. peça de Nelson Rodrigues; Com Paulo Porto, Darlene Gloria, Paulo Sacks, Paulo César Pereio, etc.

Toda a Nudez Será Castigada, de Arnaldo Jabor, terá sido uma das grandes revelações deste festival e seguramente uma das maiores injustiças da acta final do júri. Efectivamente, a adaptação da peça de Nelson Rodrigues, resulta um espectáculo invulgar, de humor e crítica. Os amores de um desgostoso viúvo por uma prostituta (espectacularmente interpretada por Darlene Gloria) articulam-se de forma sugestiva, com uma aparência melodramática, continuamente posta em causa pelo delírio de uma **mise en scène** que sublinha o excesso das situações, o mau gosto dos ambientes, o ridículo de certos diálogos. É que sobretudo descobre por detrás dos cordelinhos do folhetim as linhas de força de uma ideologia, de uma sociedade. Assim, iremos encontrar uma família tipicamente burguesa e ultra conservadora, puritana e «beata», donde irá saltar o viúvo, subitamente despertado para os prazeres da carne pela experiência e candura de uma prostituta. Perdido de amores, o viúvo, de conluio inconsciente com as manas da defunta, o seu filho Serginho e «o Bandido Boliviano» irá destruir por completo uma mulher que, tendo da vida uma experiência rude, dela desconhecida todavia as defesas cruéis de uma burguesia acossada.

Uma comédia verdadeiramente notável, que recoloca o cinema brasileiro a um nível muito alto no panorama internacional, demonstrando que o talento e a inteligência crítica se sobrepõem sempre com êxito às manobras censórias de quaisquer governos. Que o cinema brasileiro não emudeceu com o seu actual Governo, aqui fica a prova provada.

Sobre a influência do «folhetim» no seu filme, disse Arnaldo Jabor:

«Acho que o folhetim é uma forma inferior de literatura, uma forma de literatura tradicionalmente considerada como ordinária. Ora, para mim, o lançamento do cinema tem muito a ver com a própria estrutura do folhetim. O cinema foi, desde o seu nascimento, uma arte meio folhetinesca, uma arte pública, uma arte de balcões. Neste meu filme, o excesso de acontecimentos, o absurdo de situações, o acúmulo de desenlaces, tudo isso é uma tentativa de, realmente, assumir o folhetim dando-lhe um sentido crítico.

Em primeiro lugar, um sentido crítico contra uma tendência, que considero um pouco castrativa, um pouco depressiva, do proprio cinema para se tornar num instrumento so racionalista de análise politica ou cientifica, extremamente seca, extremente subserviente a um pensamento científico anterior.

Em segundo lugar, porque considero fundamental a renovação do cinema como espectaculo publico de acção, de ligação da plateia com a tela, de acompanhamento apaixonado do que se está passando na tela sem que isso represente uma alienação. Quero dizer, o que interessa e, fundamentalmente, como fazer para renovar o espectáculo cinematografico, aquele ritual publico da sala escura, aquela coisa vital, alegre (não ser se alegre...), apaixonada, dos primeiros filmes que foram feitos no mundo, do cinema americano da década de oiro. Como conjugar isso, como conciliá-lo com a seriedade, com a inteligência e com o pensamento crítico? Em suma, como conseguir a ligação entre o espectáculo e a crítica, entre o espectáculo crítico e o espectáculo apaixonado? Como, ao mesmo tempo, conseguir, como diria Brecht, divertir instruindo e como conseguir divertir criticando?... como fazer, ao mesmo tempo, essa transmutação mágica entre a inteligência e a maravilhosa apreciação de formas novas? Como conseguir transformar a informação nova em descoberta, a informação nova em coisas interessantes? Que fazer para chocar o espectador, escandalizá-lo e, ao mesmo tempo, fasciná-lo? **Toda a nudez será castigada** é um filme que tenta tudo isso.»

Do Brasil, «Iracena»

Iracema, de Jorge Bodanzky (1974); Argumento de Orlando Sena; com Edna de Cassia, Paulo César Pereio, etc.

De resultados mais comedidos, mas de interesse igualmente comprovado, **Iracema**, de Jorge Bodanzky, fala-nos de uma jovem índia da Amazónia que troca a floresta pelas cidades do interior, pelos entrepostos de estrada, pelas «boites» de bairros pobres. Procurando ser simultaneamente um documentário sobre o quotidiano de uma região e o retrato de uma rapariga que, pelo brilho dos colares, pelo colorido dos pós e dos **batons**, pela aparente facilidade fútil de uma vida, se entrega à prostituição, **Iracema** chega por vezes a penetrar essa realidade, expondo com vigor a exploração brutal, as condições de existência infra-humanas, o arrivismo espertalhão de intermediários, a escravidão que se processa pacatamente, aos olhos de todo o mundo: trabalhadores rurais que se compram em manadas, trazidos em carregamento de camiões e despejados na frente do comprador, ou mulheres que se usam e gastam, mediante uma quantas moedas.

Iracema (anagrama de América) é pois uma personagem que irá reflectir as contradições do Brasil **este país que ninguém segura**, como recorda «Tião Brasil Grande». As estradas que conduzem ao progressovão abastecendo-se ao longo do percurso de escravidão e miséria, de bordéis e coca-cola. **Mas que venho eu fazer neste sítio de merda?** pergunta Iracema, entre o resignado e o revoltado. Enquanto os oportunistas aguardam com confiança o futuro, «Iracema» vai perdendo o seu: **Deus crioq-me para vaguear,** acabará por aceitar.

O Inimigo Principal (Jatun Aauka), de Jorge Sangines (1974); Argumento de Jorge Sangines Oscar Zambrano, Mario Arieta; Comoperários, camponeses e estudantes da América Latina.

O Inimigo Principal, do boliviano Jorge Sangines, e um filme que interessará discutir a diveros niveis e a sua importância ficou demonstrada com a atribuição de um dos grandes prémios deste IV Festival.

Ao nível do argumento, **O Inimigo Principal** e a narrativa de um facto exemplar, descrita por um camponês índio boliviano. Ele explica como o seu povo tem sido explorado e reprimido, e depois exemplifica com a história de um seu irmão de sangue que farto de ser roubado pelo cacique da região, resolve ir protestar e acaba decapitado. Regressa o narrador ao **écran** para nos dizer qual a reacção dos outros camponeses da região, que, como resposta, assaltaram a moradia do cacique e o levaram junto da «justiça». Erro tremendo, dadas as circunstancias, visto que, dias depois, em liberdade se encontrava o cacique e a ferros os ditos «instigadores da rebelião». O velho narrador, envolto numa manta da tradição inca, de rosto cuttido e inteligência arguta, diz-nos agora que, por essa altura apareceram na região os guerrilheiros, barbudos, que curaram os doentes, ajudaram a arrotear a terra, e acabaram por exigir justiça para a região, instituíndo um tribunal popular onde fizeram julgar o cacique e um dos seus lacaios. Julgados e fuzilados. Iniciado o processo de consciencialização política nessa região, os guerrilheiros partem para novas regiões, levando consigo recrutas que se ofereceram para os acompanhar. Mas a repressão, comandada pelos norte-americanos, não desarma, e surge em toda a sua violência.

A teoria desenvolvida a nível de táctica de guerrilhas é, portanto, o foquismo, que as condições actuais da América Latina parecem desaconselhar, o que tornará a obra duplamente polémica. Por outro lado, a meio da projecção, a parábola política enuncia o significado do titulo **O Inimigo Principal**: «assim como os caciques locais vivem de explorar o trabalho dos camponeses, as grandes nações vivem de explorar as mais pequenas. A isso se chama imperialismo e o imperialismo e o «Inimigo Pirincipal» Portanto, de um caso local passa-se para um dado geral, o que acontece ao nível da própria ilustração dramática dos acontecimentos: primeiramente o cacique opondo-se aos camponeses e a derrota-los pelo conluio com as autoridades jurídicas e policiais; depois os «conselheiros» americanos a instruirem o exercito boliviano na sua repressão contra os guerrilheiros a cercá-los por tropas e aviação, com algum **napalm** pelo meio, e ainda flagelações às aldeias que os haviam apoiado.

O Inimigo Principal é, portanto, um filme de um significado político indesmentível, a que se deverá aliar a inteligência da sua estruturação dramática, cortada amiúde pela introdução de uma personagem que irá ligar e extrair ensinamentos práticos do que o filme documento. Rodado na Bolívia, no Peru e nas Honduras. **O Inimigo Principal** não se fica na denuncia de uma situação nacional, mas sim continental. E toda a América Latina, são todos os povos oprimidos por outros que se encontram retratados nesta obra, segunda de Sangines a penetrar no mercado português. Anteriormente já se virá **A Coragem do Povo** e aguarda-se ainda, para breve, a estreia de **O Sangue do Condor**, para se permitir uma avaliação global da obra de Sangines e do grupo de intervenção cinematografica, **Ukamau**.

CANADÁ

Os Corpos Celestes (Les Corps Célestes), de Gilles Carle (1972); Argumento: Gilles Carle e Arthur Lamothe; Com Donald Pilon, Carole Laure, Micheline Lanctot, Judi McDonald, etc.. Canadiano, de quem os espectadores portugueses conhecem duas obras: **La Vie Heureuse de Leopold Z** (numa Semana de Cinema Canadiano) e **A Morte de Um Lenhador**, Gilles Carle regressa com um filme curioso, mas menor no conjunto da sua filmografia. **Os Corpos Celestes** falam-nos do Quebec, em 1939, quando um proxeneta «inspirado» resolve invadir uma pequena cidade mineira e ai fundar a primeira casa de prostituição da região. Enquanto a Europa caminha a passos largos para a guerra (o que se vai descobrindo através de vários noticiários ouvidos aqui e ali, datando a obra e conferindo-lhe uma outra dimensão) no Canada de expressão francesa, o importante era promover a prostituição, assunto que a todos arrebatava, inclusive ao integro e intransigente pároco da comunidade que se entrega de alma e coração às delicias da carne (o padre e brilhantemente interpretado por Jacques Dufilho). Bastante menos significativo que **A Morte de Um Lenhador**, por exemplo, **Corpos Celestes** é ainda assim uma comédia inventiva e divertida, onde avulta a personalidade de Carole Laure (que o público do festival iria rever, de novo em grande, no polémico **Sweet Movie**).

CHILE

Os Punhos Contra o Canhão (Los Puños Frente al Cañon), de Orlando Lubbert e Gaston Ancelovici (1975); Argumento de Orlando Lubbert e Alfredo Nazar;

Filmes com sequências ainda filmadas no Chile, mas terminado já fora do país, cremos que em França, **Os Punhos Contra o Canhão** é um documentário importante sobre as lutas operárias no Chile, durante as primeiras décadas no século XX. Estudando a forma como brotaram e se desenvolveram esses movimentos operários, Orlando Lubbert e Gaston Ancelovici estabelecem um paralelo com os caontecimentos no Chile, durante o Governo de Allende e, posteriormente, sob a ditadura militar de Pinochet, sendo em ambos os casos visível a interferência externa do capitalismo internacional, em particular do poder económico norte-americano. Um filme de grande significado político e de evidente qualidade, ainda que nem sempre com a necessária simplicidade de linguagem e clareza de exposição. De todas as formas, um exemplo a reter.

Os Transplantados (Los Transplantados), de Percy Matas (1975),; Argumento Waldo Rojas; com Nemésio Antunez, Carla Cristi, Sergio Hernandez, etc.

A grande burguesia chilena, aterrorizada com «a subida do comunismo» ao Poder, durante o Governo de Allende, exila-se. **Os Transplantados** é «o intervalo francês» da vida de uma família chilena em fuga. Por se tratar de um texto curioso (porventura mais curioso que o proprio filme, de uma grande mediocridade e inépcia), transcrevemos palavras de Percy Matas, explicando a sua obra de estreia (igualmente rodada em 1975, em Paris):

Através da família Valenzuela-Barceló, representativa, à sua chegada a Paris, de uma certa burguesia chilena, é toda uma classe que se evidencia, com os seus conflitos, as suas dúvidas, as suas certezas e a sua decomposição. A chegada ao poder, o Chile, da Unidade Popular serve de catalizador: incapazes de enfrentar essa nova situação, uma parte da burguesia e mesmo da pequena burguesia espantada com o terror com que, ela mesma, rodeara a «vitória do comunismo», toma o caminho do exílio voluntário, vende os seus bens e foge.

«Os Transplantados» quer ser, ao mesmo tempo, o relato da desintegração de uma família «unida» e o reflexo de um acontecer político que lhes escapa e, no entanto, os determina no seu viver quotidiano.

Perante a necessidade de fazer frutificar o seu minguado capital e ante a impossibilidade de o fazer com um trabalho similar ao exercido no Chile, o chefe de família investe o seu capital associando-se com um refugiado espanhol dono de uma oficina de gás num bairro popular de Paris, sociedade na qual coloca capital e trabalho. As suas condições de vida e de trabalho conhecem assim uma rápida proletarização objectiva; a reacção de «don» Javier ante tal situação é a sua caída no alcoolismo, a de «doña» Inés é o refúgio num mundo imaginário.

Pelo seu lado os filhos, Ignacio e Soledad, escapam, ainda que em sentidos opostos, à mediocre estreiteza do horizonte familar. No caso de Ignacio, as suas inclinações homossexuais facilitam-lhe a entrada no mundo em que seus pais criaram ter direito de integrar-se... nem que fosse só pela porta travessa. Quanto a Soledad, são as suas amizades no meio universitário bem como a sua frequentação de Diego, filho do sócio do seu pai e «veterano» das jornadas de Maio de 68, que lhe facilitam um processo de maturação e de tomada de consciência «que inexoravelmente a levam à ruptura com o seu meio familiar e, através disso, com a sua classe».

O regresso ao Chile vê-se aparentemente possibilitado pelo golpe militar, se bem que essa possibilidade se torne cada vez mais problemática pela deslocação da família e pela impossibilidade em que se encontra «don» Javier de recuperar, a curto prazo, os fundos que lhe permitiriam reintegrar-se numa situação social semelhante à que fora a sua no Chile.

A agudização do conflito entre pais e filha desenvolve-se paralelamente com a tragédia que acontece na pátria distante.

Curioso mundo o de estes modernos transplantados que, oitenta anos depois dos de Blest Gana, continua a conhecer os desvios inerentes às contradições da sua classe.

"Pequenos Burgueses" sem subsídios

. O Teatro da Cornucópia que durante a época de 1974/75 sofreu várias vicissitudes devido à inconsequente política de subsídios e aos respectivos atrasos devia no presente mês de Setembro retomar a exploração de «Pequenos Burgueses» de Máximo Gorki, peça com que o grupo inaugurou as suas novas instalações em Lisboa.

No entanto e para surpresa dos seus elementos, o problema do subsídio para os meses de Agosto e Setembro não se encontra ainda resolvido, não havendo neste momento quaisquer condições para a realização do trabalho a que se tinham proposto e que seria retomado com uma digressão pelo Sul do País.

Devido a esse motivo e na impossibilidade de realizar um trabalho para que faltam as mínimas condições de segurança, os elementos do Teatro da Cornucópia viram-se obrigados a suapender a digressão programada e a atrasar a apresentação do espectáculo em Lisboa até ao momento em que o problema dos ordenados de Agosto e Setembro se encontre resolvido.

Decorrem no Zambujal as filmagens de "Lerpar"

. Continuam a decorrer em bom ritmo as filmagens da película «Lerpar», produzida pelo Instituto Português de Cinema e realizada por Luís Couto, com a participação do estreante José Maria Raumier, Maria do Céu Guerra, Adelaide João e Isabel de Castro nos principais papéis.

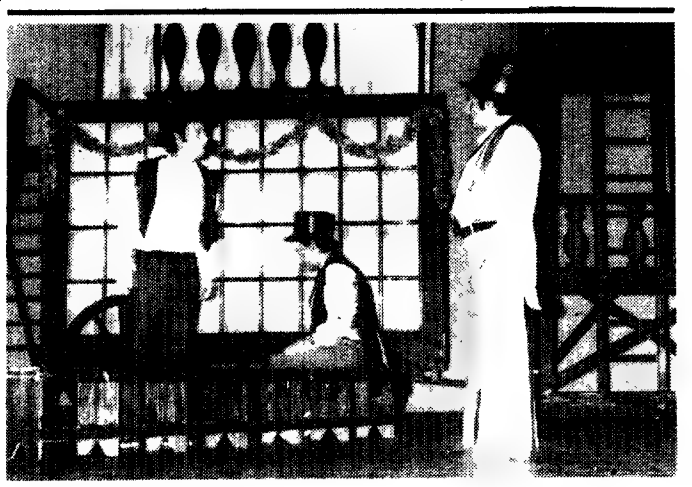
Segundo o próprio realizador, este filme pretende abordar os malefícios da sociedade de consumo através da análise de situações mais ou menos divertidas. Afirma ainda Luís Couto que pretende fazer um cinema elaborado, mas não complicado de modo a que possa vir a ser entendido pelo maior número possível de espectadores.

Um dos pormenores que por certo merecerão mais atenção é a linguagem fílmica utilizada. Proporciona-se aos actores grande liberdade na interpretação e até na criação dos próprios personagens deixando-lhes depois vasto campo para o improviso à volta de uma simples linha de texto. Esta forma de direcção foi recebida com nítido interesse pelos actores que assim, na maioria dos casos fazem uma nova experiência.

As filmagens decorrem neste momento no lugar do Zambujal próximo de Setúbal, na enorme herdade do conhecido capitalista Manuel Vinhas. Desde a praça de touros privativa, à piscina, à cabana e pavilhão de caça, à igreja e às instalações habitacionais, tudo foi posto à disposição da equipa de filmagens pela Comissão de Trabalhadores da herdade. Para se avaliar a riqueza desse retiro de caça do rico industrial, regista-se apenas que a casa de banho importara em mais de meio milhar de contos. O «Lerpar» tem em todo este cenário real o local ideal para mostrar onde e como tem vivido a alta burguesia portuguesa.

CONSERVATÓRIO DO PORTO

. Devido a falta de impressos oficiais comuns a todas as escolas de ensino superior, as matrículas no Conservatório de Música do Porto de todos os alunos, excepção feita aos candidatos do 1.º ano, far-se-ão de 25 do corrente a 10 de Outubro, na respectiva secretaria.



Continua em cartaz no Teatro Maria Matos a peça «Legenda do Cidadão Miguel Lino» do dramaturgo português Miguel Franco. Na foto, os actores José de Castro, Rui de Carvalho e Carlos Santos, numa cena do segundo acto

Televisão

CANAL DA CRÍTICA — MÁRIO CASTRIM

ALENTEJO: QUEM DÁ O PÃO, DÁ A REVOLUÇÃO

. O gado, parte do gado, já saiu do quartel de Portalegre e seguiu o seu legítimo destino ou seja, a herdade de Cujancas. Isto e mais coisas sabemos através do Telejornal que se resolveu a mandar reportagem sua para pôr tudo em pratos limpos. Notícia mais desenvolvida ficou-nos prometida para depois de amanhã. Não percam, para se instruirem a respeito de um dos casos mais significativos daquilo a que se convencionou chamar «processo revolucionário» e que praticamente só no Alentejo alcançou suficiente dimensão para se legitimar.

Sim. Esperem por sexta-feira. Mas já ontem, através de uma acção conduzida pelo reporter Avelino Rodrigues, ficamos a perceber alguma coisinha. Ficámos, pelo menos, a compreender que os grandes agrários não largam a sua presa com essa facilidade, não recuando diante de nenhuma acção, quer ela assuma carácter violento, quer se apresente com as vestes seráficas dos manholas para dividir os trabalhadores.

Imaginem: os grandes agrários não amanhavam a bela quinta ia para cima dos 22 anos. Os trabalhadores ocupam-na. Vital de Matos Diogo, que por lá deu agora o melhor do seu suor, do seu trabalho sem recompensa material, vem dizer-nos que «a cultura do milho e do tomate é a mais bonita de todo o distrito de Portalegre.» Isto onde só havia mato é realmente para encher de orgulho qualquer trabalhador.

Que fazem os antigos donos? Levam da Cujancas o gado vacum, conduzem-no para Gavião e...oferecem-no à Misericórdia...A malta do Gavião fica toda contente com a oferta, resolvem-se a defendê-la, andam à galipa com a malta de Cujancas, trabalhadores contra trabalhadores, a Reforma Agrária em bolandas — e os agrários a esfregar as garras....

A táctica de dividir os trabalhadores para melhor levar a água ao moinho da reacção é tão velha...como o capitalismo. E se virmos bem se calhar até um bocadinho antes. Sabe-se, por exemplo, como os organizadores dos combates de escravos no coliseu de Roma semeavam os ódios e os rancores entre os escravos para que estes pudessem lutar com mais ferocidade. Daí que a primeira tarefa de Espártaco, antes de se lançar na revolta ameaçadora para o Império Romano, fosse exactamente reforçar os laços de amizade entre os gladiadores. Quem se quer bem, não luta entre si. Compreende-se melhor porquê os soldados devem estar sempre, sempre ao lado do povo.

As tácticas divisionistas assumem aspectos vários, consoante as épocas. Entre nós, por exemplo a mais recente foi a acção perigosa do chamado «grupo dos Nove», a qual desencadeou o avanço reaccionário no seio das Forças Armadas. Anteriormente, sabemos a luta que houve para legitimar a unicidade — e como, ao depois, as comissões inter-empresas e o famigerado «direito de tendência» apareceram como punhaladas nas costas da unicidade sindical.

A acção dos agrários integra-se nessa táctica divisionista das forças trabalhadoras. Os trabalhadores do Gavião, não tarda, compreenderão o logro — e o Alentejo dará um passo mais em frente.

Alentejo, onde a esperança amadurece. O último *Telejornal* dá-nos conta da decisão dos trabalhadores de Beja de imporem o caminho socialista da nossa revolução. Nenhuma concessão à social-hipocrisia, à social-traição, à social-democracia, amante dos agrários, dos financeiros, do imperialismo. Os trabalhadores do Alentejo aceitam todos os sacrifícios, sim, desde que sejam caminho para a libertação. Para outro fim, não contem com eles.

Eles têm força. A força da sua consciência de classe. A força do seu trabalho. Ninguém o esqueça: trigo também é chaimite.

NA VAGA DAS ENTREVISTAS

Acabava eu de escrevinhar bem ou mal (se todos são modestos, por que razão não hei-de ser eu tambem?) a carónica que aí fica, quando me batem suavemente à porta. Fui abrir. Um homem alto, louro, de cachimbo apagado, o que lhe dava um ar vagamente ridículo.

Apresentou-se. Jornalista de nacionalidade e sueco de profissão. Desejava entrevistar-me para o seu jornal. Hesitei. Nada me impede, sei isso, embora não pertença ao Conselho da Revolução. Só que o meu forte não é conversar. Mas se recusasse, lá tinha novamente o Portela à perna e o sindicato a inquirir-me.

—Não tenha medo — disse a visita — é muito fácil. Até o major Vítor Alves dá entrevistas...E não só ele.

Era verdade. A Televisão falava disso. O argumento pesou, pesou a tentação da vaidade: talvez a RTP, no *Telejornal*, desse tambem alguns tópicos, era o primeiro passo para a celebridade.

Seguem-se algumas perguntas e, modéstia à parte, algumas respostas.

Pergunta — Há fortes dúvidas quanto às suas posições assumidas nos últimos tempos. Considera-se um homem da direita ou da esquerda?

. Resposta — Sou da esquerda. Sou da esquerda pela simples razão de que, se não fosse da esquerda, teria de ser da direita o que era francamente incómodo porque, sendo da direita, como poderia ser eu da esquerda?

. P — Mas o que é a esquerda?

. R — Esquerda é tudo o que tem alguma coisa à direita, enquanto, pelo contrário, a direita é tudo o que não quer ter nada à esquerda. Considero-me da esquerda, embora, evidentemente, tendo em linha de conta todas as situações concretas.

P — Considera vantajoso ser da esquerda?

. R — Claro, claro. Porque quando a esquerda dá um passo para a direita, a direita dá logo dez passos tambem para a direita e acaba por comer a esquerda.

P — No entanto, os saneamentos à esquerda ultimamente verificados...

R — Bom, bom, à esquerda, sim, mas não tanto! Porque se não, os da esquerda ficavam à direita. Percebeu?

. (Aqui, o meu entrevistador, que era da Lapónia, teve um sorriso de sol da meia-noite).

P — É pluralista?

. R — Com muita honra. Cá na família somos todos. Mas ninguém pode contar o que se passa cá em casa.

P — Ainda há dias o senhor contava o que se passsava na casa dos outros.

R — Mas agora sou eu quem manda. Pensa que sou parvo ou quê?

. P — O que lhe parece ser o caminho melhor para a Revolução?

. R — A Revolução deve estabilizar-se porque só a estabilidade, dentro da Revolução, permite a revolução dentro da estabilidade, é preciso que a Revolução seja de todos e não apenas de alguns, porque todos querem ter a sua revolução e a revolução, para ser revo-

Continua na pág. 18

CENTRO DE PRODUÇÃO Teatro Maria Matos

A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos tambem, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»

Desc. às 2.as Feiras

Não acons. a menores de 13 anos

Bilheteira Tel. 89 70 17

ABEP — Telef. 32 88 23

ADÓQUE grupo de teatro (AO MARTIM MONIZ) Tel. 87 42 80

O ÊXITO CONFIRMA-SE!

AS GARGALHADAS DE ONTEM VÃO REPETIR-SE

A.C.I.A. DOS CARDEAIS

A REVISTA QUE DANTAS NÃO ERA POSSÍVEL!

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES 18 ANOS

HOJE, às 20.30 e 22.30 HORAS!

DOMINGO: «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

Hoje

I PROGRAMA

18.30 Abertura e **Formação de Professores** — um programa do Instituto de Tecnologia.
19.00 **Telejornal** — 1.ª edição
19.10 **Temas de Educação** — produtores produzidos
19.35 **«Smith»** — 5.º episódio — série filmada para jovens.
20.00 **TV Palco** — um programa apreesentado por Igrejas Caeiro.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 **Histórias da TV Cubana** — «A Roda Viva» — original de Maria Ellena Llana. Realização de Roberto Garriga.
22.50 **Fados** — por Rodrigo. Acompanhamento pelo conjunto de guitarras de António Chaínho. Realização de Félix Ferreira.
23.05 **Telejornal** 3.ª edição
23.29 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e o 5.º episódio da série **«Smith»**
21.25 **Telejornal** — em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa.
22.00 **«Serviço Especial»** — série policial, com George Sewell, Roger Rowland e Peter Jeffrey.
22.55 **Impacto** — produção dos trabalhadores da Planigrafe.
23.30 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Histórias da TV Cubana — «A Roda Viva» (21.00)

II PROGRAMA

Impacto (22.55)

....

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **18.30**: Abertura e Formação de Professores — um programa do Instituto de Tecnologia Educativa; **19.00**: Telejornal — 1.ª edição; **19.05**: Ver e Pensar; **19.30**: «Dois Anos de Férias» — série filmada, baseada numa obra de Júlio Verne, com Marc di Napoli. Realização de Gilles Grangier — 6.º episódio — «:ª parte; **20.05**: Panorama; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.00**: Afinal como é? — o dr. Pitacas Antunes foca alguns problemas relacionados com os consumidores; **21.40**: Música, Música! — programa em que coexistem a música clássica e a música ligeira; **22.55**: Telejornal — 3.ª edição; **23.10**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Abertura e um episódio da série «Dois Anos de Férias»; **21.30**: Telejornal — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa; **22.00**: Noite de Cinema — «Ninguém Disse Nada» — intérpretes: Carlos Solanos, Jame Vadell, Luís Vilches, Luís Nearcon e Nelson Villagra. Realização de Raul Ruiz; **23.45**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e orçamento grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Liras

. Livramento e Solipa experimentaram. E os italianos experimentaram-nos. Agora, novos nomes, novas habilidades, enfeitiçaram os transalpinos: Chana, Cristiano e outros (quase todos da selecção que ganhou o «Europeu» de Viareggio) cairam na graça dos dirigentes do hoquei italiano e os convites não paravam. Houve conferências, houve telefonemas, houve ofertas, houve ofermas, houve ofertas, houve compromissos. E houve muitas liras nas conversas. Milhões que, se traduzidas para escudos pouco representam, na sua simples citação, impressionam.

Os convites são aliciantes: pelo menos para atletas amadores como são os do hóquei em patins. Para Chana, a melhor oferta cifra-se em 50 contos mensais com tudo pago (viagem, estadia, etc.) apenas para cinco meses de campeonato. Para Cristiano, a oferta baixa um pouco: quatro dezenas de contos de reis por mês, com tudo pago, igualmente.

Porquê, esta súbita oferta a jogadores portugueses?

. Apenas porque os jogadores que estiveram em Viareggio se mostraram donos de uma técnica apurada?

. Não: a acrescentar a esta verdade que ninguém poderá desmentirr, há a febre clubista daquela região, onde a inveja é madrinha de todas as ofertas. E o que acontece é apenas isto: no ano passado, houve um clube da região que conseguiu subir à primeira divisão do campeonato italiano. Os de Viareggio ficaram «podres» de inveja e estão dispostos a tentar tudo para igualar os dessa cidade vizinha. Vai daí, pensaram na hipótese de contratar alguns portugueses, sem dúvida os que poderão dar uma ajuda nessa ambição. E as liras começaram a sair aos milhões das bocas dos dirigentes, que querem oferecer um título e uma ascensão aos seus «tifosis».

O que se passa é apenas isto.

Chana (pelo menos aparentemente) não se impressionou com os números e não se comprometeu; Cristiano parece que também não. E os outros convidados, idem idem, aspas aspas.

Ficaram todos de dar uma resposta: que se baseará certamente na análise fria e consciente das possibilidades.

Cinco (ou quatro) dezenas de notas de mil por cada lote de 30 dias não será mau para um amador. Mas, fica a dúvida: valerá a pena trocar 250 contos (ou 200) por cinco meses longe dos amigos, familiares, admiradores?

. O fiel da balança ainda não pendeu. E, enquanto equilibrado, apenas uma lembrança: por cá também se fazem «pizzas» de excelente aspecto e sabor.

E o canto de uma lira é bem diferente do de uma guitarra e uma viola...

Boletim Boletim Boletim Bo

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

. Eurico, médio do Estoril Praia, recebeu da directiva do seu clube uma carta em que é censurado pelo facto de encobrir uma lesão ao treinador (António Medeiros) e, assim, ter prejudicado os colegas que alinharam em Braga.

EVENTUALMENTE CHOCANTE

Cabina estorilense, ontem durante o treino matinal: às tantas, aparentemente agastado com o que um trissemanário desportivo tinha nas suas colunas, José Torres (sobrevivente dos «magriços») rasgou o jornal em tiras.

HOJE

. No Instituto Superior Técnico principiou esta manhã o «Encontro Nacional de Arbitragem», com a reunião de vários grupos de trabalho que pertenceram a fases regionais de estudo.

PORTUGAL

. Alhinho, que deixou de intsressar ao Belenenses (dinheiro pedido para além das cogitações «azuis») pode estar na mira do Estoril Praia, onde Caló (pretendido para defesa) apenas realizou dois treinos até este momento. Porém, o F. C. Porto, pouco preocupado com o parafuso a mais do jogador, entrou na corrida para o seu concurso.

Enquanto o Belenenses procura treinador de andebol, um nome da modalidade abandona o elenco federativo: António Freitas deixa o bloco chefiado por José Gomes Machado.

Na lista de castigos aplicados pela Federação de Futebol destacam-se repreensões por escrito a Salvador (Boavista) e Quaresma (Cuf) e, ainda advertências a José Eduardo e Seidi (Atlético) e Tóia (Beira-Mar), Serrano, (Leixões), Celso (Boavista), Gabriel e Ronaldo (F. C. Porto), Martinho (Académico de Coimbra) e Isidro (Belenenses).

Duarte, sportinguista que defendeu as cores do Farense, está desempregado e procura trabalho.

O técnico César Pegado deixou a direcção do râguebi benfiquista, devendo subir para o seu posto Alberto Borges, actual treinador da categoria junior do clube da Luz.

. Deve ser disputado em Alvalade o jogo Portugal-Inglaterra, para o campeonato europeu de futebol.

A visita do Estoril Praia ao estádio do Sporting, que estava marcada para a noite de sábado, 27 do corrente, passou para a tarde do dia seguinte.

Após cerca de ano e meio para recuperação de duas intervenções cirúrgicas, o futebolista João Larangeira (dos «leões») já participa em treinos de conjunto.

Processam-se a 10 de Outubro os sorteios dos campeonatos lisboetas de andebol para juniores e juvenis. Antes disso (a 23 do corrente) tem lugar uma reunião na Associação de Lisboa, com o fito de ser discutida a forma de realização dos torneios da próxima temporada.

OPINIÃO

. Juízo de Caló, ontem, para uma roda de amigos:

. — **Eusébio foi o maior futebolista que já vi. Simões, se tivesse o talento do parceiro para jogar a bola, seria o futebolista mais rico do Mundo.**

PERGUNTAS

. . Os juniores futebolistas do Sporting apresentaram-se em Santarém e, pela constituição do «onze» (revelada no próprio órgão do clube), uma pergunta se impõe: de todos quantos alinharam, quais foram «feitos» na oficina de Alvalade? O guarda-redes Delgado (filho de Fernando Delgado, seccionista do clube) ou Rodrigues Dias (filho de um treinador bem conhecido)?

. A questão tem razão de ser porquanto todos os outros elementos são ex-qualquer coisa. Assim: Virgílio veio do Loures, Sousa do Casalense, Maia do Unidos, Jorge do Charneca, José Fernando do Costa da Caparica, Santa Clara do Olhanense, Nuno do Alhandra e Norberto do Boa Hora.

Além de Delgado e Rodrigues Dias, actuaram também os seguintes jogadores que na época passada vestiram já a camisola do Sporting: Vasco, Cerdeira, José Alberto, Arruda, Humberto e Pita. Mas foram apenas estes que sairam da «peneira» das «escolas»?

COMENTÁRIO

. Amanhã, à noite, o Oriental vai reunir-se na sede no Poço do Bispo, para esclarecimento da situação de alguns jogadores que já vestiram a camisola «grenat» e agora servem outro emblema. A reunião foi convocada pela actual direcção e enquadra-se na política há muito adoptada de informar a massa associativa de todos os problemas da agremiação. Desta feita vão ser analizadas as transferências de alguns jogadores (exemplo: Amilcar) de acordo com a legislação em vigor.

Para além de a massa associativa do clube ser assim convidada a tomar conhecimento de toda a verdade que orienta a acção dos directivos do Poço do Bispo, o que importará sublinhar nesta altura é a política que o popular clube segue, não esquecendo (nunca) que os verdadeiros donos da colec-

Continua na pág 17

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 3, DE 21 DE SETEMBRO DE 1975

. Alvo Desportivo, 111 112 x11 xx1x; Badaladas, 111 xx2 11x 121x; A Comarca de Arganil, x11 112 211 x1x2; Cavalgada do Ritmo, 111 1xx 211 1111; O Benfica, x11 1x2 211 x1x2; Música e Desporto, x11 122 x11 2x12; O Concelho de Estarreja, 111 112 x11 2x1x; Correio de Coimbra, 211 1x2 2x1 211x; Ecos do Desporto, x11 xx2 211 xxx1; Correio do Vouga, 111 112 211 x211; A Defesa, 111 12x 21x 2121; Às 10 espere por nós, x11 x2x 21x 211x; Diário de Coimbra, 211 1x2 211 2x1x; Diário de Lisboa, x11 112 111 2xx2; Ecos de Cacia, 1x1 112 211 x111; Estrela da Manhã, 111 112 21x x111; Eu Sei Tudo, 111 112 211 11x1; Dos fracos não reza a história, 2x2 211 x11 xxx2; Gazeta das Caldas, 211 112 211 xxx2; Jornal Desportivo, x11 xx2 211 111x; O Jornal de Felgueiras, x11 112 211 xx1x; Jornal da Graça, 111 112 111 1111; Jornal da Lixa, x11 1x2 211 x111; Jornal de Sintra, xx1 1x2 211 x112; Jornal da Beira, x11 1x2 211 211x;

Jornal de Lafões, 111 1x2 211 xx12; Notícias de Viseu, 111 1x2 211 xx12; O Mensageiro, 111 xxx 211 x21x; Linhas de Elvas, 111 122 21x 1122; Litoral, 111 11x x11 2111; Manchete Desportiva, 111 1x2 21x 2x11; Maria da Fonte, 111 1x2 21x 2x1x; Mundo Desportivo, x11 1x2 21x 21x2; O Norte Desportivo, 111 1x2 211 1xx1; Notícias do Douro, xx1 112 211 xx1x; Notícias de Évora, 111 1x2 x11 x1x1; Notícias de Felgueiras, 111 1x2 x1x xxx1; Notícias de Guimarães, 111 1x2 211 x1x1; A Ordem, 212 221 112 11x1; Peça que não maça, 211 x12 x11 21xx; Penalti, 111 11x x11 xx11; Presença Coimbrã, 211 112 x11 x11x; Rádio Altitude, x11 1x2 111 12xx; Rádio Alvo, 111 1x1 21x 111x; Reconquista, 111 112 x11 x1x1; Renovação, 111 112 211 221x; Repórter do Dia-Angola, x11 112 211 2x12; Encontro Musical, 111 122 211 1x11; A Voz das Beiras, 111 1xx 21x 1112;

A Voz do Domingo, x11 112 21x 1x11; Voz de Lamego, 211 122 21x 2112; A Voz dos Ridículos, 111 1x2 x11 1111; Talismã Desportivo, 1x1 122 x11 2x1x; Sporting, 111 1x2 21x x211; Clube do Ar, 111 111 211 2x1x; Comércio de Leixões, 111 x12 x11 2111; Diário do Porto, 111 xx1 211 2x11; Jornal de Notícias, x11 112 211 x111;

O Primeiro de Janeiro, x11 112 211 2xx1; Rádio Sports, 111 121 111 1111; Ritmo e Amizade, 111 112 x11 211x; Programa Sem Nome, 111 112 211 2111; Quadrante Desportivo, 111 11x x1x xx1x; Quadrante Norte, 111 1x1 211 2x12; Resenha Desportiva, x11 112 211 111x; Música e Desporto, 111 112 211 x212; A Voz do Casa Pia, 111 1x2 211 x11x; Auto Rádio, 111 112 21x 2x12; Estúdio 64, 211 1x2 212 2112; Placard Desportivo, x11 x1x x11 21xx; Panorama, x11 xx2 21x 2x12; Rádio Placard, 111 112 211 211x; Tudo Pode Acontecer-1, 111 112 211 11xx; Tudo Pode Acontecer, 2, x11 1x2 x1x xx1x; Tudo Pode Acontecer, 3, 111 1x2 211 1x1x; Tudo Pode Acontecer, 4, 111 1x2 21x xx11; Tudo Pode Acontecer, 5, x11 112 21x xx1x.

	1	X	2	1	X	2	(a)
1. NIÃO TOMAR-ACADÉMICO	1[illegible]	[illegible]	9	7	1	1	
2. PORTO-BELENENSES	7[illegible]		[illegible]	11	1	1	
3. SETÚBAL-FARENSE	7[illegible]	[illegible]	2	11	1	1	
4. GUIMARÃES-BRAGA	[illegible]5	1[illegible]	[illegible]	10	1	1	
5. ESTORIL-CUF	[illegible]	[illegible]3	9	[illegible]	[illegible]	1	
6. ATLÉTICO-SPORTING	7	[illegible]	[illegible]1	1	1	10	
7. BEIRA MAR-BOAVISTA	[illegible]	18	[illegible]3	1		[illegible]	
8. BENFICA-LEIXÕES	76	1	0	11	1	1	
9. SALGUEIROS-RIOPELE	55	20	2	[illegible]	3	1	
10. MARINHENSE-ESPINHO	18	30	29	3	5	4	
11. FAMALICÃO-VARZIM	38	32	7	6	[illegible]	1	
12. UNIÃO MONTEMOR-JUVENTUDE	56	1[illegible]	2	[illegible]	[illegible]	1	
13. SESIMBRA-ORIENTAL	29	29	19	5	4	3	

a) Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

111 112 211 211 1ouX

Desporto

COMENTÁRIO POR NEVES DE SOUSA

BENFICA: 7-0 NAS REDES DOS DIDIS

Exercicio de pontaria entre dois "drinques"

. Em 1958, quando eu voltei da Índia (serviço militar, sem tiros contra ninguém) aconteceu-me idealizar um «team» de garotos que, na sede sportinguista da Rua do Passadiço jogava futebol de cinco sob o nome de «Os Didis». Tinha então «mentalizado» os garotos de que era uma «suprema honra» alinharem em campo sob o genérico de um nome famoso. O inventor (sabe-se) da chamada «folha-seca». Um dos mais «insignes» tácticos do futebol «canarinho».

Por acaso, nessa altura a que me retorno (17 anos já tombados) surgiram, conquistados para o futebol, rapazes como os manos Canário, técnicos como Fernando Mendes, Palege e França, além de um moço (Vitro Manuel Damas de Oliveira) que, filho de um funcionário do «DL» tinha especial propensão para a guarda das balizas. «Os Didis» e seus pares nesse torneio tinham, afinal, servido para incentivar a conquista de novos valores para um dos jogos desportivos mais do agrado das grandes massas humanas.

Pois, amigos, ontem, num estádio benfiquista tocado pela chuva morrinhenta, fiquei com uma desilusão tremenda: estes Didis-1975 são uns chutadores sem qualquer qualificação especial, desses que bem podiam interpretar um «show» acessível a todas as idades, já que um garoto de peito (salvo seja...) podia fazer tal e qual como o Benfica de Mário Wilson: passear por entre eles como credor ante devedor em dia de azar. Nesses dias em que mais vale ficar no quentinho da cama que sair para a rua, numa afronta ao que possa surgir no calendário.

Leitores que me acompanham: na noite festivaleira da estrada que leva ao reduto vermelho, foi um ver se te avias. Sete-golos-sete: para todos os gostos e paladares. Assim a modos que um mostruário: os turcos pediam e o tento surgia. Por alto, por baixo, à meia altura e, até, feito por eles próprios na baliza excursionista. Como se vê, melhor (para os portugueses) não podia ser.

Quer dizer: no «saloon» da Luz, entrou um cliente, pediu um «drink» e espetaram-lhe uma bebedeira pelos queixos. Entre duas «pokeradas», Cassidy mais Buck Jones, o Jack Taxas e o sócio Tom Mix, atacaram a diligência e não deixaram nem uma amostra da bagagem. Tão cedo não esquecerá este assalto benfiquista aos pobres embaixadores da terra das toalhas felpudas: sete zero no «placard» é marca insofismável e nada atrevida se somarmos à avalancha de bolas nas redes do número um dos Didis ainda um «penalty» perdoado pelo árbitro francês Heliès (aos 4 minutos), dois esbarros do couro na trave e três lances em que só faltou um centímetro para qualquer pé empurrar para dentro do véu da noiva a bola acs saltinhos que nenhum turco conseguia alcançar. Um fartote: de riso e de futebol. Como aquilo, nunca tinhha aparecido pelas barbas de um Benfica superpersonalizado e hiper profissionalizado. Tirando os passeantes luxemburgueses às Antas e os tais cipriotas que em duas noites desfilaram ao som de gaitinhas por Alvalade, esta foi a melhor amêndoa pré-natalícia que podia ter aparecido em palcos de futebol português. E aqui vai, sem desprimor para o paralelo, uma pequena comparação: até o Farense, em branco no torneio graúdo do futebol indígena, goleava esta rapaziada, que pode ter habilidade para tudo (para a «sarrafada», inclusive) menos para o futebol. Assim mesmo: zero em comportamento, a qualquer nível para os turcos deste Fenerbahçe que, para cúmulo da desdita, apanhou uma enxaqueca de que saiu combalido para muitos e bons, além de ter levado pelas ventas com três cartões amarelos que são pequena porção do castigo ao comportamento detestável de Sabahattin, Alpaslar, Rasit e outros da mesma (péssima) lavra.

Falando do jogo, que poderá dizer-se? Que a garota desta «cowboyada» não era a lourinha Lana Turner nem a morenaça Ava Gardner: dois morenos (isso sim: Jordão e Shéu) chegaram e sobraram (mais um Nené destemido por não ter ninguém à perna) para destroçarem as parcas trincheiras vindas das paragens de Istambul. O rapaz (Benfica) arrumou o vilão logo em três trancadas, ainda na primeira parte: depois, foi o digerir da presa, aglutinada a um cruel destino e feito açorda para o papo da águia.

Pouca história tem este simulacro de duelo à luz da Luz e sob pingos de chuva fria. O dono do forte não precisou de vir a terreiro bater-se por sua dama, o patrão: bastou-lhe deixar rodar o tempo e, de vez em quando, dar uma cutilada a preceito. O opositor não vestiu de vilão, nem de assaltante de comboios ou bancos: foi (somente) um cavalicoque trémulo no deserto, fustigado pela sede e pela poeira, de olhos cerrados como recém-nascido. Impúdico no modo como se esfarrapava, grotesco na maneira como tentava vencer 90 minutos pesados como chumbo. Qualquer coisa como uma galinha choca perante o gatilho de Pepe, o rápido: tiro de Speedy Gonzalez era buraco na muge. E, quando assim acontece, que vale distinguir um homem ou outro? Com um pano enfiado pela cabeça, os turcos foram o mais bonito esboço de «team» de futebol que veio até Portugal nestes últimos anos. E, bater em ceguinhos (Deus nos perdoe) nunca foi de criar fama a valentões. Mas, só aqui para nós: nunca mais recruto Didis na minha rua. Palavra de honra.

Jodão: três golos contra os Didis feitos à pressa

Continuação da pág. 16

tividade são os seus associados. Periodicamente, eles são convidados pelos directivos a debates sobre a vida da colectividade, participando activamente no seu destino.

Ao sublinharmos esta iniciativa do Clube Oriental de Lisboa, estamos igualmente a lamentar que outros clubes não lhe sigam exemplo, de modo a que terminem, de uma vez por todas, as tendências generalizadas dos dirigentes se fecharem no seu mundo, não dando conta das atitudes que tomam.

Continua em dívida a verba referente a prémios de deslocação de árbitros de andebol de Leiria e Coimbra que, há perto de um ano, não recebem um centavo. Em assembleia da Comissão Central foi dado o prazo máximo até 1 de Outubro para a regularização desses e de outros débitos.

A família Almasqué ofertou ao Sporting, com destino à secção de ginástica, um piano.

Os jogadores de futebol do Atlético Clube do Cacém resolveram actuar esta época sem que a colectividade lhes tenha de pagar quaisquer prémios, por exibição ou treino. A verba que será poupada vai reverter para a construção de um ginásio-sede e pavilhão gimnodesportivo.

RARIDADES

. Passivo do Clube Académico de Coimbra: cerca de 2800 contos.

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

SEDE: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73
LISBOA

COMUNICADO

Informo todos os sócios deste Sindicato que ao abrigo do Art.º 91.º dos Estatutos a tomada de posse dos novos Corpos Gerentes realizar-se-á na sede do Sindicato, no dia 26 de Setembro de 1975, às 21 horas.

Lisboa, 15 de Setembro de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Eleitoral
Artur Manuel Mendonça Rodrigues

F. C. do Porto, 7-AVENIR, 0

O PROFISSIONALISMO E O AMADORISMO

. Sete golos marcados, outros dois invalidados (qualquer deles discutível por erro de visão nos fora-de-jogo), três bolas na madeira, tudo isto na baliza dos visitantes; e apenas um remate, em jogada de contra-ataque, finalizado ao lado, na baliza de Tibi, reflectem o volume de jogo desenvolvido por uma e outra equipas, são números que testemunham a incomensurável diferença de categoria técnica, táctica e preparo físico a rubricar o potencial das duas equipas.

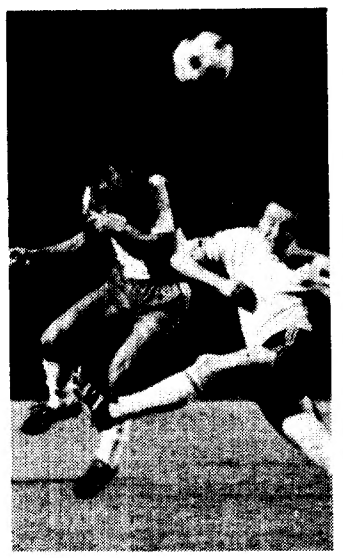
Antes ainda de ter sido inaugurado o marcador o guardião visitante (que se mostrou o melhor elemento em campo não obstante ter sido «goleado») havia «parado» quatro ou cinco remates com sinal de golo. À passagem da dezena de minutos o jovem Júlio inauguraria a «conta validada». Entretanto aconteceram perdidas incríveis e às mãos cheias, antes e epois do segundo golo, de «penalty», marcado por Cubillas a punir «voo» de Kempis, um dos «centrais». Antes do intervalo (2-0) seguramente que mais quatro golos ficaram por marcar o que, adicionado ao sete da segunda parte (cinco que contaram e outros dois sonegados por Camacho) dariam uma conta histórica.

Diga-se de passagem que o resultado, construído com a maior naturalidade que se possa imaginar e que até se justificaria que fosse mais volumoso, de modo nenhum serve para ratificar o prestígio do F. C. do Porto além-fronteiras, tão desconhecida é esta equipa do Avenir Beggen, bem constituída fisicamente mas débil no desgaste físico, sem estofo para este tipo de jogos.

Não há de resto a «heterogeneidade profissional» dos seus praticantes visto o grupo ser constituído por funcionários públicos, engenheiros e um estudante, (por sinal francês), como estrangeiros conta ainda com o marroquino Chahbi (que se lesionaria aos 33 minutos fracturando a tíbia) e o alemão Whol Fart.

INGENUIDADE

Mas, como são os luxemburgueses? Tão ingénuos que no primeiro quarto de hora da segunda parte, depois de «chamados» à realidade da sua impotência futebolística, deixaram a «toca» para onde haviam sido remetidos no 1.º tempo e, mangas arregaçadas, cometeram a audácia de pretender chegar ao golo. Conseguiram apenas «lembrar» aos cerca de 40 mil assistentes, que o F.C. do Porto também tinha um terceto defensivo. E não foram precisos mais... Sociais-democratas como são, os luxemburgueses deram «liberdade» aos 6/7 avançados portuenses e sucedeu, em lances contínuos e



bem gizado, um autêntico «assalto» à baliza de Moes... que ficou positivamente moído!

. Octávio, esteve esquecido do jogo durante o 1.º tempo, «apareceu» na segunda parte. O cidadão de Palmela, mais Cubillas, Gomes e Oliveira fizeram os luxemburgueses pagar caro a sua ousadia de pretenderem equilibrar a partida. Na última meia-hora, sucederam inevitáveis, os cinco golos validados como consequência natural do potencial futebolístico do F. C. do Porto, posto em face da refinada mediocridade dos «amarelos». O que não deixa hipóteses nenhumas aos luxemburgueses.

Dois jovens, (Júlio e Gomes) abriram e fecharam a conta: por curiosidade ambos «optaram» pelo pé esquerdo na consumação da sua finalidade. No intermédio foi o festival Cubillas a marcar e a fazer marcar.

Árbitro: António Camacho (espanhol); o F. C. do Porto alinhou com: Tibi; Murça, Ronaldo (Rodolfo, aos 46 m), Simões e Teixeira; Júlio, Octávio e Cubillas; Oliveira, Gomes e Dinis. (Séninho, aos 70 m).

ANTÓNIO ABEL

SPARTAK, 0-BOAVISTA, 0

Quem marca um golo a Botelho?

. A sério, vão três: três jogos sem sofrer qualquer golo. Por mérito não apenas de Botelho, mas de toda a equipa axadrezada; e do seu treinador, também.

Há oito dias na Luz; no sábado passado em casa; ontem, em Trnava, lá na Checoslováquia, onde há uns meses a nossa selecção «comeu» cinco golos. Daí a pergunta: quem marca um golo a Botelho (à defesa do Boavista)?

. José Maria Pedroto escolheu as suas armas: cabeça fria como gelo para contrapor ao calor (e dureza) dos checos; que «adivinhavam» um jogo tranquilo, fácil, e afinal de contas saíu-lhes um osso impossível de roer.

O importante era não sofrer golos: o objectivo foi alcançado; o sonho seria marcar um golito: o que esteve quase a acontecer (nos pés ou na cabeça de Salvador).

Os homens do Bessa saíram de Trnava e respiraram fundo: não pensam que a eliminatória está ganha; imaginam, isso sim, que no primeiro dia de Outubro os papeis se vão inverter. E, nesse dia, terão de inventar maneira de marcarem golos ao Spartak; continuando a não sofrer nenhum...

O Boavista apresentou a seguinte constituição: Botelho; Trindade, Mário João, Carolino e Taí; Barbosa, Francisco Mário e Alves; Celso, Acácio e Salvador. Aos 26 m. da 2.ª parte, Jorge rendeu Acácio.

Geral

O TIO SAM VIRA A CASACA

Continuação da pág. 3

Eis uma empresa que se encontrava quase arruinada há cinco anos, quando o seu novo presidente, David S. Lewis, chegou. Os seus estaleiros navais de Quincy, no Massachusetts, e as suas fábricas de mísseis em Pomona, Califórnia, estavam dramaticamente deficitários. A filial de microfilmes Stromberg-Carlson Corp, perdera 6,5 milhões de dólares. Os banqueiros começavam a interrogar-se. Mas ais que o «GD» bate a Northrop Corporation (à qual também não faltam problemas) na competição para o fornecimento de seiscentos e cinquenta aviões num valor de 4,3 biliões de dólares, à U.S. Air Force. De súbito, tal encomenda traz consigo outras, da Marinha, dos países membros da N.A.T.O. (que, na Europa, não querem o Mirage F1), depois do Médio Oriente, do Canadá, etc. Uma «história da Gata Borralheira», como diz o próprio Lewis.

EXPORTAÇÃO DE ARMAS: UM DERIVATIVO

Apesar disso, e apesar das ricas possibilidades dos Estados Unidos, a indústria aeronáutica americana está longe de dar o seu melhor. Ela só utilizaria actualmente 70 por cento das suas capacidades de produção. «Em 1968 havia nessa indústria 1 403 000 pessoas. Segundo as estatísticas, do passado mês de Dezembro há actualmente 946 000, o máximo. Muitas foram-se embora antes de serem despedidas, mas o desemprego continua a ser alto», disse-nos Scaggs, o economista da Federação das Indústrias Aeronáuticas.

Em muitos casos as soluções militares salvam as situações, não só na indústria aeronáutica, mas também na automóvel, na construção naval, etc. A Chrisler e outros construtores automóveis participam no programa ajudando à construção de tanques.

A exportação de materiais fornece, de momento, um derivativo, e uma transição que é bem-vinda. Primeiro país exportador de armas do Mundo, os Estados Unidos viram as suas vendas passar de 3,8 biliões de dólares em 1973, para 8,3 biliões (3,7 só no que respeita à aviação) o ano passado, e provavelmente para uns 12 biliões no ano corrente.

Oficialmente não é esse o objectivo em vista. «Os Estados Unidos não são um vendedor de canhões», disseram-nos e repetiram-nos, mostrando a que ponto a administração americana tenta desinteressar-se, tanto quanto possível, das vendas directas de armas ao estrangeiro, causa de demasiados pedidos de créditos ou de ajudas diversas. Basta-lhe um controlo de segurança sobre a natureza dos materiais cambiados, à excepção dos grandes mercados estratégicos do tipo «mercado do século».

A doutrina oficial do departamento de Estado é agora fazer melhor com menos meios. Antes de mais com menos homens. A melhoria da gestão do pessoal no Exército vai a ponto de ser objecto de estudos de casos metodológicos em «Business Week». A indústria, que em certa medida seguiu sempre a evolução das técnicas de gestão militares, prepara-se assim para novas lições. Os métodos de produção mais sofisticados, a loucura da investigação, e do desenvolvimento vieram-lhe do Exército. E é agora o Exército que preconisa «novos métodos que permitam a redução dos custos», tal como o projecto A.C.E. (Aquesition Cost Evaluation) da U.S. Air Force, que chegou a reconhecer que o problema é hoje menos a procura de novas técnicas do que o saber utilizar melhor as que já se conhecem.

Isto explica a viragem dos grandes laboratórios americanos de investigação, que passam aos domínios menos explorados, os do futuro: ciências humanas e vida social. O orçamento da investigação espacial diminuiu para metade em dez anos. A investigação militar estagnou, devido à inflação. E o orçamento atómico foi seriamente amputado, do lado militar, já que nos 3 biliões consagrados à investigação de Estado sobre a energia, dois terços vão agora para investigações civis e fontes de energia que não o átomo. Para mais, ao lado da investigação do Estado, a investigação privada diversifica-se mais ainda.

«Os Estados Unidos consagram há anos 5 a 6 por cento do seu produto nacional bruto à investigação e ao desenvolvimento», diz-nos Charles A. Zraket, «vice-presidente» da Mitre, um dos laboratórios mais em vista, que emprega mil e quatrocentas pessoas. «Tanto em valor absoluto como em valor relativo, é muito mais do que qualquer país do Mundo. Somos pois capazes de triunfar em novos domínios. No entanto, o presidente Ford chama a atenção: «Se as transferências sociais continuam a progredir ao ritmo actual — uns 9 por cento por ano, durante os vinte últimos anos — metade dos americanos fará viver a outra metade no ano 2000...».

(c) «LE MONDE»

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

lução, não é de ninguém, olhe sabe que mais?, o mal disto tudo foi cada qual querer a sua revolução, porque se todos quisessem a minha revolução, oh lá, lá, outro galo cantaria à Revolução, a Revolução, para continuar a ser Revolução, não precisa para nada dos revolucionários, a Revolução faço-a eu, o meu irmão, Vítor, o meu primo Ernesto, não precisamos para nada dos trabalhadores, e dos camponeses, coitados, esses passam a vida a trabalhar, estavam bem arranjados se ainda tivessem que perder tempo a fazer revoluções, era o que faltava, além de que os trabalhadores quando se metem nestas coisas, zás!, querem logo fazer a revolução a sério, o que é perfeitamente inadmissível, dadas as situações concretas, os operários devem estar na fábrica, os camponeses devem estar no campo, os soldados devem estar no quartel e eu devo estar a fazer a revolução, que só não fiz por causa dos órgãos de informação nacionalizados. Você repare que...

Só então reparei que estava só. O meu interlocutor tinha desaparecido, certamente na ânsia de levar ao mundo as minhas palavras. Não há dúvida: para compreender o processo revolucionário português é indispensável vir a Portugal.

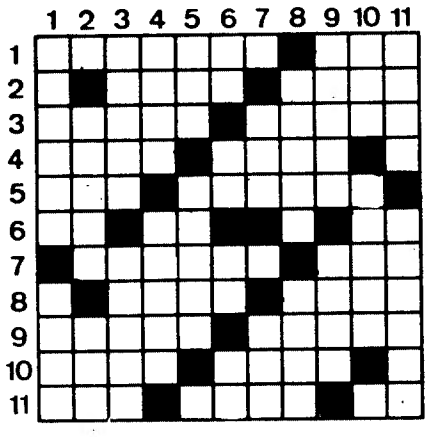
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 188

HORIZONTAIS:

1 Riscara. O mesmo que três.
2 Molesto. Aquele que.
3 Freguesia do concelho de Idanha-a-Nova. Sarai.
4 Pesquiso. Lavrem.
5 Antiga capital da Birmânia. Agarraras.
6 Pronome reflexo. Post Scriptum. Linguaantigamentefaladaaosuldorio Loire.
7 Magnetizar. Voz do mocho.
8 Rezou. Freguesia do concelho de Castelo Branco.
9 Cidade de França. Tratamento dado às freiras.
10 Apre! Golpeie.
11 Acético (abrev.). Porco. Amónio (sq).



VERTICAIS:

1 Ridicularizas. Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes.
2 Limpaicomágua. Fonzela. de Orleães.
3 Asa do nariz. Acaba.
4 Depressa. Hilota (fig).
5 Guarneço de asas. Burros.
6 Letra grega. Artigo definido. Ouro (sq). Crença.
7 Acreditei. Textualmente.
8 Tenciono. Habito.
9 Bando. Um dos estados do Brasil.
10 Mãe de Rómulo e Remo. Mata de castanheiros
11 O mesmo que amir. Filtraram.

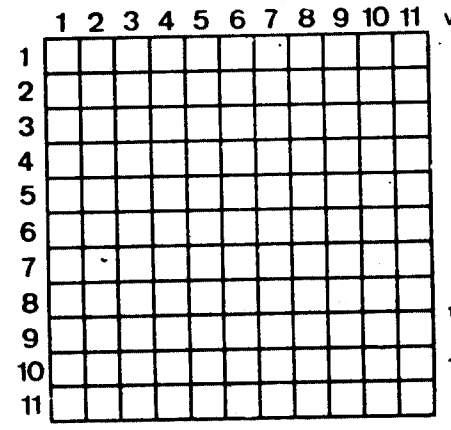
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7347

HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Coimbra. Guardar segredo.
2 Venda. Esqueça.
3 Cidade de Portugal. Fechais as asas para descer mais depressa.
4 Sentir agastamento.
5 Apelido. Praia. Boro (s.q).
6 Laço. Vossa Alteza.
7 Moderato. Gálio (s.q). Campeão. Batráquio.
8 Coisa (ant.) Doçura (inv).
9 Transpirara. Lavrais.
10 Espiolhar. Pífaro.
11 Olé. Restos mortais.



VERTICAIS:

1 Pronome demonstrativo. Mastiga sem engolir.
2 O mesmo que ion. Espaço de doze meses. O mesmo que uma (ant. e pop).
3 Montão. Largo de Lisboa.
4 Arma branca, de lâmina curta e larga, com dois gumes. Universal.
5 Curar. Estimara.
6 Ente.
7 Apelido. Inundo.
8 Plantio de amieiros. Tempo do verbo ser.
9 Ligar. Em mais alto grau.
10 Ave da família dos láridas. Botequim. Sufixo que designa pequenez.
11 Sinal. Tostas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 187

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Desce. Maria.	1 Dar. Acatava
2 Au. Roias	2 Eu. Claras
3 Pr. BOA. Cl	3 Presos. Ne
4 Crus. Cãs	4 RUGAS. Fa.
5 Alegam. Rota	5 Er. Sãs. TIRA.
6 Casas. Murar	6 Ob. Art.
7 Aros. Cigana	7 Mios. MIV. Ou
8 Tas. VIDA.	8 AAA. Rugir
9 Ás. Fia. Ra	9 Rs. Corada
10 Narro. Fé	10 Catana. Fa.
11 Ame. Atulhar.	11 Avisara. Per

Provérbio: BOA VIDA RUGAS TIRA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7346

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Rumor. Datar.	1 Repousara.
2 Eles. Meras	2 Ulos. Una. Fi.
3 Pós. Ca. Co.	3 Mês. Cri. Cor. Bela
4 Os. Cor. Bela.	5 Camaradas
5 Comer. Ver	6 Mané. Éter
6 Surra. Aviam.	7 De. Travar
7 ANI. Revés	8 Arca. Vem. Ma.
8 Rã. Batam. In	9 Tão. Vis. Mar
9 Ceder. Mat	10 Ás. Deã. Iate
10 Folar. Mata	11 Tormentas.
11 Viras. Vares	

No ALGUEIRÃO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na TABACARIA MIMO

BARS BOITES

RESTAURANTES TÍPICOS

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T.** 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA

ASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946**

HIPOPÓTAMO Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

Tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17º
P. DOURADAS	
COIMBRA	15º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	17º
FARO	20º
FUNCHAL	20º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:
TAVIRA 26,5º

Mínima:
P. DA SAÚDE 0,3º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 15,2º
Atmosfera 13,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.47	**3,7 m**	8.25	**1,2 m**
15.01	**3,9 m**	20.47	**1,0 m**

Dia 19

3.23	**3,8 m**	8.56	**1,0 m**
15.37	**4,0 m**	21.16	**0,9 m**

Dia 20

3.56	**3,9 m**	9.27	**0,9 m**
16.10	**4,0 m**	21.45	**0,8 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Nas regiões a norte do Tejo: Períodos de céu muito nublado; vento fraco, neblina matinal em especial na faixa costeira. Nas regiões a Sul do Tejo: céu geralmente pouco nublado: vento fraco.

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.21
OCASO ÁS 19.40

DIA 20	DIA 28	DIA 5	DIA 12

Rádio

EMISSORA

1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Música popular
19.25 Melodias
20.00 Jornal da noite
21.00 Música variada
21.40 Fados
22.00 Música variada
23.00 Música variada
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
03.05 Mini-teatro

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir?
18.20 Orquestras de câmara
19.00 O canto e os seus intérpretes
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
23.27 Quarteto em sol menor, op. 10 de Debussy
00.00 Entra o 2.º Programa — a grande música negra, por José Duarte
01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de câmara de Beethoven
21.15 Música de bailado
22.00 Concerto de câmara
23.00 Música para cravo de Bach
23.30 Música sinfónica
00.00 Junção com o Programa Estereofónico

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
20.50 Diálogo
21.03 Programa do M.F.A.
21.30 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Mensagens bíblicas
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
01.15 Rádio teatro
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à gô-gô
00.05 Em órbita-2

01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **10.00** e das **22.00** às **02.00**

Rádio Voz de Liisboa

Das **10.00** às **12.00** e das **19.30** às **22.00**

Rádio Graça

Das **12.00** às **14.30**

Rádio Graça

Das **14.30** às **19.30**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO H 1
TODA A NOITE

AJUDA
Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (tel. 637318)
ALTO DE S. JOÃO
Zional, Rua Morais Soares, 58-C (tel. 847708)
ALVALADE
Brisália, Avenida Rio de Janeiro, 66 (tel. 722368)
AREEIRO
Central, Avenida Paris, 2 (tel. 720820)
AVENIDAS NOVAS
Cardote, Avenida Visconde Valmor, 28-A/C (à Avenida da República) tel. 772291)
BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (tel. 849448)
BAIXA
Durão, Rua Garrett, 90 (tel. 324166)
BENFICA
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (tel. 704828)
CAMPO DE OURIQUE
Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (tel. 681726)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (tel. 869831)
CHIADO
Durão, Rua Garrett, 90 (tel. 324166)
ESTEFÂNIA
Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (tel. 570593)
OLIVAIS-SUL
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (tel. 310026)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sousa Martins, (ao Matadouro) (tel. 553468)

TURNO H-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (tel. 771469); **Roma**, Avenida de Roma, 85-B (tel. 772466); **Ideal**, Avenida Almirante Gago Coutinho, 49-A (tel. 712803)
BAIXA
Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 88 (tel. 321211)
CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11-A (tel. 682610)
CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686176)
ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (tel. 45578)
GRAÇA
Monte, Rua Senhora do Monte, 3-A/B (tel. 867842)
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 362-B (tel. 790332)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (tel. 720703/728395)

MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro e Castro, Rua Braamcamp, 52-C (tel. 43409)
POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11 (tel. 381136)
SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio 29-A/B (tel. 637070)
MADRAGOA
Lys, R.da Esperança, 17-19 (T.660913)
S. SEBASTIAO DA PEDREIRA
Berna, Avenida de Berna, 44-A (tel. 773568)
SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (tel. 780841)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Granjo, 2 (T.213161)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Até às 22 horas
OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Toda a noite
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
MURTAL
Primavera, R.das Parreiras, 2 (T.2472278). Toda a noite
MONTE ESTORIL
Suissa, Cruzeiro (T.260087). Até às 22 horas
CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Até às 22 horas; **Misericórdia**, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.234589); **Campos**, R.Elias Garcia, 185 (T.930072); **Clabel**, R.António Sardinha, 23-D (T.938551)
DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151; **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.Antonio dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 30 (T.204020)
ALMADA
Central, R.de Olivença, 11-B (T.2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T.2073207)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teofilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Giraldes, R.Almirante Reis, 45 (T.2310008)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Bocageana, R.do Romeu (T.23425); **Bairros**, B.Santos Nicolau (T.23330)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 22

ATÉ ÀS 22 HORAS

Nacional, Rua Senhora da Luz, 156-FOZ, **Boavista**, Rua da Boavista, 801, **Cosme**, Rua de Costa Cabral, 384, **S. Diniz**, Rua de S. Diniz, 428, **Saoira**, Rua de Santos Pousada, 71; **Vitália**, Praça da Liberdade, 34, **Alberto Ferreira**, Rua da Estação, 100, **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520, **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485, **Pereira**, Rua da Preciosa, 35, **Herculani**, Rua Alexandre Herculani, 384.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Nacional, Rua Senhora da Luz, 156-FOZ, **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520, **Herculano**, Rua Alexandre Herculano, 384, **Alberto Ferreira**, Rua da Estação, 100.

COIMBRA

Cruz e Costa, R.António Vasconcelos, 71 (T.22715); **Silva Soares**, R.Mouzinho Albuquerque, 26 (T.71454); **Vilaça**, R.Ferreira Borges, 132 (T.22043)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Cia dos Cardeais»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
Os Cómicos
21.15 (13 anos)
«A Noite dos Assassinos»
MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»
MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Leganda do Cidadão Miguel Lino»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
A.B.C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»
CAPITÓLIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

LISBOA/Cinema

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Você Interessa-se Pela Coisa?»
PARIS
21.00 (6 anos)
«A Ilha dos Piratas»
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Simplesmente Garotas»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«Se»
IDEAL
21.15 (18 anos)
«O Homem de Ferro»
MOSCAVIDE
21.00 (13 anos)
«O Homem da Meia-Noite»

LINHA DE CASCAIS

Palácio
21.15 (18 anos)
«O Assalto»
Oxford
21.15 (18 anos)
«É Preciso Eliminar a Testemunha»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Oh! Calcutá»
ESTORIL
Cassino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«O Puro Anselmo e o Seu Devasso Escudeiro»
CASCAIS
S.José
21.15 (13 anos)
«A Esposa Comprada»

LINHA DE SINTRA

QUELUZ
Cine
21.15 (18 anos)
«Meias Pretas»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«O Comboio do Terror»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
Clube
21.30 (18 anos)
«O Maneta de Ferro»
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Chantagem»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Corvo»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Tamanho Natural»
RIVOLI
21.15 (10 anos)
«A Mania das Grandezas»
S.JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«O Ataque dos Sete Magníficos»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (10 anos)
«Spártacos»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Amar Não Mata»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Primos Carnais»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Os Dois Bombeiros»
BATALHA
21.15 (13 anos)
«Um Por Todos Todos Por Um»
TRINDADE
21.15 (13 anos)
«O Professor Erotomaníaco»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«As Sobrinhas»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Teresa a Ladra»

COIMBRA

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Os Pássaros Com Plumas de Cristal»
AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Os Caminhos da Liberdade»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Decameron Proibido»
SOUSA BASTOS
21.15 (14 anos)
«O Homem Nú»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Arena»

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
IMPÉRIO
AS NOVIÇAS
LONDRES
BRANDOS COSTUMES
POLITEAMA
AS AVENTURAS DE PINÓQUIO

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
o filme de Norman Jewison
JESUS CRISTO SUPERSTAR
38.ª semana
O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBURDIA NO OESTE
Em 5.ª semana
Hoje às 24.00 Grupo D (18 anos)
O HOMEM A QUEM CHAMARAM CAVALO

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
9.ª Semana!

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao publico: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Para todos
MELODY
Colorido
Venha ver como começamos a amar

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
de Lina Westmuller

CARLOS MANUEL — SINTRA

T 2930394 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
O COMBÓIO DO TERROR

D. JOÃO V — DAMAIA

T. 971794 21.00
Int. a m. 18 anos
AQUELA GOVERNANTA...

UNIVERSAL

T. 774402
HOMENAGEM EISENSTEIN
Às 15 e 21 h — OUTUBRO — 13 anos
Às 17 e 23 h — GREVE — 13 anos
Às 19h — LINHA GERAL — Para todos
NOVAS CADEIRAS — AR CONDICIONADO (20°)

RESTELO

T. 610375 21.00
Int. a menores de 18 anos
EMMANUELLE

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Grupo C (M. 14 anos)
O INVENCÍVEL
O INVENCÍVEL

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Um drama de impacto explosivo!
VEREDICTO
3.ª Semana
Com Sophia Loren e Jean Gabin

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O PURO ANSELMO E O SEU DEVASSO ESCUDEIRO

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O ATENTADO

POLITEAMA

T. 326305 15.00, 18.00 e 21.00
Para todos M. 6 anos
AS AVENTURAS DE PINÓQUIO

ROMA

T. 727778 21.15
Não aonse. a maiores de 13 anos
O ÁS DO VOLANTE
Todos os dias às 18.30
NOVAS AVENTURAS DA PIPI DAS MEIAS ALTAS

VOX

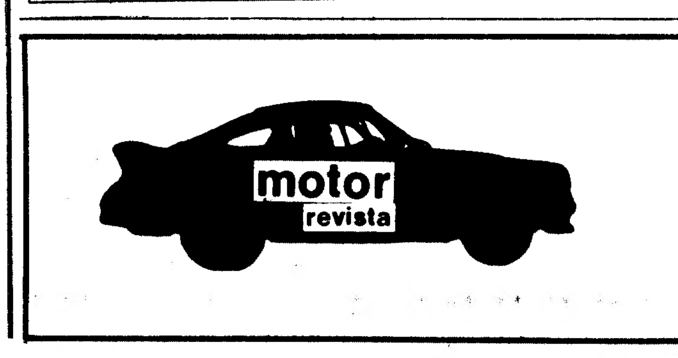
T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A FÚRIA DO DESEJO
3.ª Semana de sucesso

SATÉLITE

T. 562632 15., 17., 19., 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O CIO (HEAT)
4.ª Semana

IMPÉRIO

T. 555134 21.15
(Não acons. a menores de 18 anos
AS NOVIÇAS
15.15, 18.30
Não acons. a menores de 18 anos
REVÓLVER



CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos - colorido
Classicos de comédia
PINTORES E RAPARIGAS
com Jerry Lewis e Dean Martin
2.ª Semana

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
BURCH CASSIDY E O KID
DOIS HOMENS E UM DESTINO
c/ Paul Newman, Robert Redford
3.ª semana

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos
4.º mês de êxito sensacional
17.ª Semana de enchentes
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIÁVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES

T. 801313 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BRANDOS COSTUMES
14.15, 16.30, 18.45
Não acons. a menores de 13 anos
JOHN AND MARY

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O útimo fime de Pasolini
3.ª Semana!
AS MIL E UMA NOITES

AVIS

T. 47163 15.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
2 SAMURAIS PARA 100 GUEIXAS
com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
8.ª Semana!

CINEARTE

T. 660446 21.15
Interdito a menores de 18 anos
OS DIABOS

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos
O PROSTITUTO
Colorido! 3.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas event. chocantes — 8.ª Semana

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15
Grupo A M. 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
Colorido!

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Para todos (M. 6 anos)
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?
3.ª Semana

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
[illegible] A M. 6 anos
UM [illegible] NOVA IORQUE
Charle[illegible] e Baxm Addams

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TEELEF. 65#531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

EM PARIS

ACÇÃO FASCISTA CONTRA PORTUGAL

. Segundo a Agêccia «France-Presse», ontem dia 17, «um comando de jovens pertencentes à «Frente da Juventude (organização da extrema-direita), saquearam uma livraria do «Quartier Latin» em Paris, especialista em obras portuguesas».

Por outro lado, «dez membros da mesma organização ocuparam durante uma hora os escritórios da TAP, situados no bairro da Ópera, no centro de Paris. Foram expulsos pela polícia».

Ainda segundo a agência «France-Presse», «A Frente da Juventude» precisa, num comunicado à Imprensa, que estas acções tinham por objectivo «protestar contra a situação política actual em Portugal e o facto dos comunistas irem novamente entrar no Governo».

Mais um acto fascista, mais um ataque da reacção internacional contra as massas populares portuguesas. A reacção internacional não desarma. Para ela, Portugal deve continuar a ser o paraíso dos exploradores e dos opressores. O fascismo internacional dá-se a mão para liquidar o processo revolucionário em curso. As «Agência Press», os «Ordre Nouveau» e outras organizações criminosas e assassinas não hesitarão em empregar todos os meios para chegar aos seus tenebrosos fins.

Se este acto fascista teve lugar em Paris, não é por acaso. A social-democracia francesa com Valery Giscard d'Estaing à frente tem vindo a dar grande ajuda a tudo aquilo que se propõe por um termo à construção do socialismo em Portugal. Não há dia em que os emigrantes não recebam ameaças e injúrias só porque são portugueses e porque representam um País que pode vir a ser o exemplo e o rastilho que poderá encaminhar os países eurpeus para transformações sociais que são o pesadelo da burguesia europeia.

Se este acto criminoso teve lugar em Paris não é, ainda uma vez, por acaso. A Polícia francesa e os seus serviços secretos têm trabalhado em uníssono com os ex-pides e com os Spínolas, Barbieri Cardoso, Sanches Osório e outros criminosos do mesmo género... Paris é, neste momento, a placa giratória da reacção antidemocrática portuguesa.

CONTRA VENTOS E MARÉS...

ARMADA MANTÉM-SE NA ROTA...

. A Assembleia da Armada, reunida ontem no Alfeite, escolheu para seus representantes no Conselho da Revolução o almirante Rosa Coutinho e os comandantes Martins Guerreiro e Almada Contreiras. O almirante Pinheiro de Azevedo não precisa de ser considerado na eleição porquanto tem sempre lugar no Conselho, ou na qualidade de Primeiro-Ministro militar ou de chefe do Estado-Maior da Armada. Foram designados como suplentes o primeiro-tenente Miguel Judas e o comandante Ramiro Correia.

Ao contrário do que aconteceu na Força Aérea a eleição dos representantes da Armada no Conselho da Revolução não envolve desvios à linha inequivocamente revolucionária deste ramo das Forças Armadas. Embora os seus elementos possam ser ideológicamente motivados de formas diferenciadas a Armada, talvez até mais pela sua actuação do que pelas palavras, tem sido uma grande força propulsora da Revolução, e, em termos de organização global é hoje o seu mais sólido garante.

Muitas especulações foram feitas, nos dias que antecederam a Assembleia, uma reunião efectuada anteontem no Clube Militar Naval, em que estiveram presentes oficiais do M. F. A. e outros estranhos ao M. F. A. mais aumentou essas especulações. Nada disto, porém, surpreendeu pois sabia-se que, depois do que tinha acontecido em relação a outros órgãos militares, o grande objectivo das forças contra-revolucionárias e nomeadamente dos agentes da CIA em Portugal e seus lacaios portugueses, era dividir a Armada, barreira que os impede de se apoderarem da máquina e da hierarquia militar para as entregarem ao grande capital monopolista nacional e internacional, que joga neste momento a sua decisiva cartada.

Praças da Marinha, sargentos e oficiais revolucionários estavam porém atentos à manobra divisionista e não se deixaram perturbar. A sólida formação política de muitos deles é um grande obstáculo às manobras da CIA e dos contra-revolucionários qualquer que seja a cor e as roupagens que apresentem.

O almirante Rosa Coutinho, abordado pelos jornalistas, não se esquivou a comentar este assunto afirmando: «A Armada conserva a unidade no seu espírito revolucionário e o seu desejo e determinação de ajudar a construir uma sociedade socialista em Portugal». E referindo-se à reunião efectuada no Clube Militar Naval, a que vários órgãos de informação direitistas atribuiram uma grande importância, Rosa Coutinho revelou que esse assunto seria discutido, bem como os seus reflexos na Armada, «na certeza que a Armada está disposta a manter a sua unidade e não deixar que quaisquer manobras divisionistas provocadas do exterior, venham perturbar a coesão necessária para o avanço da Revolução».

Sobre a sua possivel nomeação para o cargo de chefe do Estado-Maior da Armada, o almirante Rosa Coutinho esclareceu que esse assunto não competia a esta assembleia discuti-lo e já tinha sido esclarecido, sendo agora objecto de resolução do Conselho da Revolução.

O P.C.P. ESCLARECE CONTACTOS

O menos que se poderá dizer de tais práticas, é que elas são estranhas a qualquer ética e falsas da necessária noção das responsabilidades» — Lê-se numa nota emitida ontem pela SIP, Secção de Informação e Propaganda do PCP. É a propósito de recentes declarações do secretário-geral do PS, Mário Soares, sobre contactos que o PCP fez e não fez ou tentou e não tentou, respectivamente, com os partidos social-democrata da RFA e Trabalhista, de Inglaterra.

Diz a nota do SEIP, situando a questão que em torno de tais declarações e do seu esclarecimento se levantam; «como é do conhecimento público, dirigentes socialistas e social-democratas europeus têm feito declarações sobre a situação em Portugal, em geral, o PCP, em particular, que nada têm a ver com a realidade. Tais declarações demonstram que, além de outras razões, eles recebem uma informação unilateral, falsificadora, não apenas do quadro geral, mas dos próprios factos elementares da vida política portuguesa». Foi, pois, «a fim de que essa unilateralidade e desinformação não pudessem ser invocadas como razão suficiente para o falso panorama que esses dirigentes divulgam», que o PCP «considerou a possbilidade de enviar uma delegação contactar alguns partidos socialistas e social-democratas europeus em missão de informação».

Concretamente: foi feita uma sondagem à direcção do Partido Social Democrata Alemão. Daqui o PCP obteve a resposta de que não haveria necessidade de que uma delegação sua se deslocasse à RFA: brevemente virá a Portugal uma delegação com alguns membros da direcção daquele partido. Comenta o PCP: «Poderá concluir-se de tal resposta que o PSD da RFA não mostra particular interesse em se informar de molde a poder ajuizar objectivamente sobre tão complexa e controvertida situação como a Revolução Portuguesa — pelo que as suas opiniões se mantêm voluntariamente tendenciosas, marcadas pela unilateralidade e faccsismo que lhes é imprimida pelo PS português. «E o PCP aproveita para sublinhar o facto de ter sido o PS português que tornou públicas as diligênias que o PCP tinha efectuado. A propósito: «Se encontros solicitados e diiligências várias feitas pelo PS junto de partidos comunistas e seus resultados forssem por tal forma divulgados, decerto haveria acusações ao PCP por não respeitar regras elementares em relações políticas».

Quanto a Harold Wilson ou o Partido Trabalhista inglês, o PCP desmente que tenha feito quaisquer diligências idênticas às que fez junto do Willy Brandt e o PSD alemão, muito embora admita que possa vir a fazê-las oportunamente.

MANIFESTAÇÃO EM LISBOA

Continuação da pág. 1

classe operária, darão à burguesia, em tempo devido, a resposta devida: a resposta da revolução à exploração e opressão».

Por seu turno, o Partido Revolucionário dos Trabalhadores entende que a manifestação pode ser um momento importante da luta dos órgãos de poder operário e popular contra o poder da burguesia, apoiando-a. Considera, todavia, que «a precipitação com que foi convocada impediu que os problemas imediatos das massas trabalhadoras fossem amplamente discutidos em assembleias de fábricas e que os objectivos concretos de mobilização fossem democraticamente decididos».

O Movimento Democrático Português também manifestou publicamente a sua adesão, convidando os seus activistas, aderentes, simpatizantes e o povo trabalhador em geral a integrar-se activamente nesta realização.

O Partido Comunista Português, no decorrer do comício realizado na terça-feira, afirmou publicamente apoiar a iniciativa, apelando à participação dos seus militantes.

Recorde-se que esta manifestação, na intenção dos organizadores, se insere num vasto plano de mobilização popular em defesa das conquistas revolucionárias, contra as manobras do capitalismo interno e internacional, patentes na grave crise política que o País atravessa.

Num momento em que a composição e reais objectivos do VI Governo são ainda desconhecidos, uma ampla manifestação de vontade e firmeza revolucionárias das massas trabalhadoras adquire particular significado.

APOIO DA R.G.

Os trabalhadores da Renascença Gráfica, empresa editora do «Diário de Lisboa» e «Sempre Fixe», em abaixo-assinado largamente subscrito, decidiram manifestar «o seu integral apoio à manifestação unitária e apartidária convocada por 40 comissões de trabalhadores das principais empresas da cintura industrial de Lisboa», declarando-se na «disposição de prosseguir firmemente na defesa das conquistas revolucionárias, contra as manobras do capitalismo, rumo ao socialismo».

COMUNISTAS POLACOS COM ÁLVARO CUNHAL

. VARSÓVIA, 18 — (FP) — O chefe do Departamento Estrangeiro do Comité Central do Partido Operário Unificado polaco (comunista) encontrou-se em Lisboa com o dr. Álvaro Cunhal e com outros elementos do P.C.P., segundo hoje revela a agência «PAP».

As conversações incidiram, de acordo com a agência polaca, sobre a cooperação e consolidação ulterior da unidade do Movimento Comunista Operário internacional.

O dr. Álvaro Cunhal fez-se acompanhar por Sérgio Vilarigues e por Aurélio Santos.

À PROCURA DE UM GOVERNO

Continuação da pág. 1

mãos. Daí, as declarações secas de Magalhães Mota à saída, afirmando simplesmente aos jornalistas que as conversações continuaram hoje e prosseguem amanhã». Esta dificuldade, no entanto, parece não ser inultrapassável, sendo muito provável que se tenha arranjado uma solução no decorrer do encontro desta manhã.

Por outro lado é igualmente de grande importância a reunião de hoje do Conselho da Revolução, que está em Belém desde as 15,30, esperando-se que, entre outros pontos, se debruce sobre a questão dos ministros militares e o «destino» a dar aos oficiais que deixaram de pertencer ao C.R. O comandante Martins Guerreiro que ontem foi escolhido (confirmado) pela Assembleia da Armada como seu representante no Conselho da Revolução, não participará nessa reunião, uma vez que parte à tarde para Bruxelas a fim de assistir a uma reunião do Conselho Mundial para a Paz e Cooperação.

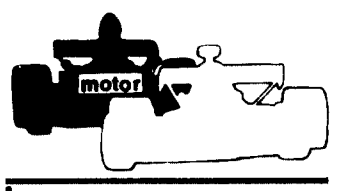
Ontem o dia político foi preenchido pelos encontros do Presidente da República e Primeiro-Ministro com os três partidos maioritários. A 1.ª reunião verificou-se ao fim da manhã, tendo estado presentes o P. C. (Álvaro Cunhal) e Octávio Pato) e mais tarde o P. S. (Mário Soares, Lopes Cardoso, Jorge Campinos e Sottomayor Cardia). Antes deste encontro Costa Gomes e Pinheiro de Azevedo estiveram a trabalhar em conjunto.

À tarde, depois de terem sido recebidos em Belém representantes do P. P. M. (Partido Popular Monárquico) e o Presidente da República se ter avistado com Luís Moita, secretário de Estado cessante da Emigração, foi a vez de o P. P. D. (Emídio Guerreiro Magalhães Mota, Sá Borges e Alfredo Morgado), sempre na companhia do P. S., reuniram com Costa Gomes e Pinheiro de Azevedo.

O encontro demorou algumas horas e Mário Soares, que saiu mais cedo (eram quase 21 horas) declarou aos jornalistas que a situação se tinha desbloqueado bastante. Mais seco e menos optimista se mostrou Magalhães Mota, quando cerca das 22,30, já com a reunião terminada, afirmou simplesmente que «as conversações prosseguiram e continuam amanhã». Duas posições diferentes que podem requerer significar muito — não sendo de excluir a hipótese de o P. P. D. estar a verificar que as suas exigências, de que diz não abdicar, não só não terão encontrado o eco que esperavam junto do Presidente da República e do Primeiro-Ministro, como até o próprio P. S., que sempre se bateu pela presença dos pêpêdistas no VI Governo, se terá «agastado» com a sua intransigência, admitindo a hipótese da constituição do elenco ministerial sem a sua participação. Neste ponto, porém, adiantam alguns observadores que o P. S. admite igualmente a hipótese de vir a constituir Governo tambem sem os comunistas — isto é, apenas com elementos do seu Partido, que é aquele que obteve mais votos nas eleições para a Constituinte, militares ligados ao grupo dos «Nove» e os já famosos independentes.

Neste contexto ganham cada vez maior relevo as palavras de Álvaro Cunhal proferidas anteontem no Campo Pequeno: «Parece haver quem, à última hora, procura impedir os comunistas de participar no VI Governo Provisório e criar um impasse que leve à formação de um Governo mais à direita. Faremos tudo para evitar tal impasse. Mas se o almirante Pinheiro de Azevedo não puder levar a cabo a sua missão, não se devem iludir os reaccionários, pois encontrarão pela frente a resistência heróica da classe operária e das massas trabalhadoras firmemente decididas a defender as liberdades».

SOLIDARIEDADE POPULAR PARA "REPÚBLICA"

. «Não é o C.R. nem o novo Governo da burguesia quem vai decidir do futuro do «República». Este não é o seu jornal. É o jornal dos trabalhadores e serão estes a decidir» — declarava ontem em editorial o jornal «República» onde, à luta pela independência, que avançou decisivamente no dia em que a maioria dos seus trabalhadores decccidiu expulsar a Direcção e Redacção partidárias, veio juntar-se a necessidade de lutar pela sobrevivência, a partir do momento em que o novo Conselho da Revolução decidiu recusar o aval para o empréstimo que aquele vespertino precisa de contrair junto da Banca nacionalizada.

«São as organizações dos trabalhadores quem deve decidir do aval, quem deve decidir da linha política pelo jornal, quem deve exercer o controlo operário sobre o seu órgão de Informação», acrescentava. Concretizando esta afirmação, realizava-se ontem à tarde nas instalações do «República» um plenário em que, além dos trabalhadores do jornal estavam presentes organizações de poder popular, de operários e de soldados. A este encontro outros deverão seguir-se, com comissões de trabalhadores, comissões de moradores e organizações autónomas de soldados e marinheiros cujas lutas aquele vespertino vem defendendo na prática quotidiana, em obediência ao próprio estatuto editorial, que consagra a independência do «República» e a sua colocação ao serviço dos explorados e oprimidos.